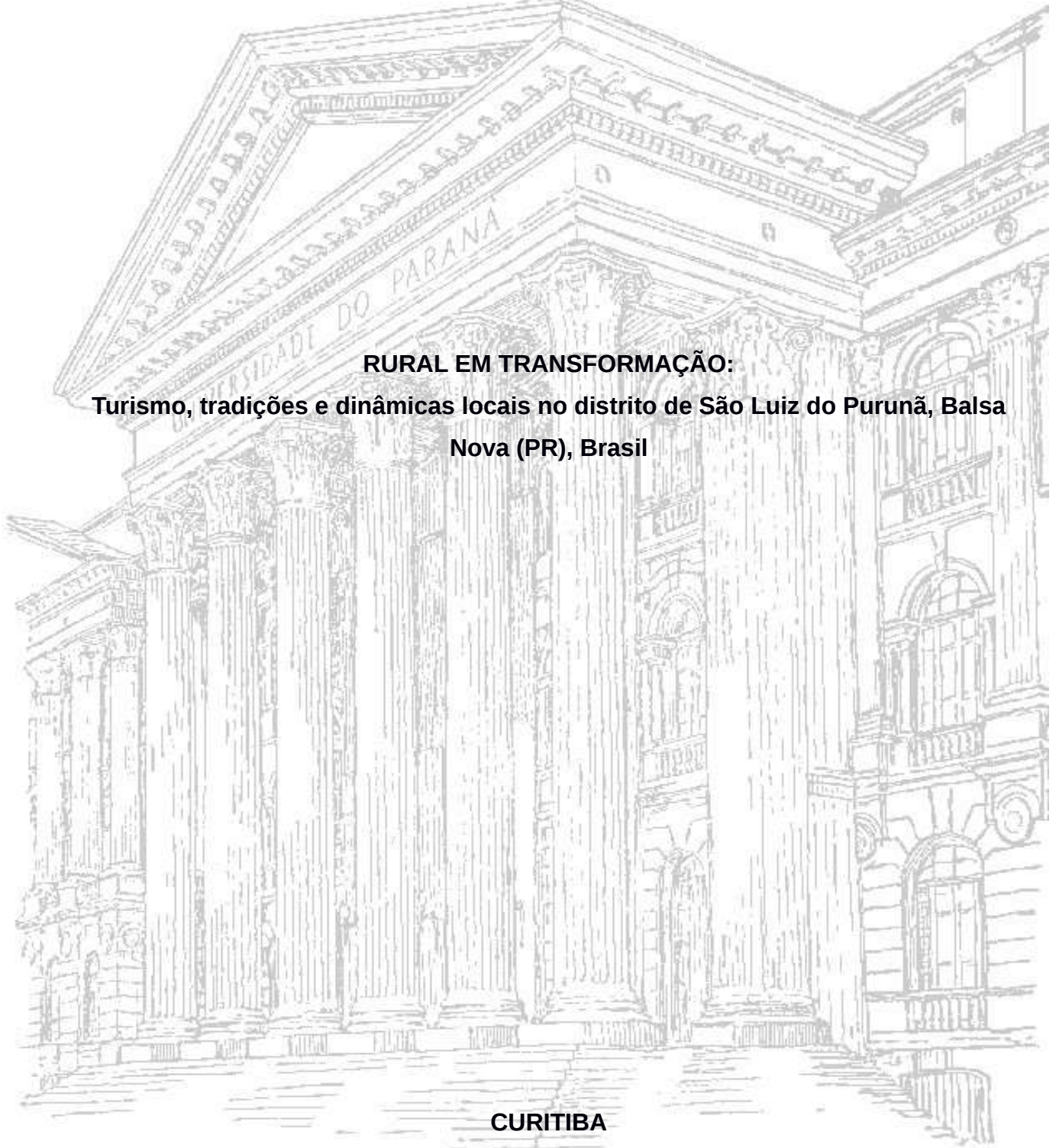


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RAFAEL JOSÉ RAMOS SILVA

RURAL EM TRANSFORMAÇÃO:

**Turismo, tradições e dinâmicas locais no distrito de São Luiz do Purunã, Balsa
Nova (PR), Brasil**



CURITIBA

2014

RAFAEL JOSÉ RAMOS SILVA

RURAL EM TRANSFORMAÇÃO:

**Turismo, tradições e dinâmicas locais no distrito de São Luiz do Purunã, Balsa
Nova (PR), Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Ciências Sociais, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Álfio Brandenburg

CURITIBA

2014

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR -
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS, MARIA TERESA ALVES GONZATI CRB 9/1584
COM OS DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)**

Silva, Rafael José Ramos

Rural em transformação : turismo, tradições e dinâmicas locais no distrito de São Luiz do Purunã, Balsa Nova (PR), Brasil / Rafael José Ramos Silva. - Curitiba, 2014. 132 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Alfio Brandenburg

1. Turismo rural - Paraná. 2. Tradição. 3. Balsa Nova, PR. I. Brandenburg, Prof. Dr. Alfio. II. Título. III. Universidade Federal do Paraná.

CDD 338.4791



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
Rua General Carneiro, 460 - 9º andar-sala 906 Fone e Fax: 3360-5173

PARECER

A banca examinadora, instituída pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, após arguir o(a) candidato(a) **Rafael José Ramos Silva**, em relação ao seu trabalho de dissertação intitulado "RURAL EM TRANSFORMAÇÃO: TURISMO, TRADIÇÕES E DINÂMICAS LOCAIS NO DISTRITO DE SÃO LUIZ DO PURUNÃ, Balsa Nova (PR), BRASIL" é de parecer favorável à APROVAÇÃO COM DISTINÇÃO do(a) acadêmico(a), habilitando-o(a) ao título de *Mestre* em Sociologia, linha de pesquisa linha de pesquisa "Ruralidades e Meio Ambiente" da área de concentração em SOCIOLOGIA. Curitiba, 30 de maio de 2014.

Prof. Dr. Márcio Sérgio Batista Silveira de Oliveira

Prof. Dr. Rodrigo Constante Martins

Prof. Dr. Álfio Brandenburg
Orientador e presidente da banca examinadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de mencionar o grato privilégio de ter o Professor Alfio Brandenburg como orientador desse trabalho.

Agradecimentos especiais a minha família, aos amigos, aos colegas da pós-graduação em Sociologia da UFPR, aos docentes e funcionários do departamento, e aos professores que compuseram a banca de qualificação e a banca de defesa.

Agradeço também aos moradores de São Luiz do Purunã, sem os quais não seria possível a realização desse trabalho. Da mesma forma agradeço aos funcionários dos locais de pesquisa (Bibliotecas, arquivos e outras instituições) e a Capes pela bolsa de pesquisa.

“Ao sair para caminhar, naturalmente nos dirigimos aos campos e às florestas.
Que seria de nós se andássemos apenas nos jardins ou nas avenidas?”
Henry David Thoreau

RESUMO

A presente dissertação é resultado do estudo realizado em 2012 e 2013 no distrito de São Luiz do Purunã (Balsa Nova – Paraná). Teve como objetivo geral analisar o impacto dos diferentes momentos do turismo em espaço rural dessa localidade, buscando identificar que relações transformadoras foram estabelecidas com o gauchismo enquanto parte importante das tradições locais e que impactos trouxeram para as dinâmicas locais. Nesse sentido, procurou-se compreender – a partir de pesquisa qualitativa – as relações do rural de São Luiz do Purunã com o conjunto das transformações que ocorreram na sociedade, a fim de colocar em discussão dados acerca das manifestações culturais gaúchas e sua relação com as iniciativas para o turismo em espaço rural, na intenção de perceber como as características locais foram apropriadas e transformadas pela indústria do turismo e como isso se vincula a inserção de São Luiz do Purunã na discussão da ruralidade contemporânea. O recorte temporal apresenta maior concentração a partir da década de 1960, dando enfoque as festas gaúchas, até os dias atuais, quando se prioriza outras formas de turismo em espaço rural, chamado de turismo diferenciado. Constatou-se que esses momentos apropriam-se de forma diferenciada das tradições locais, o primeiro exerce um trabalho dinâmico de interpretação do passado, enquanto o segundo resgata um passado longínquo em busca do “autêntico”. O estudo também verificou que esse segundo momento é configurado pela emergência de uma ruralidade produzida, em grande parte, por atores urbanos que buscam o rural de São Luiz do Purunã como fuga do ambiente urbano. Esse novo significado causa um fluxo de pessoas em direção a São Luiz do Purunã, mas apresenta pouco impacto no desenvolvimento local, inclusive pelo fato da estrutura turística não estar sob o monopólio da população local.

Palavras-chave: Turismo. Ruralidade. Tradições.

ABSTRACT

The present dissertation is a result of a study realized in 2012 and 2013 in the district of São Luiz do Purunã (Balsa Nova – Paraná). It has a general objective was analyzing the impact from different moments of tourism in this rural area seeking to identify which transformer relations were established by *gauchismo* while some important part from local traditions and what impacts it brought to the local dynamics. In this way we seek to understand - from a qualitative research - the relation from the rural São Luiz do Purunã area to the group of transformation that happened in society in order to put in discussion datas around *gaúcho* cultural events in São Luiz do Purunã and its relation with initiatives to rural tourism wishing to realize how the local characters were appropriated and transformed by the tourism industry and how it binds the insertion of São Luiz do Purunã in discussion about contemporary rurality. The worldly snip shows a biggest concentration after 1960s, focusing the *gaúchas* parties until nowadays when prioritizes other ways of tourism in the rural space, called by differentiated tourism. It was found that these moments own in a differentiated way from local traditions, the first exerts a dynamic work of past interpretation while the second rescues a far past seeking the "authentic". The study also verified that the second moment is configured by the emergency of a produced rurality, in a biggest part by the urban actors who find the rurality of São Luiz do Purunã as a escape from the urban environment. This new meaning causes a flow of people toward São Luiz do Purunã, but shows a little impact for the local development, including the by fact of the touristic structure doesn't be below the local population monopoly.

Keywords: Tourism. Rurality. Traditions.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – MAPA DA ÁREA DE ESTUDO	14
FIGURA 2 – SÃO LUIZ DO PURUNÃ – Balsa Nova (PR)	15
FIGURA 3 – RODEIO CRIOULO EM SÃO LUIZ DO PURUNÃ NO ANO DE 1964	42
FIGURA 4 – XVI RODEIO CRIOULO DO PARANÁ	45
FIGURA 5 – COMÉRCIO E O RODEIO	49
FIGURA 6 – COMÉRCIO E O RODEIO	49
FIGURA 7 – CTG SÃO LUIZ DO PURUNÃ, RODEIO DE 1992	50
FIGURA 8 – XXXII RODEIO CRIOULO EM SÃO LUIZ DO PURUNÃ	55
FIGURA 9 – GRUPO DE DANÇAS GAÚCHAS, 2004	66
FIGURA 10 – TRADICIONALISTAS DE SLP EM EVENTO GAÚCHO	67
FIGURA 11 – ATIVIDADE ESCOLAR	68
FIGURA 12 – RODEIO CRIOULO EM PORTO AMAZONAS (PR)	69

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

APA	Área de Preservação Ambiental
CBTG	Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
IGTF	Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore
MTG	Movimento Tradicionalista Gaúcho
PR	Paraná
RS	Rio Grande do Sul
SLP	São Luiz do Purunã

1	INTRODUÇÃO.....	7
1.1	ÁREA DE ESTUDO E OBJETIVOS DE PESQUISA.....	11
1.2	INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	16
2	IDENTIDADE GAÚCHA EM SÃO LUIZ DO PURUNÃ.....	18
2.1	ANTECEDENTES HISTÓRICOS: O TROPEIRISMO.....	18
2.1.1	Atividade tropeira em SLP.....	19
2.1.2	Tropeiros de São Luiz do Purunã.....	21
2.2	TRADICIONALISMO GAÚCHO.....	23
2.2.1	O movimento de Porto Alegre (RS).....	24
2.2.2	O gauchismo em SLP.....	26
2.2.2.1	A importância do tropeirismo.....	26
2.2.2.2	Criação e consolidação inicial do gauchismo em SLP.....	28
2.2.2.3	Porosidade e os limites entre o “nós” e o “eles”.....	31
2.2.2.4	Influência do agente externo e outros fatores de consolidação do gauchismo em SLP.....	33
3	TURISMO EM SÃO LUIZ DO PURUNÃ.....	35
3.1	A DINÂMICA TURÍSTICA EM SÃO LUIZ DO PURUNÃ.....	35
3.2	DAS PRIMEIRAS FORMAS DE TURISMO AO TURISMO DE MASSA.....	35
3.2.1	Ainda no século XIX.....	35
3.2.2	Na rota do turismo.....	37
3.2.3	As festas gaúchas em SLP.....	38
3.2.3.1	O rodeio Crioulo.....	38
3.2.3.2	Últimos anos do rodeio crioulo do Paraná.....	53
3.2.3.3	Outros eventos gaúchos em SLP antes do término do rodeio crioulo.....	54
3.2.3.4	Os rodeios e outras festas gaúchas na atualidade de SLP.....	55
3.2.4	Configurações e reconfigurações das tradições gaúchas de SLP a partir do turismo de rodeio.....	58
3.2.5	Olhares locais sobre as tradições gaúchas na atualidade.....	64
4	TURISMO EM ESPAÇO RURAL, DINÂMICAS LOCAIS E OLHARES LOCAIS.....	68
4.1	DO TURISMO DE MASSA AO TURISMO DIFERENCIADO.....	69
4.1.1	As primeiras pousadas e as novas formas de turismo.....	74
4.1.1.1	As pousadas e outros projetos turísticos em SLP.....	76
4.1.1.2	Segunda residência/turismo habitacional:.....	78
4.2	OLHARES LOCAIS SOBRE O TURISMO ATUAL.....	79

4.3	TURISMO EM SLP E AS DINÂMICAS LOCAIS.....	82
5	SÃO LUIZ DO PURUNÃ E O RURAL MODERNO.....	89
5.1	À GUISA DE CONCLUSÃO.....	106
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
	REFERÊNCIAS.....	112
	ANEXO 1 – FOTOS DOS RODEIOS CRIoulos DE SÃO LUIZ DO PURUNÃ.....	121
	ANEXO 2 – FOTO DE GEO SÍMBOLOS DE SÃO LUIZ DO PURUNÃ.....	129
	ANEXO 3 – FOTO DE TORNEIO DE LAÇO EM SÃO LUIZ DO PURUNÃ.....	130
	ANEXO 4 – FOTO TURISMO EM ESPAÇO RURAL.....	131
	ANEXO 5 – MAPA DE CONCENTRAÇÃO DO TURISMO.....	132

1 INTRODUÇÃO

Quem está a balançar: sou eu, é a cadeira ou é o mundo?
Mia Couto

Toda pesquisa acadêmica passa pelas perspectivas já existentes do autor, Durkheim diria que não seriam inúteis os conceitos vulgares preexistentes, pois poderiam servir de guia ao cientista, já que por seu “intermédio, somos informados de que, nalgum lugar, existe um conjunto de fenômenos reunidos sob uma mesma apelação” (1982, p. 32).

Em meu caso, São Luiz do Purunã (SLP), foi uma constante importante. O atual município de Balsa Nova foi o local de nascimento, vida e morte de grande parte dos meus antepassados. Em mais da metade da minha vida estive presente como morador nesse município, e mesmo nos demais períodos a ausência nunca foi total.

Nascido em Balsa Nova, descendente de pequenos agricultores, lenhadores e ervateiros, aos sete anos passei a residir no distrito de SLP, por lá ficando até os 14 anos.

Acompanhei as grandes festas de rodeio, informei turistas em busca de pousadas, conversei com mochileiros, ciclistas e trilhei grande parte dos caminhos que levavam a rios, cachoeiras e formações rochosas da região.

Grande parte da minha infância se passou na região central do distrito, foi ali que frequentei a escola primária, onde presenciei colegas indo à escola de bombacha, alguns cantando “de cor” músicas gauchescas, e a euforia nos dias que antecediam a festa de Rodeio. E se isso não for uma reconstrução do passado, já perguntava o porquê da cultura gaúcha em SLP.

Tempos mais tarde, já na universidade, ouvi inúmeras vezes “ah você morou lá onde tem o rodeio”, ou atribuições mais específicas como “São Luiz é um pedacinho do Rio Grande do Sul no Paraná”.

Nas vezes que voltei em visitas esporádicas, foi comum ouvir sobre determinados veículos que faziam reportagens sobre a região, e por vezes alguns colegas chamavam atenção sobre algum programa televisivo que mostrava a localidade. Esses eventos direcionavam a pensar que algo acontecia em SLP e que de certa forma se ligavam as minhas inquietações acerca das tradições gaúchas.

Mas foi somente agora, que encontramos um espaço onde poderíamos nos ater com um pouco mais de verticalidade sobre os assuntos que se desdobram em SLP. A pesquisa como processo dinâmico e mutável, nos ajudou a trazer outros olhares, sobre nós mesmos e sobre a região. A colocação de perguntas, a chegada de novos questionamentos e o abandono de interrogações, foram ações recorrentes, o que faz do presente texto o resultado das mudanças e desvios de rota, geradas nos momentos de entrevistas, nas orientações, nas observações de campo e nas horas passadas no arquivo municipal de Campo Largo ou na Biblioteca Pública do Paraná. Com certa facilidade pode ser observado no decorrer do texto àquilo que Bourdieu (1989, p. 19) chamou de “vestígios da pincelada, os toques e os retoques”.

Superposição ou justaposição evidente entre o presente tradicional e o presente moderno, cenário de discussões contemporâneas acerca do significado do espaço rural e o papel da cultura objetificada para o desenvolvimento local, das novas ocupações trabalhistas no meio rural, dos papéis e funções das comunidades locais na preservação dos ambientes antropicamente menos impactados, São Luiz do Purunã, guarda em seu espaço todas essas problemáticas modernas.

Atrás da sua pacata aparência de vilarejo antigo, surgem vários dados importantes para a compreensão e interpretação da dinâmica da ruralidade contemporânea, trazendo a possibilidade de que em um estudo idiográfico seja possível apreender a generalidade na particularidade. Principalmente pelo fato de que passamos por um aumento significativo do interesse e revalorização do mundo rural, enquanto local onde se busca a preservação ambiental e um reencontro com a natureza (BRANDENBURG, 2010, p. 179), pautas presentes em SLP. Esse quadro cria uma nova direção de deslocamento, não mais restrita “na cidade que atrai o campo”, mas cria-se uma faixa onde “é o campo que atrai a cidade” (BRANDENBURG, 2010, p. 425).

De modo geral, essa agenda criadora de fluxos em direção ao campo permite uma série de mudanças que não se referem apenas aos novos atores e as novas atividades, mas também do conflito que surge dessa trama, principalmente pela atribuição de diferentes imagens, interesses e finalidades sobre esses espaços. (CARNEIRO, 2008, p. 26), propiciando diferentes reações nas culturas locais seja como formas de adaptação, reação ou esquecimento.

Para Fabiana Almeida o aumento dos fluxos e a mudança nas noções de distancias geográficas atingem em diferentes níveis os chamados espaços

tradicionais (ALMEIDA, 2009, p. 55), fazendo com que independente do nível de autenticidade a cultura local possa ser submetida a cultura de massa, através das informações de rápido alcance e da midiaticização dessas informações (KAYSER, S/D, p. 1), contudo, diferente do que possa parecer isso não aponta necessariamente para o desaparecimento das peculiaridades locais na globalização sendo que ainda permanecem e muitas vezes se fortalecem, seja na reafirmação das particularidades como forma de resistência a movimentos com potenciais homogeneizadores, ou junto a muitas demandas globais que estão centradas na busca pelo “autêntico” e pela participação e conhecimento da diferença, fazendo com que uma rede de novas relações sociais seja estabelecida, ou possível de ser estabelecida.

Nesse quadro o rural como destino tem ganhado notoriedade, alavancando o aumento das diversas formas de turismo em espaço rural, das casas de campo, dos espaços para eventos e da ampla discussão que emerge desse panorama.

Esse novo momento que coloca o rural como opção importante na decisão de deslocamento, tem sido visto como possibilidade de dinamizar e desenvolver a economia das localidades que se assentam nesses espaços, inclusive com o fortalecimento das identidades e culturas locais, como diria Kayser "a conotação cultural regional é reconhecida por todos, através das especificidades legadas pelo passado e ainda vivas: a pronúncia, ou mesmo a língua ou o dialeto, os gostos, os comportamentos coletivos e individuais, etc.". (S/D, p. 2)

Como nas últimas décadas a crescente abrangência e descentralização das forças globais fez crescer a influência de organismos externos sobre o indivíduo e do indivíduo sobre essas mesmas forças globais (GIDDENS 1997, p. 75), as culturas locais também passaram a sofrer pressões externas de diferentes ordens e que podem – e quase sempre o fazem – provocar alterações nos contextos locais, movimentando uma quantidade considerável de mudanças a nível individual e coletivo.

É dentro desse quadro que buscamos estudar as tradições gaúchas na localidade de São Luiz do Purunã e como ela se relaciona e sofre impactos frente a novos mercados propiciados por uma nova agenda mundial, seja em um primeiro momento na necessidade de se reafirmar frente aos avanços da modernidade seja posteriormente na configuração que ocorre frente a novas demandas econômicas,

em nosso caso o mercado turístico, e como esse mercado interfere nas dinâmicas locais.

O turismo que pela produção literária da década de 1970 (BARRETO, 2000, p. 89) aparecia como um mercado promissor capaz de aglutinar dinâmicas difíceis como crescimento econômico, desenvolvimento social e proteção ambiental passou a ser questionado pelo viés econômico na década de 1990, a partir de algumas resultantes como as crises do desemprego que mostravam uma ampla parcela excluída desse tipo de indústria (do turismo) e da participação econômica inócua das populações locais. Os estudos geográficos e sociológicos levantariam outros pontos como a destruição do meio ambiente, principalmente com a transformação da paisagem em mercadoria e dos turistas em consumidores, em uma relação antiecológica de consumo (CORIOLANO, 1999, p. 94) ocasionando a destruição da cobertura vegetal, comprometimento da qualidade da água, extinção da fauna, vandalismo, poluição arquitetônica, rompimento da cadeia alimentar, proliferação de determinadas espécies, a isso somava-se os impactos nas localidades receptoras e nas camadas sociais economicamente incapazes de participar do processo, gerando "a frustração pelo contato com uma sociedade de consumo" que não podiam usufruir (BARRETO, 2000, p. 89 e 117).

Esses motivos levaram a uma crise do que passou a ser chamado de turismo de massa, caracterizado pelos destinos comuns e por pacotes turísticos convencionais, ao tempo que ganhava força e forma o turismo diferenciado e personalizado.

Na esteira dessa nova concepção, surgiram as diversas formas de turismo no espaço rural (turismo de natureza, turismo rural, turismo cultural, ecoturismo, agroturismo, turismo verde, etc.), que continham a mesma dose de messianismo do turismo convencional da década de 70. Cabe então verificar se aqueles padrões de consumo característicos do turismo de massa desaparecem nas novas formas de turismo ou são apenas mascarados, se os novos padrões são justificáveis para serem estabelecidos dentro de uma concepção de desenvolvimento local, e ainda, se essas formas de turismo diferenciado seriam capazes de transpor as contradições intrínsecas do turismo na sociedade capitalista.

A contradição mais evidente estaria no motivo de deslocamento do turismo. No caso da autenticidade, ao tempo que explora os modos diversos de vida, acaba descaracterizando-os, o que em médio prazo pode acarretar a massificação do rural,

perda da autenticidade e queda da procura turística (ALMEIDA, 2009, p. 61), mesma lógica do uso da paisagem como engodo, já que a atividade turística quando degrada o meio ambiente também prejudica o próprio turismo (CORIOLANO, 1999, p. 97) como diria Eduardo Yázigi “a banalização pode ser o próprio suicídio do turismo” (1996, p. 11)

Essas problemáticas somadas ao crescimento do setor turístico traz a necessidade de estudar os impactos que o chamado turismo diferenciado vem causando no espaço rural.

1.1 ÁREA DE ESTUDO E OBJETIVOS DE PESQUISA

São Luiz do Purunã (SLP) classificado como distrito está localizado no município de Balsa Nova (BN), região leste do Paraná, há 50 km da capital, Curitiba. Situado as margens da BR 277, que liga Curitiba a Ponta Grossa. A altitude é de aproximadamente 1025 metros, com clima subtropical úmido mesotérmico e ocorrência de geadas fortes e frequentes. A média de temperatura varia entre os 18°C e 22°C, com clima do tipo Cfb segundo a classificação de Köppen (IAPAR, 1978) e precipitação anual de 1.600mm (MIRANDA et al, 2009). De revestimento vegetal composto por espécies características dos campos limpos (Estepes), e da floresta com araucária (Floresta Ombrófila Mista), (SEMA, 1995; MAACK, 1968).

SLP aparece no cenário paranaense, desde o século XVIII, possivelmente surgindo com o ciclo de exploração mineral ou como curral de criação de gado cavalariço, mular e vacum e posteriormente também como passagem do ciclo de tropas.

Em 1706 a Fazenda São Luís aparece como sesmaria pertencente a Manoel Gonçalves de Aguiar (LOPES, 2006, p. 96) e posteriormente dentro do vínculo de Nossa Senhora das Neves, instituído por Aguiar (WESTPHALEN, 1995, p. 25), contudo mesmo que rememore ao início do século XVIII, já como sesmaria, são poucas evidências que possibilitam uma descrição precisa. Somente dados do século XIX darão um quadro menos obscuro, mostrando que SLP possuía uma estrutura significativa, com hotel, escola e armazém, configuração colaborada pela posição geográfica na rota das tropas que se deslocavam do Rio Grande do Sul e seguiam para São Paulo, além da passagem dos carroções de erva mate.

Além das atividades laborais características dos bairros rurais na época, como a agricultura e pecuária de subsistência, SLP teve alguns de seus membros

ocupados no trabalho com transporte de gado. O tropeirismo persistiu como ocupação trabalhista até meados da década de 1950 e desde então tem sido revisitada por diferentes ações que ocorrem no espaço de SLP, possivelmente pela importância que alguns tropeiros tiveram na criação de uma memória local a partir da década de 1960 quando foram intermediários do início do gauchismo com a fundação do Centro de Tradições Gaúchas São Luiz do Purunã (CTG) que fará da localidade um espaço conhecido pelas festas chamadas rodeios.

Consideramos as festas de rodeio iniciadas na década de 1960 como um turismo cultural que vai produzir um turismo de massa a partir da década 1980 e catalisar um turismo diferenciado a partir da década de 1990, esses três momentos farão uso, com menor ou maior intensidade, da figura do tropeiro e do gaúcho.

O quadro expressivo e visível das festas e do gauchismo na localidade em sua relação com o mercado turístico foi um dos fatores que nos chamaram atenção para o estudo do lugar, o outro fator vinha na percepção de uma forte preocupação empregatícia visível na fala dos atores e corroborada pelos baixos índices de empregos gerados a nível nacional no final da década de 1990. Outros aspectos que nos fizeram optar por essa região foram a proximidade com a capital Curitiba, o prévio conhecimento de alguns problemas sociológicos, a evidência das tradições gaúchas e principalmente a forte presença do turismo em espaço rural, fazendo de SLP um local de fluxos contrastantes e maior entrecruzamento de interesses, conflitos e tensões dentro de um movimento contínuo e cada vez mais acelerado de demandas externas e internas, que colocavam tudo em movimento, mas conviviam com enclaves de um rural tradicional e formas de "proteção" a fundamentos da vida camponesa bastante visíveis.

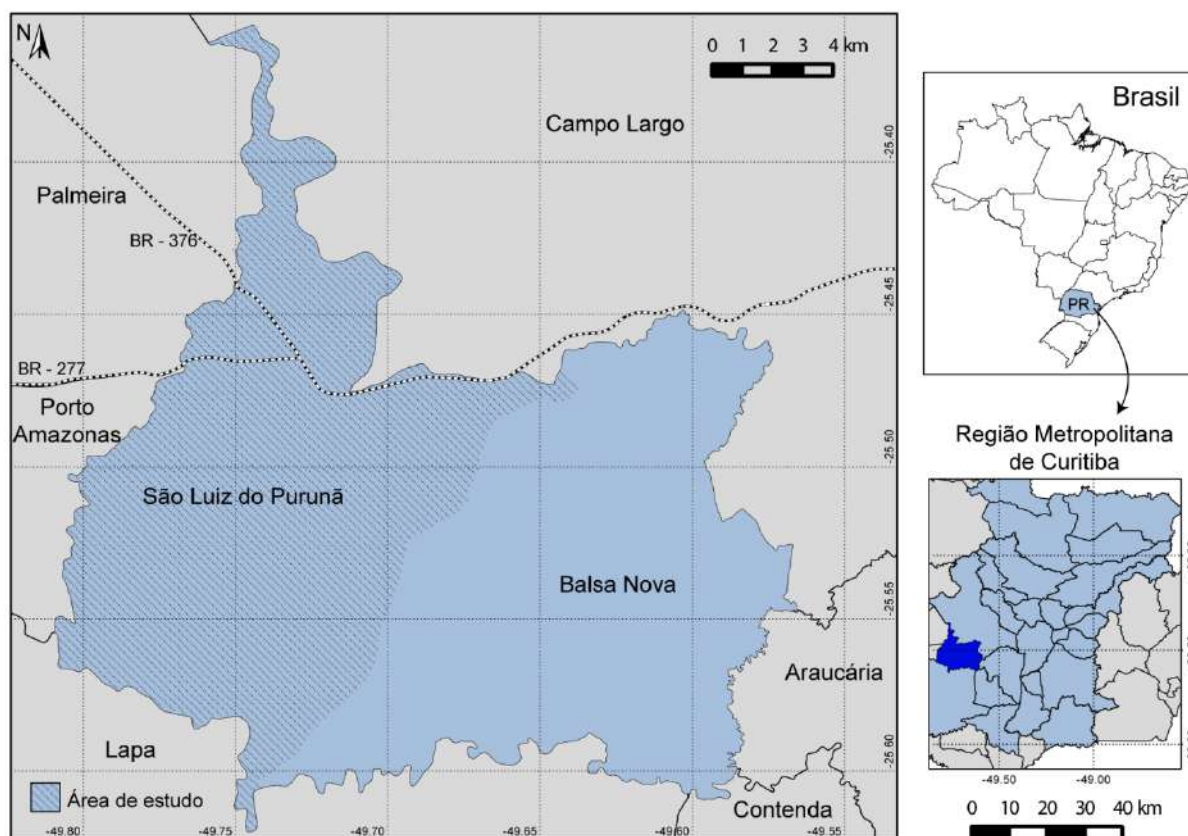
Inserindo nosso trabalho numa perspectiva que busca estudar a influência do turismo na dinâmica da ruralidade no Brasil, temos como objetivo geral analisar o impacto dos diferentes momentos do turismo no espaço rural de SLP buscando perceber que relações transformadoras estabelecem com o gauchismo enquanto parte importante das tradições locais e que impactos trazem para as dinâmicas locais. Nesse sentido buscamos entender o significado dos rituais do gauchismo dentro do seu contexto total, como diria Thompson "O significado de um ritual só pode ser interpretado quando as fontes (algumas delas coletadas pelos folcloristas) deixam de ser olhadas como fragmento folclórico, uma "sobrevivência" (2012, p. 238).

Para compreender essa realidade buscamos as relações do rural de SLP com o conjunto de transformações que ocorrem na sociedade, buscando responder estas questões: Quais são e como se deu o desenvolvimento histórico das manifestações culturais gaúchas em SLP? Quais as ocupações trabalhistas da população? De quem são as iniciativas para o turismo em espaço rural? Quais são as manifestações culturais da comunidade? Como aquilo que denominamos cultura local foi apropriada e transformada pela indústria do turismo? Que modificações nas formas de manifestações culturais surgem dessa apropriação e transformação? Quais as contribuições (ocupações trabalhistas, mobilidade, informacional, educacional, ambiental, cultural) que o turismo traz para as dinâmicas sociais locais de SLP?

No intuito de responder essas questões buscamos nos afastar de um recorte que pinça a realidade de seu entorno, procurando fazer um “vaivém entre a unidade pesquisada e a sociedade global” (QUEIROZ, 1979, p. 165), compreendendo que a sociedade global também está no rural e que as relações entre local pesquisado e seu entorno seja de outros rurais ou de espaços urbanos confere processos dinâmicos que configuram os fluxos e os encaixes possíveis entre o local e o global, fazendo com que os limites se tornem horizontes, como diria Maria Isaura Queiroz “o meio rural não pode nunca ser estudado em si mesmo, mas deve ser encarado como parte de um conjunto social mais amplo, do qual faz parte juntamente com a cidade” (1979, p. 163).

Para uma delimitação do que chamamos de SLP, optamos por considerar os limites dados pelo IBGE, o qual classifica SLP como setor censitário que agrega o entorno que ao longo do tempo manteve uma conjuntura que tornaram algumas localidades como divisões de SLP (exemplo as regiões do Tamanduá, Purunã, Cerro do Purunã e Boqueirão).

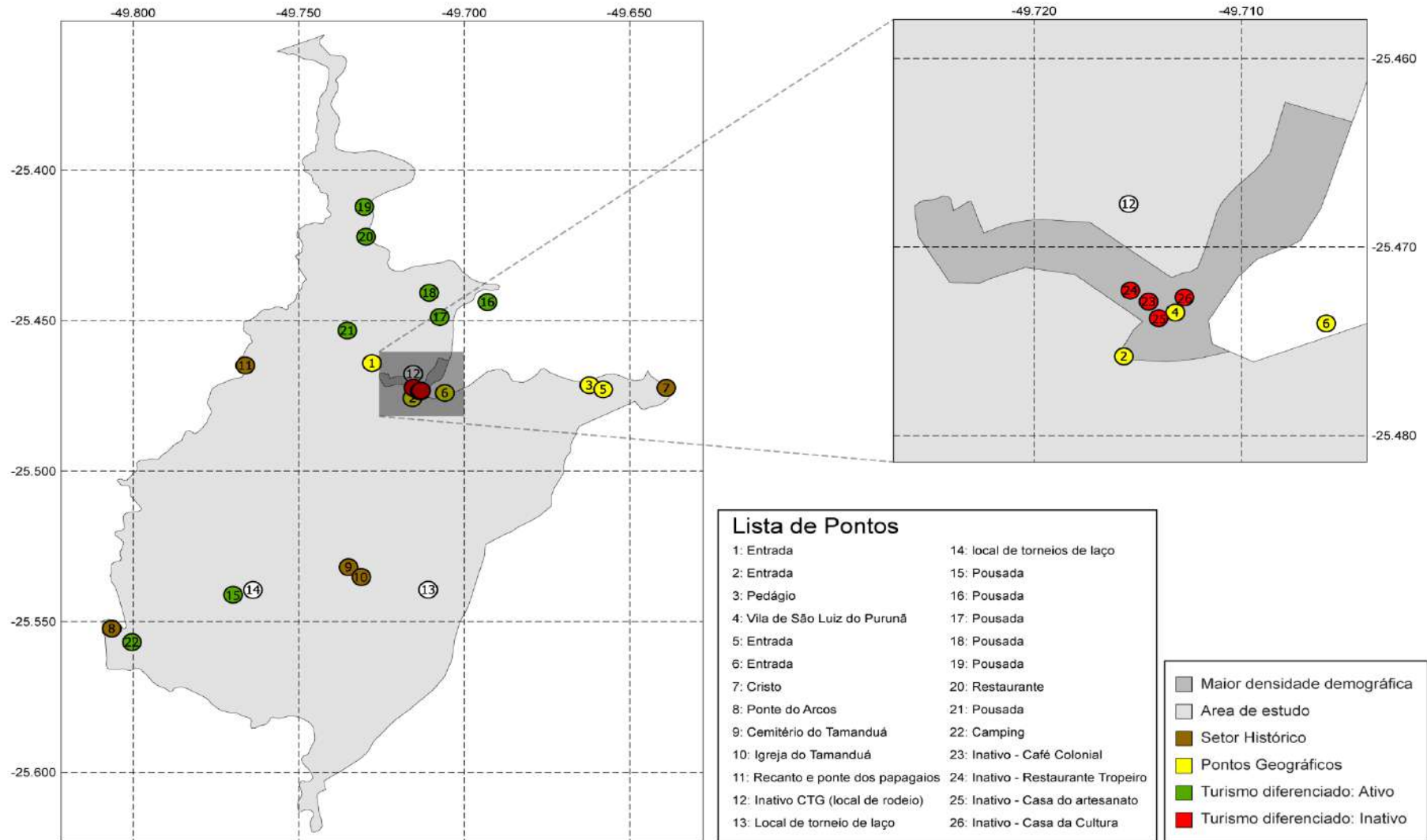
FIGURA 1 – MAPA DA ÁREA DE ESTUDO



FONTE: Mapa elaborado a partir de dados cartográficos do IBGE, através do software Quantum GIS.

Como buscamos relacionar as identidades culturais locais, o turismo em espaço rural e as dinâmicas locais, optamos por ter como base amostral empírica a população das regiões citadas, os empreendimentos turísticos desses locais e os espaços das festas gaúchas.

FIGURA 2 – SÃO LUIZ DO PURUNÃ – Balsa Nova (PR)



FONTE: Mapa elaborado a partir de dados cartográficos do IBGE, através do software Quantum GIS.

1.2 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

O horizonte temporal que nos atemos foi verticalmente o da década de 1960 com o início das tradições gaúchas formalizadas a partir de um Centro de Tradições Gaúchas (CTG) aos dias atuais, não sem antes fazer um breve apanhado histórico desde o século XVIII das tradições locais e das atividades turísticas.

Classificamos SLP como espaço rural partindo de alguns princípios fundamentais: faz parte de um município de 11 mil habitantes, sendo o distrito mais afastado da sede; há predomínio do elemento natural; as relações são menos fracionadas; é caracterizado como rural pelos moradores; é buscado por turistas e pela especulação imobiliária por ser rural.

Utilizamos para a coleta de dados a forma qualitativa a partir de observações de campo, em busca de dados “naturais”, levantamento iconográfico e entrevistas temáticas sobre cultura tropeira, cultura gaúcha, presença do mercado turístico e dinâmicas locais.

As entrevistas temáticas foram realizadas buscando a expressão da diversidade com atores dos diferentes grupos que compõem o universo social de SLP, o que pode ser mais bem visualizado no quadro a seguir:

Tipo de entrevistado	Legenda
Moradores locais	1
Moradores antigos (+60 anos)	1a
Tradicionalistas	1b
Novos moradores	1c
Comerciantes	1d
Visitantes ocasionais das festas locais	2
Empresários	3

Também participamos de parcela dos eventos sociais, culturais, religiosos, educacionais tais como bailes gaúchos, torneios de laço, rodeios, festas escolares, festas religiosas, reuniões realizadas pelo poder público, eventos promovidos nas estruturas turísticas (pousadas, restaurantes, etc.). A pesquisa iconográfica ficou dividida em duas partes, a coleta de materiais (principalmente fotografias) junto aos atores locais e a pesquisa em jornais locais e estaduais buscando o enfoque dado pela mídia sobre as festas gaúchas em SLP entre os anos de 1963 a 2003. Os jornais locais foram pesquisados no arquivo municipal de Campo Largo (impressos),

e os jornais de circulação estadual na Biblioteca Pública do Paraná em Curitiba (impressos e microfilmados).

Considerando esse quadro, no capítulo I buscamos mostrar como a atividade do tropeirismo se desdobra no território paranaense e mais especificamente em SLP e como estará ligada ao desenvolvimento das tradições gaúchas e como se relacionam com as festas e a exposição ao mercado turístico a partir da década de 1960.

Em seguida (capítulo II) faremos um apanhado sobre o desenvolvimento das atividades turísticas na localidade, dando ênfase as festas gaúchas de visitação massiva (rodeios crioulos), buscando perceber como as tradições gaúchas se constroem e reconstroem a partir desses eventos e quais os impactos nas dinâmicas do núcleo receptor.

No capítulo III falaremos sobre o turismo em espaço rural e as formas de hospedagem instaladas na região (pousadas, hotéis, estâncias, spas, segundas residências), elencando alguns resultados obtidos na produção acadêmica recente, sobre os impactos desse tipo de investimento no meio rural, buscando relacionar aos olhares dos atores locais sobre o turismo em espaço rural e sobre seu impacto na cultura local e na infraestrutura a partir de investimentos feitos com projetos públicos e privados que acarretariam melhorias reais ou não, somando um parecer nosso sobre esse quadro, fazendo com que os olhares dos atores sejam fontes relevantes de informação, mas que não sejam imediatamente encaradas como verdade absoluta.

No quarto capítulo buscaremos relacionar os resultados obtidos em nossa pesquisa com a atual discussão acerca do rural moderno, procurando situar São Luiz do Purunã dentro de um quadro mais amplo. Daremos ênfase na compreensão da dinâmica da ruralidade São Luizense, como produto de uma relação entre atores externos e internos, decorrentes de processos endógenos e exógenos. A compreensão visa em outros fatores, compreender a pertinência na tipificação dos espaços rurais.

2 IDENTIDADE GAÚCHA EM SÃO LUIZ DO PURUNÃ

2.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS: O TROPEIRISMO

George Orwel (2011, p. 242) falando sobre a nação inglesa perguntava-se “O que a Inglaterra de 1940 pode ter em comum com a criança de cinco anos cuja fotografia nossa mãe mantém sobre o consolo da lareira?” no que ele mesmo respondia “Nada, exceto que somos por acaso a mesma pessoa”, possivelmente a colocação de Orwel no ensaio “Inglaterra, nossa Inglaterra” publicado em 1941, possa ser estendida a várias outras situações. As localidades, lugares, territórios, espaços, ou seja, lá como chamemos, podem existir por um longo período sendo elas mesmas, mas mudadas, inclusive em suas funções e significados.

Segundo Sandra Jathay Pesavento, existe uma tendência em todas as sociedades em indagar o seu passado, em busca da gênese da identidade local, “quem somos e de onde viemos são perguntas que os povos se colocam e frente as quais alimentam expectativas” (PESAVENTO, 1993, p. 386). Sabemos que o passado quando resgatado é valorizado dentro de uma nova leitura, fazendo ajustes para um encaixe coerente no presente. Quando impossibilitados de resgate e impedidos de uma origem coesa e verificável, o passado passa a ser idealizado, construído a partir de fragmentos dispersos. Em suma o passado é inventado para servir como base na construção do presente.

Um dos passados de SLP está relacionado ao tropeirismo, um fenômeno socioeconômico que tem início no século XVIII. Como facilitador do transporte de mercadorias e informações, seu desenvolvimento mesmo ocorrendo de forma ancilar fortemente ligado a outras atividades como a mineração e a produção de açúcar, também fez surgir outras ocupações¹, tendo importância para todo território nacional.

¹ Exemplo são as invernadas, atividade que consistia no aluguel de locais na finalidade de descanso e engorda do gado para melhor apresentação nas feiras. Para Kelly Von Knoblauch Straube “ao falar-se em Tropeirismo, integram-se a esta atividade ainda outras atividades econômicas, como o transporte de produtos agrícolas, pecuárias e de outros bens além de pessoas. Esta forma de transporte perdurou quase quatro séculos, desde o século XVI até o século XIX. No final do século XVII até o século XIX, o tropeirismo desenvolveu-se como a (infra-) estrutura sustentadora da economia brasileira do interior tornando-se o principal recurso alocativo da sociedade brasileira no Sul e no Sudeste do país (as condições do Nordeste e do Norte eram diferentes). Esta função se fortaleceu ainda mais no momento em que passa a dar sustentação à economia aurífera que dependeu em grande parte do transporte de ouro das Minas Gerais para o Rio de Janeiro no século XVIII”. (STRAUBE, 2007; Pág. 58).

Espalhada por grande parte do país, essa atividade desenvolveu modos de ver e modos de conviver que diferenciam tropeiros de diferentes regiões, em vários aspectos, inclusive na duração, fazendo com que em alguns estados ainda persista como trabalho e em outros faça parte apenas da representatividade cultural.

No sul as tropas serviram para além do aspecto econômico, como instrumento de dissipação de costumes em comum. Com rotas interestaduais o tropeirismo possibilitou o compartilhamento de diversos hábitos pertencentes aos homens que se ocupavam do tropeirismo no sul do país.

No Paraná a atividade de transporte de gado remonta ao início do século XVIII, quando ocorre o transporte da região de Curitiba em direção a São Paulo (WESTPHALEN, 1995, p. 10 e 11), posteriormente fortalecida com a abertura do caminho do Viamão que ligava o Rio Grande do Sul a São Paulo em 1730, fazendo com que a atividade se tornasse responsável pela abertura de um ramal de caminhos que ligavam uma região a outra no Estado do Paraná.

O tropeirismo vai se estender no território paranaense até a metade do século XX quando enfim começa a desaparecer, motivado pela perda do espaço para o transporte ferroviário e automotivo que combinado a criação de ferrovias e rodovias tornou inócuo ou inviável o tropeirismo em muito locais. Com isso as tropas mais numerosas vão cedendo lugar a rotas menores (extensivamente e quantitativamente), que mais tarde somado ao avanço de meios de transportes mais correspondentes as novas lógicas do pós II guerra, em um cenário com nexos econômicos evidentes, mercado nacional formado e avanços tecnológicos consideráveis, também vai ceder espaço a novas práticas.

2.1.1 Atividade tropeira em SLP

A comunidade de São Luiz do Purunã vai ser uma das muitas impactadas pelo tropeirismo, o que pode ser observado em diferentes momentos do seu passado e ainda nos dias atuais.

O tropeirismo como ocupação trabalhista se estende em São Luiz do Purunã desde o momento que transportava gado até Sorocaba, nos séculos XVIII e XIX, (onde os animais eram negociados para servirem como alimento ou força motriz nas atividades de mineração, produção de açúcar ou café), até o transporte de gado para os frigoríficos de Curitiba no século XX.

No roteiro de viagem (do rio do Sino até escaramuça – fevereiro de 1745 a fevereiro de 1746) do brigadeiro Custódio de Sá e Faria, constam os locais por onde a tropa passou ou pernitoou, entre elas está a fazenda de São Luiz, (WESTPHALEN, 1995, p. 13) atual distrito de São Luiz do Purunã. Antes disso, em 1703, Antonio Luiz Tigre proprietário da sesmaria de Campo Largo e de Tamanduá – localidade que pertence ao setor censitário de SLP –, já exportava gado para São Paulo.

Pela posição geográfica e estrutura já definida, a comunidade tornou-se no contexto do Brasil colônia do século XIX, um dos locais de parada e pouso de tropeiros e outros viajantes, esses por sua vez dão um retrato de como era SLP na segunda metade do século XIX, vivendo de suas roças e poucas cabeças de gado vacum e cavalari, e alguns membros do sexo masculino sendo empregados no ofício de tropeiro, seja como capataz, peão ou proprietário².

Contudo como temos maior interesse nos processos que ocorrem a partir da década de 1940 e que se relacionam mais diretamente com nossos objetivos, evitaremos digressões demasiadas, procurando uma abordagem a partir do que chamaríamos de etapa final do ciclo tropeiro, aquele caracterizado principalmente pelo transporte de gado vacum aos frigoríficos de Curitiba e que empregaram moradores de SLP. A reconstrução a seguir foi realizada a partir da coleta feita através de praticas de história oral, observações de campo e documentação iconográfica, principalmente fontes como jornais, revistas e fotografias.

² Em 1856 o jornal *Dezenove de Dezembro* de Curitiba, mostra a recuperação de um dos ramais de tropas localizados na região de SLP realizado por tropeiros de varias localidades, principalmente Campo Largo, município ao qual SLP pertencia a época “A necessidade de melhorar-se a estrada da Serrinha, por onde passão as boiadas e tropas, de preferênciã a dos capados, obrigou a alguns tropeiros e negociantes de diversos municípios da província, a concorrerem com seus contingentes para o indicado fim; encarregando-se gratuitamente o Sr. Francisco Nunes Ferreira, de effectuar os reparos de que a mesma necessita, e de administrar o corte do rochedo, que é uma das obras que muito se tem em vista proceder, afim de tornal-a de mais fácil transitio. Não podemos deixar de mandar publicar os nomes desses cidadãos, que espontaneamente concorrerão para a construção dessas obras, como continuaremos a mandar fazel-o o de todo aquelle que quizer coadjuval-a, visto a utilidade que d’ahi resulta ao commmercio. A menor distancia (de uma légua) relativa, é prioridade que ninguém pode constestar em matéria desta ordem, porque é economia de tempos e de despeza; e o tropeiro que praticamente conhece isto, lhe dá todo apreço e leva muito em conta a estas pequenas diferenças; eis pois as razões porque desejião os abaixo assignados a conservação da estrada da Serrinha, não obstante dizer se que a dos capados oferece rodagem, e continuarão a freqüentar aquella que poderá ser accessível à carros sem os grandes inconvenientes que se notião. Campo Largo, 8 de Abril de 1856 (Edição de 15 de abril de 1856). Esse relato se remete a quase um século antes do momento que conseguimos verticalizar com a pesquisa de campo, no entanto, acreditamos que a localidade não sofreu alterações relevantes nos aspectos laborais e populacionais até a 1º metade do século XX, mesmo que tenha apresentado uma queda na movimentação entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, principalmente com o arrefecimento da feira de Sorocaba.

2.1.2 Tropeiros de São Luiz do Purunã

Mesmo que existam grandes diferenças (trajetos, composição da tropa, número de animais, roteiros, etc.) entre os primeiros e os últimos tropeiros podemos identificar algumas semelhanças como o total de trajeto percorrido por dia, alimentação, vestimentas e mesmo aspectos concernentes a sociabilidade.

No período que orbita a década de 1940 as tropas das quais os tropeiros de SLP se empregavam eram normalmente compostas de 200 a 300 animais, quase sempre gado vacum, conduzidos das cidades dos campos gerais para o Matadouro Municipal de Curitiba³, além dessa rota, também ocorria o transporte por terra de tropas menores compradas e depois vendidas por cabeça e não em lote, principalmente buscadas na região de Ponta Grossa, Castro e Tibagi, ou ainda as tropas que seguiam para Joinville (SC) ou para divisa com o estado de São Paulo, na região do Rio Ribeira (município de Adrianópolis). Além das tropas com gado vacum, ocorria o emprego na condução de tropas internas de mulas, normalmente trazidas de Guarapuava para a região de Curitiba.

Entre o local de início e o de destino, existiam paradas e pousos onde os tropeiros pernoitavam. Esses locais contavam com espaços onde o gado ficava preso (conhecidos como poteiros) e com uma estrutura que possibilitava os trabalhos para alimentação e momentos para sociabilidade. As paradas mais utilizadas pelos tropeiros de SLP eram o do Purunã, o do Joanin (local onde está o atual Supermercado Avenida) ambos na Vila de SLP, o de cima da serra (Serrinha)⁴ o da Rondinha (bairro italiano, hoje localizado junto a BR 277 em direção a Curitiba), o do Parque dos Tropeiros (na atual Cidade Industrial de Curitiba) e no Matadouro Municipal de Curitiba no bairro Guabirota também em Curitiba.

Comumente, de SLP saiam tropas do Purunã para Curitiba, faziam uma parada para alimentação já em “cima da serra” em um dos locais de maior altitude da escarpa devoniana, próximo ao atual pedágio, seguindo e indo pernoitar na Rondinha, esse último proporcionava sociabilidade entre tropeiros que conduziam diferentes tropas, pois como havia mais de um poteiro era comum a presença de condutores de duas tropas no mesmo barracão, pernoitavam e dessa parada seguiam para onde hoje está localizado o Parque dos Tropeiros, onde passavam a

³ Esse matadouro funcionou de 1899 até 1964.

⁴ Escarpa Devoniana de São Luiz do Purunã;

noite e no dia seguinte seguiam para o Matadouro Municipal de Curitiba, onde chegavam ao meio do dia. A alimentação nessas paradas consistia em arroz, feijão e charque assado, a bebida era o café tropeiro⁵ e o chimarrão.

Entre as vestimentas além da capa, do chapéu, do lenço e da bota, alguns já usavam bombachas, mas não era algo comum a todos os tropeiros, quando perguntamos sobre as vestimentas durante a década de 1950, encontramos a seguinte descrição

era tudo gaúcho já, lenço grande no pescoço, chapéu grande... por causa dos tropeiros, a tropeirada andava tudo de bombacha e espora... a maioria não, mas bota e chapéu grande e lenço no pescoço o tropeiro toda vida usava (1a, 2013)

Em entrevista dada a SEEC e publicada em 1989, Abílio Mera, morador do município de Castro trazia a seguinte situação

Bombacha por acaso algum tinha. Já existia alguma bombacha, lá um ou outro que tinha. Quase ninguém tinha bombacha (SEEC, 1989, p. 48).

Mesmo que o trabalho com tropeirismo não fosse o principal em SLP, os outros trabalhos como a pecuária e a lavoura de subsistência apresentavam aspectos próximos a este, entre os próprios lavradores era comum o transporte de gado de uma chácara a outra⁶, como nos disse uma moradora “o nosso gado, nós tinha aqui em São Luiz e daí no inverno levava lá para o “redondo”... levava pra lá que era mais quente, daí era no mato né” (1a, 2013).

O transporte a cavalo, que por muito tempo foi o principal meio de condução dos moradores, os animais como força motriz das atividades de lavoura e outros aspectos faziam dos habitantes um grupo que compartilhava dos valores que mais tarde serão idealizados culturalmente.

Quando esse ofício decresceu, muitos tropeiros se voltaram para outras atividades, quase sempre a lavoura ou a criação de gado, as quais ele ou sua família nunca de fato tinha abandonado, mas um ou outro já começava a trabalhar nas indústrias dos municípios próximos, ou em outras atividades, como a comercial. O transporte no lombo de animais ainda era feito, e o fator lúdico ainda era bastante

5 Esse tipo de café era obtido da seguinte maneira: fervia-se a água em chaleira de ferro, e jogava o pó dentro dela, posteriormente introduzia um “tição” (graveto em brasa) na água, fazendo com que o pó do café se depositasse no fundo da chaleira, para adoçá-lo tinha que colocar o açúcar direto na caneca.

6 Ação notada constantemente até a década de 1990.

carregado dos valores rústicos dos tropeiros tidos como homens destemidos e corajosos que enfrentavam vários problemas na condução de animais por uma geografia extensa para a época.

Como os tropeiros eram pessoas respeitadas em seus locais de convívio, em SLP ocorreram influências desses atores nos níveis culturais, sociais e políticos.

Um dos tropeiros dessa época foi o médio proprietário Dinarte de Almeida Garret que em 1961 se tornou vereador na primeira câmara do recém-criado município de Balsa Nova e em 1963 institucionalizou a cultura gaúcha em SLP, com a criação do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) São Luiz, auxiliado por outros membros da localidade possibilitou que as tradições do gauchismo se consolidassem e ganhassem representatividade.

A seguir veremos como foi criada a cultura gaúcha no Brasil e como ocorreu o processo de expansão para outros estados e posteriormente como essa manifestação cultural passou a fazer parte do cotidiano da vila de SLP.

2.2 TRADICIONALISMO GAÚCHO

A década de 1950 para o tropeirismo não é apenas um tempo de mudanças, mas um tempo de trocas e de fins, se anteriormente havia passado por mudanças significativas em sua organização, principalmente as relacionadas a percursos, composições e finalidades, nessa década ele passava a enfrentar mais diretamente sua decadência, principalmente pelo impacto do avanço em meios de transporte mais eficazes as novas lógicas capitalistas e da infraestrutura que demandavam. No entanto, a imagem do tropeirismo no cenário paranaense por quase três séculos tendeu a subsistir frente a esses avanços e quando não mais viável do ponto de vista logístico permaneceu como elemento cultural, na forma agora consciente das tradições.

Até a década de 1960, SLP não contava com uma organização com vistas ao culto as tradições, somente a partir de 1963 que se organiza uma instituição de representação cultural com sucesso quase imediato, permitindo com o passar do tempo uma homogeneização e focalização do passado e conseqüentemente um novo contorno cultural a SLP. No entanto, a instituição que obtêm êxito, o gauchismo, não vem de um quadro de ações especificamente locais, mas sim um

arcabouço criado na década de 1940 no estado do Rio Grande do Sul e trazido por atores locais que se ocupavam com o tropeirismo.

2.2.1 O movimento de Porto Alegre (RS)

O tradicionalismo gaúcho organizado tem início em 1947⁷, por iniciativa de jovens estudantes do Colégio Júlio de Castilhos em Porto Alegre no Rio Grande do Sul (RS). Em 1948 surge no âmbito do grêmio estudantil o primeiro Centro de Tradições Gaúchas do Brasil, o CTG 35⁸, com a finalidade de preservar as tradições gaúchas a partir de uma reformulação do passado rural e que segundo Ruben Oliven não tinha a intenção de refletir sobre a tradição, mas sim revivê-la (2006, p. 110), por isso a imagem do galpão da estância revivido na cidade de Porto Alegre e que agora se constituía em barracões de fundos de residências vai acabar tendo uma importância cabal nesse movimento. Como simulacro do galpão da estância o galpão recriado, abrigava os jovens tradicionalistas em suas “charlas⁹” onde tomavam chimarrões e buscavam uma aproximação daquele galpão da estância nos modos de vestir, de falar, de movimentar.

Esse resgate da figura do gaúcho obedece a um caráter não oficial, o que se repete posteriormente, na afirmação popular do movimento que aparece nas palavras de Barbosa Lessa, um dos fundadores do movimento¹⁰ “o tradicionalismo deve ser um movimento popular, não simplesmente intelectual” (1985, p. 1983). Outro ponto é que mesmo com prioridade em valorizar um passado rural e organizado por atores que vinham de realidades rurais, era em suma um movimento urbano, nascia em uma metrópole. Segundo Maciel, para os criadores havia a

7 Antes do Movimento Tradicionalista Gaúcho, tivemos outras instituições organizativas de preservação de uma identidade gaúcha, como a La criolla no Uruguai, o grêmio gaúcho em Porto Alegre (RS), a união gaúcha em Pelotas (RS), “embora ainda tenha havido outras, não constituíram um movimento sendo associações isoladas. É a partir de 1948, com a criação do primeiro CTG que inaugura-se uma fase de expansão do movimento que dura até hoje, no final do século XX” (MACIEL, 1999, p. 03).

8 35 fazia referência a revolução farroupilha no ano de 1835.

9 Conversa.

10 Ainda segundo Lessa, a partir da década de 1950 ocorrem discussões entre membros do movimento, alguns que acreditavam em uma expressão mais formalizada enquanto outros davam mais atenção a expressão popular “Alguns temiam que os CTGs descambassem apenas para o entretenimento, a charla, a bailanta. Outros argumentavam que isso era importantíssimo, o lazer era um dos direitos humanos, a sociedade moderna era cada vez mais aniquilante, bendito aquele que encontrasse uma forma de convívio sadio. Entoavam-se então loas ao CTG, como uma oportuna descoberta de convivência das diversas gerações; à beira do fogo de chão podiam confraternizar o avô, o pai e o neto, sem conflito de épocas”. (LESSA, 1985, Pág. 79).

intenção em recriar na cidade esse ambiente do galpão que conheciam da realidade rural, como local de sociabilidade (1999, p. 14), ainda segundo essa autora, já no início do gauchismo se definia o que seria um dos seus principais atrativos “a possibilidade de usar a fantasia”, já que nas práticas do gauchismo “os participantes personificam, quase que “encarnam” uma figura, criando um tempo (o passado) e um espaço (o pampa) imaginários” (1999, p. 15).

Seis anos depois da criação do CTG 35, foi realizado o 1º Congresso Tradicionalista Gaúcho (1954), na cidade de Santa Maria (RS), onde foram apresentadas teses importantes do movimento, entre elas *O Sentido e o valor do tradicionalismo* de Barbosa Lessa, juntamente com as primeiras conversas acerca da concepção de uma entidade que abarcasse todos os CTGs, o que ocorre em 1966 com a criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) durante 12º Congresso Tradicionalista Gaúcho realizado em Tramandaí (RS)

A nova entidade, o MTG nasce com a incumbência de organizar a associação de entidades tradicionalistas constituídas. Rudinei Kopp expõe da seguinte forma:

Se no princípio o movimento representava muito mais a necessidade de um grupo de jovens do interior que estudava em Porto Alegre, capital do Estado, e que sentia saudade das práticas comunitárias de suas terras natais – o primeiro Centro de Tradições Gaúchas (o CTG 35) foi fundado em 1948 por alunos do Colégio Júlio de Castilhos -, teremos mais adiante a adoção de práticas e regras que determinam o que é e o que não é tradição gaúcha. Os CTGs deixam de ser um simples espaço de identificação e passam a requerer o domínio sobre a cultura gaúcha. Seriam os detentores do saber que caracteriza os costumes de um povo, guardiões da cultura. KOPP (2001; Pág. 112).

Segundo Maciel

O tradicionalismo assim fundou uma “cultura de evocação”, referenciada num passado rural idealizado, glorioso e idílico mas ancorada no presente, nas necessidades dos homens atuais. A personificação do gaúcho é feita por homens do presente e, sobretudo, das cidades. Ao tentarem reproduzir os homens do passado, jogam com vivências, ideias, valores e julgamentos do presente. Desta maneira, trabalhando com os elementos tradicionais, o gauchismo constitui uma atualização do passado que pretende à autenticidade mas implica na criação e recriação onde, cada vez mais, surgem novas formas, novos termos, novos sentidos. (1999, p. 05)

Em resumo, concordamos com outros autores (PESAVENTO, 1993; LUVIZOTTO, 2010; MACIEL, 1999; ROCHA, 2006; KAYSER, 1999; MENASCHE,

1993) em classificar o gauchismo como tradição inventada¹¹ para usar o termo de Eric Hobsbawm e Terence Ranger (2012).

2.2.2 O gauchismo em SLP

2.2.2.1 A importância do tropeirismo

Quando a cultura gaúcha é criada em SLP não havia um catalisador isolado, como a migração de gaúchos do Rio Grande do Sul para SLP¹², ou uma tomada de atitude do poder público, ou uma ação de mercado a partir das festas, mas sim uma série de componentes que possibilitaram a implantação e sucesso dessas tradições.

Segundo Jakzam Kayser (1999, p. 31) “a cultura gaúcha é um sistema simbólico que avaliza estigmas e estereótipos, sustenta a invenção das tradições e a formação de grupos de interesse e solidariedade”, em SLP o principal substrato foi o movimento tropeiro que vai permitir além da sustentação dos grupos locais, principalmente dos próprios tropeiros, o culto as tradições inventadas, resgatadas e idealizadas pela invenção local a partir de uma releitura do gauchismo porto alegreense, fazendo com que a identidade tropeira e agora gaúcha fosse mantida através do “culto a valores éticos, morais e praticas sociais consideradas seletas e o estabelecimento de tradições que justifiquem e glorifiquem as características étnico-regionais da cultura” (KAYSER, 1999, p. 31).

Gostaria aqui de estabelecer uma diferença entre tropas e tropeirismo, diferença restrita a minha abordagem. As tropas seriam o agrupamento em movimento de certa quantidade de animais em marcha, sob a supervisão de alguém, independente da finalidade, já o tropeirismo seria a atividade baseada no transporte de animais de um local a outro, com finalidade econômica, e empregando pessoas remuneradas para a execução dessas atividades. Nesse caso todo tropeirismo se compõe por tropas, mas nem toda tropa está inserida no contexto do tropeirismo.

11 Para Hobsbawm e Ranger “Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de praticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Alias, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado” (2012, p. 12).

12 A revolução verde foi um dos fatores de dispersão da cultura gaucha pelo Brasil. Em muitas cidades brasileiras que hoje contam com CTG's consolidados, receberam um aporte de agricultores que compraram terras em outros estados e passaram a praticar ações voltadas ao tradicionalismo gaúcho.

Em SLP a presença de tropas já fazia parte do cotidiano local desde o século XIX, talvez até antes disso. Sobre a década de 1940 nos diria uma moradora “as veiz nós vindo pra escola era aquele espatifo de criançada se escondendo do gado” (1a, 2012). Fato que se estende – mesmo perdendo vitalidade gradualmente – até a década de 1990.

Com isso, mesmo que na década de 1950 fossem poucos os que se ocupavam no tropeirismo, havia no imaginário local, uma identificação forte entre SLP e a presença de tropas, seja pelos diferentes momentos do tropeirismo, ou pelos muitos ocupados no trabalho com animais, quase sempre transporte e força motriz para as atividades da agricultura e que faziam o deslocamento de animais de um local a outro na esfera regional de SLP. Isso fazia com que o cotidiano local se aproximasse do arcaísmo idealizado pelo movimento Porto Alegrense, fazendo com que a própria palavra “gaúcho” figurasse em SLP, sendo comum indicar homem valente, tropeiro ou não.

Os tropeiros propriamente ditos, mesmo sendo poucos, representavam uma profissão que havia sido constante em SLP por quase dois séculos, eles talvez tivessem consciência que fossem os últimos representantes locais do ofício de tropeiro e mesmo que pouquíssimos da última geração de tropeiros tenha feito o percurso até o Rio Grande do Sul, faziam parte, acompanhado de trabalhadores de outros estados do sul, de um grupo que compartilhava entre si, quase a mesma configuração para culinária, vestimenta, costumes, hábitos, linguajar e espaços de sociabilidade, além de possuírem volumes importantes de capitais dentro de seus espaços de convívio.

Como já falamos, desde a década de 50 a atividade do tropeiro estava em um momento de finalização e quando seus atores percebem que vai desaparecer, adotam e encontram outras formas de manutenção, ou seja, cria-se o CTG, como ato motivado, ocasionando além da manutenção, o aumento dos capitais simbólicos que a atividade de tropeiro e criador de gado lhes dava.

Além disso, os tropeiros, condutores e criadores de gado, se identificavam com o que o movimento porto-alegrense resgatava e viam o tropeirismo sendo representado. Para os demais moradores, mesmo não tão ameaçados quanto os tropeiros, a situação não era tão diferente, afinal era fácil se identificarem com os valores resgatados e idealizados pelo gauchismo, pois se tratando de uma localidade rural, a identificação com o passado rural era algo bastante possível.

Com isso a expressão do gauchismo na localidade acaba consistindo em “*uma afirmação da existência, que é o mesmo que dizer, de recusa da morte*” para usar a expressão de José Eduardo Jana, citada por João Vasconcelos (2001, p. 423).

2.2.2.2 Criação e consolidação inicial do gauchismo em SLP

O momento temporal era um palco de transformações não apenas no plano local, mas também global. Esse momento consistia no avanço da globalização, avanços tecnológicos, expansão do estilo de vida moderno, somado a realidade local com o fim do tropeirismo, construção de rodovias paralelas a localidade, maior presença de meios de transportes automotivos, criação do município de Balsa Nova (1961), primeira eleição municipal (1961). A partir disso havia a necessidade de manter o que julgava ser próprio da localidade, e que de certa forma se representava pelo conjunto das ocupações trabalhistas, tanto dos lavradores, quanto dos tropeiros, ou seja, até esse momento a identidade era construída a partir das ocupações trabalhistas, se era tropeiro, porque se trabalhava com tropas, se era lavrador, porque se tinha lavouras, não era um ato apenas voluntário em se reconhecer enquanto tal, mas sim uma atividade econômica que os identificava. Posteriormente é que essa identidade será passível de escolha, de ato voluntário¹³, só então se passa a aderir o gauchismo voluntariamente, inicialmente como forma de preservar o que essa sendo deglutido na modernidade e pouco depois se somava a isso a necessidade de pertencer e ser reconhecido como portador de uma identidade específica, ou seja, até então havia o domínio da necessidade, após a criação do gauchismo, ocorre o domínio do cultural, do folclore e das tradições agora formalizadas no CTG.

A forma mais eficaz de se preservar essas formas de vida locais foi a instituição dos costumes, imperativo dado pelo momento, já que a necessidade de se afirmar uma identidade só se encontra frente ao outro, pois uma homogeneidade forte sem o diferente anularia essa necessidade, além disso, até então as características intrínsecas ao grupo eram invasivas o suficiente a ponto de descartar a latência em nomeá-las.

13 Sem ignorar as forças coercitivas que veremos no decorrer do trabalho.

Entretanto, as mudanças nos planos globais e locais e em seus entrecruzamentos trouxeram a necessidade de preservar uma maneira de trabalhar e de viver frente as novas tecnologias e avanços até então desconhecidos, como diria Kayser “frente ao Outro, busca-se aproximação e identificação com os Mesmos” (1999, p. 33).

Nesse sentido Oliven (2006, p. 128) levanta a questão acerca do movimento gaúcho se apresentar mais fortemente nas regiões próximas a Porto Alegre o que iria contra a ideia de que o tradicionalismo seria mais forte nas regiões de fronteira do estado do RS, no entanto o mesmo autor levanta um contra-argumento interessante, de que nas regiões de fronteira “a vida campeira tem maior presença no cotidiano e não precisa ser recriada em entidades específicas”, ou como colocado por Anthony Giddens “pode-se dizer que a tradição é mais importante quando não é compreendida como tal” (1997, p. 84).

Em SLP a formalização das tradições é levada a cabo quando um agente com posse efetiva de capitais decide criar o CTG, proporcionando o início da manutenção a um conjunto de práticas.

Essas práticas até então muito caracterizadas pela lida com animais e por ocupações trabalhistas como a lavoura e o tropeirismo, fazem com que nesse momento o gauchismo apareça como algo que complementa e reforça os diacríticos locais, em suma aglutina os modos de ver e de conviver de SLP em uma figura, a do gaúcho, de um passado idealizado, muito referido como centauro do campo, nada mais que “la criatura más harmoniosa de la zoologia fantástica” (BORGES, 1980, p. 57), construído e reconstruído constantemente. Nesse contexto as práticas inventadas pelos jovens porto-alegrenses levam a uma identidade cultural específica a SLP a do gaúcho de São Luiz, criando também novas tradições e formas até então inexistentes de tradicionalismo, enquanto culto as tradições.

De todo modo, não queremos dizer que não ocorra uma prática excludente, segundo Giddens “a tradição sempre discrimina entre o “iniciado” e o “outro”, porque a participação no ritual e a aceitação da verdade formular são condições para sua existência. O “outro” é todo e qualquer um que esteja de fora.” (1997, p. 100), e quando institucionalizada, exerce uma pressão emocional sobre os indivíduos, fazendo com que a vida do indivíduo passe a ser moldada por essa pressão. No entanto, o êxito da cultura gaúcha teve enorme eficácia inicial e mais tarde é potencializada pelo reconhecimento externo, porque não se trata apenas da

importação de uma tradição exógena, mas no plano imaginário representa a confirmação do conjunto das identidades locais, o gauchismo vai representar “o mundo que estamos perdendo” e “do qual ainda queremos falar”. No caso de SLP poderíamos afirmar que as características que o movimento gaúcho buscava resgatar estavam mais presentes em SLP do que em Porto Alegre (a lida diária com animais, a presença do espaço natural não construído, os espaços de sociabilidade como os bailes. Etc.), não que isso seja muito relevante, mas coopera para perceber a tremenda eficiência de uma tradição inventada e existente em outro território representar uma localidade e aglutinar os habitantes. Possivelmente seria difícil, ou aparentemente desnecessária, uma sistematização tradicional autóctone, mas com a importação de um arcabouço tradicionalista delineado as coisas prosseguiram de forma eficaz.

Podemos pensar no espaço temporal em que o CTG é criado, como um momento onde passa a existir a necessidade de se recriar algumas práticas do ambiente campeiro em entidades específicas, ao mesmo tempo em que o rural de SLP ainda se apresentava com características evidentes da condição camponesa, como a agricultura e pecuária de subsistência e maior presença do espaço natural não construído, somado a relações menos fracionadas. Poderíamos pensar que em um primeiro momento de ameaça a condição camponesa em SLP, se organizou – não sem um poder coercitivo – uma instituição específica para confirmar esses fundamentos, quem sabe revivê-los, além de se diferenciar como espaço dentro de um conjunto geográfico maior.

Esse gaúcho de São Luiz vai ser uma nova versão do tropeiro, combinada com as demais trajetórias locais, ou seja, inicialmente não há um descolamento entre tropeirismo e gauchismo, quem cria o gauchismo são tropeiros que deixaram essa atividade pela inviabilidade que a modernidade trazia ao exercício da profissão.

Por outro lado, quanto mais o gauchismo se consolidava se tornando um tipo ideal, menos visível ficava a figura do tropeiro, agora acoplado ao gauchismo. Esse aparente afastamento do tropeirismo não é difícil de entender já que o gauchismo quando criado em Porto Alegre, não tratava do resgate apenas do tropeiro, mas sim de um gaúcho primitivo, que tanto poderia ser o índio empregado nas estâncias, o ladrão de gado selvagem, o tropeiro ou o lavrador e não devemos ignorar a carga subjetiva que carregava desde o século XVIII da figura que habitava os pampas não

só do Brasil, mas também do Uruguai e da Argentina, e frequentemente aparece na literatura dos viajantes, ora positivamente, ora negativamente¹⁴.

Com a menor visibilidade da figura do tropeiro, o encaminhamento se dá no sentido de que o morador de SLP se reconheça e seja reconhecido enquanto gaúcho. Mesmo que aparentemente essa aceitação seja fácil, ela vai ser um empecilho para alguns moradores sentirem-se pertencentes a localidade, delineando assim, um limite entre adeptos do gauchismo o “nós” e os não adeptos, o “eles”. No entanto, essa relação que pode ser caracterizada como estabelecidos e *outsiders* para usar a expressão de Norbert Elias e John Scotson, vai ser facilmente superada, o que veremos a seguir, pela adoção das práticas do gauchismo, superação que confere mais um dos fatores para a consolidação das tradições gaúchas em SLP.

2.2.2.3 Porosidade e os limites entre o “nós” e o “eles”

O gauchismo rio-grandense mesmo vinculado de certa forma a práticas separatistas, ou mesmo classificada como heteronormativa não possui elevado grau de solidez se apresentando bastante porosa. Para Sandra Jathay Pesavento “a representação da sociedade gaúcha legitima-se e socializa-se, penetrando não apenas em camadas sociais distintas, mas em diversos contextos culturais” (1993, p. 392).

Tanto solidez quanto porosidade podem ser vistas mesmo na fala dos atores, como Barbosa Lessa, um dos fundadores do gauchismo

Mas em Porto Alegre eu e quantos outros não tínhamos um complexo de inferioridade por não ter a Coca-Cola, por não ter chegado ainda em Porto Alegre a Coca-Cola, que era terrível, por que a revista que nossos pais ou tios liam era a Seleções ou a Cruzeiro, mas principalmente a seleções, quando vinha aqueles anúncios coloridos de gente bonita, jovem, feliz tomando Coca-Cola e nós não tínhamos, não havia chegado ainda, nós não

14 Não vamos entrar aqui na discussão sobre a origem da palavra gaúcho e nem mesmo na discussão sobre a vida do gaúcho primitivo. De todo modo, devemos lembrar que essa palavra é consideravelmente mais antiga que a criação do gauchismo e dessa figura pelo movimento tradicionalista iniciado na década de 1940. Na verdade o gauchismo faz um movimento que lança mão de uma série de características dos habitantes do campo, fortalecendo algumas e deixando outras de lado. Nessa discussão já feita por muitos, é constante a presença de pólos que ou privilegiam a figura hoje consolidada e outras que desqualificam. Essa discussão é tão antiga que mesmo nos relatos dos primeiros estrangeiros que habitaram regiões da Argentina, Brasil e Uruguai, existem controvérsias. Autores como Saint Hilaire, Thomas Big Whiter, Alvar Nunes Cabeza de Vaca e mesmo Charles Darwin, descrevem o gaúcho, mas particularmente acho interessante a discussão levantada por Thomas Joseph Hutchinson em seu livro *The Paraná: With Incidents of the Paraguayan War, and South American Recollections, from 1861-1868*, particularmente no capítulo X.

tínhamos atingido ainda aquele nível de progresso. Então, quando chegou a Coca-Cola, eu tomei pela primeira vez no café Roxy, na rua da Praia, eu achei a maior porcaria do mundo e fiz um esforço para ir até o fim por que eu não queria me entregar, dizer que aquilo não era ruim. Mas depois, dali uns dias, mas que diabo, eu não vou tomar Coca-Cola, eu não gostei mesmo, porque eu vou tomar? (LESSA em entrevista dada a Maria Eunice Maciel, 1999, p. 10)

A solidez aqui se apresenta frente a um elemento estrangeiro, poderíamos somar a isso, vários documentos oficiais do gauchismo que remetem a uma proteção contra o elemento estrangeiro, segundo Sandra Jathay Pesavento essa perspectiva é antiga e

Trata-se, sem dúvida, de uma forma de representação conservadora, admitindo-se a existência de uma sociedade sem conflitos, de base agrária. Tal postura envolve a projeção no tempo de uma utopia reacionária: a de que o Rio Grande do Sul, através dos anos, se cristalizaria numa placidez democrática, assentado em seus valores tradicionais, nutrindo-se das glórias e tutelado por uma elite "naturalmente" superior. Os conflitos são projetados para o exterior, numa luta simbólica contra o "estrangeiro", continuamente reatualizado através dos tempos e que reforça a identidade regional. (PESAVENTO, 1993, p. 391)

No entanto, a porosidade também pode ser sentida nas próprias contribuições das etnias estrangeiras ao tradicionalismo gaúcho ou de forma mais ampla sentido em outra colocação de Barbosa Lessa

Essa gurizada porto-alegrense, para a qual a sociedade burguesa olhava de soslaio temendo o pior, teve a grata satisfação de descobrir que, nas penhas e acampamentos tradicionalistas, não havia conflito de gerações e que podiam sentar-se na roda de chimarrão sem que ninguém lhes pedisse carteira de identidade e atestado ideológico (LESSA, 1985, p. 108)

Toda essa construção do gauchismo porto-alegrense, acaba por criar um nível de estigmatização facilmente superado, como já dizia o ditado popular "livre para fazer o que nós queremos", mas ainda assim, diferente de outras estigmatizações extremamente excludentes.

Em suma o gauchismo era facilmente aderido, não havia a necessidade de rupturas extremas, podendo fazer parte dele pela aderência dos costumes, normalmente visuais. Isso vai fazer com que o gauchismo de SLP se tratando de um arcabouço reformulado, ao mesmo tempo em que criava uma relação estabelecidos-*outsiders* permitia a superação dessa linha pelo indivíduo externo ao gauchismo,

indivíduo esse que quase nunca era estranho as práticas que esse tradicionalismo cultuava.

Aos novos e velhos moradores era permitido se tornarem gaúchos aderindo as formas estéticas dos gaúchos, como a pilcha¹⁵, ou mostrar a aderência por praticas diárias lúdicas como a doma, o laço e diversões como a chamada “vaca parada”¹⁶, ou ainda, o simples encilhar o cavalo para algum deslocamento independente da finalidade, se a trabalho, lazer ou necessidades de saúde, o que de certa forma, não se afastava de forma considerável das praticas que já ocorriam em SLP antes da criação do CTG. Devemos ainda considerar que essas práticas que antecederam o gauchismo agora eram vinculadas a esse, fato visível na adjetivação de gaúcho a alguém que está andando a cavalo.

2.2.2.4 Influência do agente externo e outros fatores de consolidação do gauchismo em SLP

Segundo Oliven (2006, p. 129) o CTG funciona como uma espécie de clube, sendo o único em muitas localidades, isso faz com que em SLP na década de 1960, além das atividades lúdicas presentes no cotidiano de crianças e pessoas mais velhas possa ser somado como fator de consolidação as festas gaúchas, principalmente os bailes e os rodeios.

Afastada dos grandes centros e de vida noturna pouco movimentada, os bailes eram uma das formas de sociabilidade mais efetivas, aos quais participavam gaúchos ou não, e como espaço de convívio serviam – principalmente após a execução preponderante da musica gaúcha¹⁷ – para fortalecer os traços do gauchismo na localidade e indiretamente fortalecer aqueles traços julgados

15 Indumentária gaúcha.

16 Que consiste em laçar uma elementar maquete que representa uma vaca

17 A relação da música é algo interessante, antes da criação do CTG os bailes tocavam vários estilos musicais, o que parece ainda se estender pela década de 60, visto que duplas caipiras ainda se apresentavam nas festas religiosas, no entanto o fortalecimento do gauchismo e o sucesso das festas de rodeio fazem com que os bailes sejam ou “tocados” por conjuntos gauchescos ou no caso de som mecânico sejam reproduzidas quase que exclusivamente músicas de conjuntos gauchescos, atualmente nas festas que tive a oportunidade de participar ocorre uma tensão entre os que estão dentro do salão de baile (algumas vezes o barracão construído ao lado da igreja) onde se executa – manual ou mecanicamente – músicas gaúchas, com os que estão do lado de fora e que utilizam som automotivo em volumes elevados com músicas de gama considerável de estilos, mas quase sempre são as que estão sendo “vendidas” no momento, “um particular que é mais provisório do que enraizado, mais híbrido do que um todo” (EAGLETON, 2005, p. 113), esse quadro nos dá a ideia do rural moderno como um espaço de sobreposições de tempos e interesses e palco de conflitos e lutas entre diferentes atores.

pertencentes a cultura local que vinham sendo ameaçados. Esses bailes também eram realizados durante as festas de rodeio, proporcionando um momento de contato mais direto entre o visitante e o habitante local. O crescimento dos rodeios, sentido a cada ano, vai fortalecendo esse contorno cultural e fazendo com que velhos e novos moradores reconheçam o gauchismo como tradição local.

A eficácia em atrair visitantes de outras cidades para uma comunidade com menor densidade populacional, potencializava o impacto da identificação e aceitação do reconhecimento, principalmente porque os visitantes dos primeiros rodeios se identificavam com a cultura gaúcha. Em *Estabelecidos e outsiders* Norbert Elias e Jonh Scotson, dizem “dê-se a um grupo uma reputação ruim e é provável que ele corresponda a essa expectativa” (2000, pag. 70). Embora no caso em questão não seja uma reputação ruim, inclusive era uma atribuição positiva, era feita dentro de um aparato factual importante (a festa de rodeio), preenchida por visitantes que até então não eram identificados como turistas. Esses primeiros visitantes eram quase sempre membros de algum centro de tradições gaúchas e ao atribuírem ao habitante local a mesma identidade que se reconheciam, propiciava um movimento duplo para o fortalecimento do gauchismo, primeiro deixava mais forte o traço de um contorno cultural, facilitando a focalização e homogeneização do passado e segundo, fazia com que o habitante se sentisse gaúcho, considerando *La douceur d’être inclu*¹⁸.

As identificações do habitante com o gauchismo e o crescimento da festa (o que veremos no capítulo II, item 3.2.3) ocorrem simultaneamente e fazem com que SLP, entre no circuito paranaense das grandes festas, ganhando notoriedade e fazendo-se conhecer aos visitantes não apenas pela cultura gaúcha, mas por sua beleza serrana, potencializando-se como atração para empresários em busca de novos investimentos.

18 Michel Morineau citado por Zigmund Bauman (2012, p. 37). Nesse sentido é importante a citação de Maciel (1999, p. 15) “Os participantes procuram reconstituir determinados usos e costumes ditos “tradicionais” e assim, “viver o gaúcho” - vive-se *um outro* e vive-se *em um outro*. E é daí que advém a força do movimento: seja a quem for o gauchismo oferece uma possibilidade de vivenciar uma figura altamente prestigiada e positiva (e onde cada um pode viver o *seu gaúcho*, tal como o imagina), fornece um patrimônio cultural e o inscreve numa história coletiva, mobilizando, assim, expectativas e sentimentos, dentre os quais o de *pertencer a um coletivo*”

3 TURISMO EM SÃO LUIZ DO PURUNÃ

3.1 A DINÂMICA TURÍSTICA EM SÃO LUIZ DO PURUNÃ

O turismo em SLP produz já a algum tempo normas que pressionam, constroem ou facilitam algumas ações dentro dos contextos locais, com isso, seguimos para uma análise que busca compreender como o turismo atua na configuração e reconfiguração das tradições gaúchas em SLP e que relações estabelece com as dinâmicas locais.

3.2 DAS PRIMEIRAS FORMAS DE TURISMO AO TURISMO DE MASSA

3.2.1 Ainda no século XIX

VENDE-SE Ou aluga se UMA casa coberta de telhas, com 120 palmos de frente sobre 45 de fundos, soalhada, forrada e envidraçada, bom quintal, estrebaria e excelente água e potreiro, sita na freguesia de S. Luiz do Purunã; tem armação para negocio, commodos para família. E' optimo o logar para hotel. Quem pretender dirija-se ao abaixo assignado no Itaqui, em Campo Largo. Francisco Custodio Natel (GAZETA PARANAENSE, 17 de março de 1888)

Podemos situar formas elementares de turismo em SLP ainda no século XIX. A região do Tamanduá, atualmente conhecida pela arquitetura religiosa construída nas décadas iniciais do século XVIII, foi durante o século XIX passagem de tropas e parada de outros viajantes como naturalistas e religiosos. Saint-Hilaire ao passar pela região em 1820 trazia o seguinte relato

Assisti a missa e, para grande espanto meu, notei entre os fiéis número muito maior de brancos do que de pessoas de cor – o oposto do que eu tinha visto em todos os outros lugares. Entre as mulheres, algumas eram muito bonitas, de pele rosada e feições extremamente delicadas. De acordo com o costume, elas ficavam de acoradas no chão e muitas delas traziam uma criança nos braços. Todas tinham vindo a cavalo e vestiam roupas apropriadas para isso, um traje de montaria azul com botões brancos de metal e um chapéu de feltro, que tiravam na hora da missa (SAINT-HILAIRE, 1995, p. 91).

Já o religioso Manoel Ayres de Casal na *Relação histórico-geográfica do reino do Brazil* publicada em 1817 diria que

Léguas e meia ao Norte do mesmo Registro (de Curitiba), e também na borda da estrada, perto d' uma ribeira, que vai engrossar o Rio Iguassú, está o alegre Arraial de Thauhá¹⁹ ornado com uma ermida de N. S. da Conceição. O povo, que a habita, cria gado, e cultiva vários mantimentos do paiz (CASAL, 1817, p. 231)

A paisagem serrana de SLP chamaria atenção na década de 1870 do geógrafo Thomas Bigg Whitter “havíamos chegado agora ao limite ocidental do planalto de Curitiba. Erguia-se, então, à pouca distância, o elevado penhasco da “Serrinha”, transformando, assim a segunda palavra em nome próprio” (1974, pág. 64), nessa transição “um pouco abaixo do cume, os pinheiros e as outras árvores terminavam abruptamente, para dar começo a ligeira elevação coberta de grama até a cumeada” (BIGG-WHITER, 1974, Pág. 66).

Ainda no século XIX, a região central de SLP que com o movimento tropeiro já mantinha uma estrutura adequada aos transeuntes, servia como passagem para personalidades como Dom Pedro II (SANTOS, 2008, pag.23) ao qual almoçou possivelmente no hotel do Boutin em 1885, mesmo hotel que três anos mais tarde se referia Visconde de Taunay.

S. Luiz do Porunam, já o dissemos, é um povoado que está nascendo. Ponto de parada obrigado, as tropas e mais commumente, ás carroças que vêm dos Campos Geraes, carregadas de matte, quase todo cancheado ou bruto que buscam Curityba, já tem umas quinze ou vinte casas mais ou menos alinhadas ao longo de uma rua de boa largura e mantem uma escolinha de freqüência um tanto regular. O edifício, por enquanto mais importante de todo o local, é a casa de negócio, aliás bem sortida, anexa ao decente hotelzinho do Sr. Boutin e pertencente ao mesmo senhor (LEÃO, 1929, pag. 1817)

Esse hotel com armazém em anexo possivelmente servia também de local de parada e alimentação dos engenheiros Monteiro Tourinho e Gottlieb Wieland (TOURINHO, 1986), responsáveis pela construção em grês da ponte dos papagaios que mais tarde também viraria ponto turístico.

No entanto, o maior evento que poderíamos chamar de turístico nesse período vai ser o movimento proporcionado pelo tropeirismo, representado pelo deslocamento do estado do Rio Grande do Sul para São Paulo, e que nos dias de hoje seria chamado de turismo profissional (ou a trabalho).

¹⁹ Ao que tudo indica o religioso se referia a comunidade de Tamanduá grafado erroneamente no seu relato.

O tropeirismo fazia com que uma série de localidades se tornassem paradas para descanso e se desenvolvessem em torno do atendimento aos tropeiros e suas tropas, Ruy Cristovam Wachovicz (1995, p. 102), chama atenção para o rosário que se forma onde cada conta seria uma cidade distando uma da outra o espaço que uma tropa percorria por dia.

Além da intensa movimentação que proporcionava a uma série de localidades e do desenvolvimento que traziam, o tropeirismo servia para o encontro entre diferentes culturas regionais já que os tropeiros eram oriundos de uma porção significativa de localidades, proporcionando em dada medida o intercâmbio cultural e ao mesmo tempo forçando aspectos compartilhados e de semelhança do *habitus*²⁰ de parte dos habitantes da região sul.

Essas formas talvez inicialmente incipientes de turismo mostram na verdade a importância que a localidade recebia por parte de diferentes atores, motivados por diferentes objetos, como as características naturais, os aspectos religiosos, as manifestações e costumes locais, a infraestrutura acomodatória e que passam a chamar atenção cada vez maior de um nicho de mercado que mais tarde vai se tornar um dos mais explorados.

3.2.2 Na rota do turismo

Já no século XX, na década de 1940, quando sai a publicação do Mapa Rodoviário Turístico do estado do Paraná, SLP aparece como um dos pontos do turismo paranaense.

SÃO LUIZ DO PURUNÃ - Antigo povoado a 1.020 metros de altitude. Desfrutem-se de ótimos passeios na região. A igreja de Tamanduá e o cemitério, que ficam nas proximidades, contam mais de 200 anos. Negócios. Telefone. Gasolina (GUIA TURÍSTICO E RODOVIÁRIO DO ESTADO DO PARANÁ, 1942, p. 51).

Nesse período SLP servia como distrito de Campo Largo, mas afastada da sede do município, apresentava um nível de independência e de importância autônoma com bastante eficiência.

20 No sentido dado por Pierre Bourdieu.

3.2.3 As festas gaúchas em SLP

o Dinarte que inventou (1a, 2012)

O início do gauchismo em SLP como discutimos no primeiro capítulo foi precedido por festas ou encontros com forte apelo lúdico e desportista, chamados rodeios. Mesmo que mais tarde estejam sob coerção de um movimento organizado, inicialmente consistiam (e em muitas regiões ainda consistem) em atividades ligadas ao aprisionamento do gado no campo²¹ e apenas mais tarde se tornam eventos específicos de uma manifestação cultural chamada gaúcha.

Na região de Campo Largo, durante a primeira metade do século XX, realizavam-se algumas atividades que se chamavam rodeios, eventos parecidos com as corridas de cavalo²² que ocorriam constantemente em toda a região. Esses eventos reuniam atores locais no pretexto de divertimento e mesmo de ganho econômico em alguns jogos de azar. Nesses locais eram comuns aspectos que mais tarde serão reivindicados pelo movimento tradicionalista gaúcho, como a lida com os animais, o chimarrão e em alguns casos o uso da bombacha. No entanto, as festas de rodeio só ganharão a dimensão e formato que vemos hoje após a criação do que viria a ser o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) em Porto Alegre em 1948 com a fundação do CTG 35 e já discutido no capítulo I.

3.2.3.1 O rodeio Crioulo

Na região Metropolitana de Curitiba o primeiro Centro de tradições Gaúchas foi o CTG São Luiz do Purunã criado em 1963 sucedendo um tempo de mudanças para SLP, que até 1961 pertencia ao município de Campo Largo, mas a partir da criação do município de Balsa Nova, ficaria dentro dos limites desse último. Mesmo que essa resolução não tenha agradado a todos²³, na primeira eleição do novo município, SLP elege um representante para câmara de vereadores, não por acaso,

21 Com finalidade de curar o gado de certas enfermidades ou de operar ações como o castramento.

22 As corridas de cavalo eram chamadas de raias, nos locais onde se reuniam para essa finalidade também era comum o jogo de cachola.

23 Em matéria do jornal folha de campo largo edição de 11 de fevereiro de 1962, sobre uma votação polêmica na câmara de vereadores de Balsa Nova aparece a seguinte informação “os moradores de São Luiz do Purunã que não estão nada satisfeitos por terem passado a ser distrito de Balsa Nova, foram os que menos gostaram da ideia”.

o político eleito seria Dinarte Garret aquele que pouco mais de um ano depois fundaria o Centro de Tradições Gaúchas (CTG).

Dinarte de Almeida Garret tinha sua fazenda (2 Estrelas) estrategicamente na região central de SLP, palco dos primeiros rodeios²⁴.

As primeiras informações – que encontramos – ligadas ao rodeio crioulo em SLP, enquanto festa do tradicionalismo e que apontavam para as resoluções tomadas pelo 1º Congresso Tradicionalista Gaúcho em 1954 na cidade de Santa Maria (RS) datam de 28 de abril de 1963 e são do jornal *Folha de Campo Largo*

FUNDAÇÃO DO CENTRO DE TRADIÇÕES GAUCHA “SÃO LUIZ DO PURUMÃ” Grandes festividades estão sendo programadas para o dia 5 de maio, domingo próximo, na FAZENDA DUAS ESTRELAS, em São Luiz do Purunã, de propriedade do senhor DINARTE de A. CARRET, quando então será ali fundado o CENTRO DE TRADIÇÕES GAUCHA, no mesmo gênero dos pampas rio-grandenses. Para uma ideia dos esportistas e leitores, vai abaixo o programa das festividades: início: 9 horas – Disfile de cavaleiros – concurso de montaria – concurso de laço a cavalo na saída da mangueira – concurso de laço na mangueira – SUCULENTA CHURRASCADA – na 2ª parte da programação a ter início as 13,30 horas, teremos – concurso de pialo – concurso de potros (montaria em potros chucros) – concurso de violeiros e cantadores de trovas – concurso de declamadores – concurso de danças típicas e folclóricas e finalmente no encerramento das festividades, será cantado o hino pátrio, por todo os presentes. Aos vencedores dos diversos concursos, serão ofertados magníficos prêmios, numa oferta do comércio, indústria e casas bancárias. Esportistas e leitor amigo... se você ainda não viu com seus próprios olhos esta verdadeira festa típica, então vá assistir, aplaudir e incentivar mais uma grande iniciativa de nossa gente. Uma coisa posso afirmar: vocês vão gostar. É um novo atrativo para os esportistas.

Se denotava a proximidade com “os pampas rio grandenses”, o que de certa forma se liga a fitogeografia dos campos gerais na semelhança com o bioma do pampa gaúcho. Na programação desse primeiro rodeio observamos uma ossatura completa do que continuaria sendo os demais rodeios, com as competições estando divididas em artísticas e campeiras. Já nesse início podemos ver a participação empresarial local para a premiação da festa e a nomeação dessa como uma festa típica e “iniciativa da nossa gente”.

Importante notar que nesse momento passa a ocorrer uma releitura de um gauchismo urbano porto-alegrense, por atores de uma comunidade rural paranaense, dentro de um período onde possivelmente SLP poderia ser classificado em sua totalidade como um rural tradicional, o qual segundo Brandenburg (2010, p. 420), “resulta de ações coletivas que fazem dele a construção de um espaço ou

²⁴ O primeiro rodeio, segundo comunicações pessoais feitas em SLP, foi realizado na estrada em frente a casa do Dinarte Garret.

território de vida e trabalho”, decorrente disso se desenvolvem os “laços de pertencimento a uma comunidade, resultando daí relações de proximidade, como de vizinhança, de compadrio, típico de uma comunidade, tal como concebida tradicionalmente”, o que podemos ver pelo envolvimento nesse período de várias pessoas na organização das festas, como aparece na fala de um dos antigos moradores “todo mundo ajudava, era união né, se reunião e ajudavam tudo, nós trabalhava dois três dias, daí todo mundo ajudava” (1a, 2012).

O primeiro rodeio, que foi dividido em duas partes (1963 e 1964²⁵) recebeu atenção desde cedo na mídia estadual. Em 1964 o jornal Gazeta do Povo (03 de maio de 1964, p. 08) publicava matéria salientando os valores culturais da festa, o que era acompanhado da percepção do aumento numérico de visitantes pelos atores locais “começou o rodeio e já foi indo, o segundo rodeio já teve bastante gente, o terceiro já tinha mangueira tudo de tábua, enchia que tinha que olhar por baixo dos outros pra ver laçar” (1a, 2012) nos disse um pioneiro na organização dos rodeios. Posteriormente, possivelmente em decorrência do aumento do número de visitantes e dos maiores ganhos econômicos, a realização e organização dos rodeios ficaram em grande parte restritos ao âmbito de administração da família Garret, nesse sentido, quanto mais visível se tornava a integração ao mercado, menos visível ficavam as formas até então existentes de sociabilidade e relações vicinais. Esse momento marca o início da sobreposição de um rural moderno sobre um rural tradicional²⁶, não que ocorra a ausência total do tradicional em detrimento ao moderno, o que na verdade ocorre é a gradativa destruição de modos estabelecidos de vida, para um novo padrão, que se constrói em paralelo e quase sempre sobre um rural tradicional.

25 Na verdade, o Jornal Gazeta do Povo de grande circulação trazia matéria sobre o rodeio de SLP, colocando que o 1º rodeio foi realizado em 1964, o jornal local traz que em 64 foi a 2º parte do primeiro rodeio, o que nos parece é que a partir do sucesso da primeira festa em 1963, se idealizada uma festa maior e midiaticamente mais visível em 1964 para marcar de fato o início das tradições gaúchas em SLP.

26 Hipóteses acerca da coexistência entre rural tradicional e rural moderno foi abordada por Brandenburg (2010a; 2010b). A título de discussão, a concomitância de diferentes configurações do espaço brasileiro, também foi discutido por Maria Isaura de Queiroz, para essa autora seria possível uma tripla sucessão na estrutura e organização social global, a primeira delas seria a tribal, onde inexistia a cidade, a segunda a agrária, na qual o campo domina a cidade, e a terceira a urbana, onde a última teria maior autonomia em relação ao campo e também dominaria este. Deixando de lado uma visão rígida que essa divisão possa invocar, retomo algo importante que a autora coloca nesse contexto “esses três tipos de sociedades podem ser concomitantes no tempo e no espaço numa sociedade como a brasileira” (QUEIROZ, 1979, p. 162).

FIGURA 3 – RODEIO CRIOULO EM SÃO LUIZ DO PURUNÃ NO ANO DE 1964



“O I Rodeio Crioulo do Paraná, realizado ontem em São Luiz do Purunã, localidade próxima a Ponta Grossa, marcou novo passo do nosso Estado na corrida de constituir-se, no futuro, em ponto de turismo nacional e internacional. Ao I Rodeio estiveram presentes representantes dos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e foi coroado o mais absoluto êxito” (GAZETA DO POVO, 03 de maio de 1964, p. 08, grifo nosso).

O envolvimento do poder público nas festas de rodeio e as estratégias políticas começaram a ficar evidentes já em 1965 durante o II rodeio, quando de acordo com o jornal Folha de Campo Largo (02 de maio de 1965), o então secretário de Agricultura do Paraná, Paulo Pimentel mandou sortear durante a festa cem cabeças de gado vacum entre criadores da região. Nos anos seguintes, já governador, Paulo Pimentel seria uma das personalidades presentes que cooperaria para atrair mais holofotes a festa, sendo patrão²⁷ de honra do rodeio de 1969 (GAZETA DO POVO, 01 de junho de 1969, p. 08).

Outro ponto que apresentava uma melhoria significativa na década de 1960 e que ajudaria a visitação na festa foi o transporte. Nos dias de rodeio passaram a ter linhas de transporte coletivo que partiam de hora em hora de Curitiba em direção

27 Designação dada ao presidente do CTG.

a SLP, passando por outras localidades entre elas Campo Largo (GAZETA DO POVO, 01 de junho de 1969; FOLHA DE CAMPO LARGO, 01 de junho de 1969).

No início, as festas foram caracterizadas pela tentativa de resgate e fortalecimento da memória tropeira. Em matéria sobre o V Rodeio em SLP o jornal Gazeta do Povo estampa como título em uma das suas matérias “V rodeio crioulo mostra o que resta dos tropeiros do Paraná” (GAZETA DO POVO, 05 de maio de 1970) essa forte ligação ao tropeirismo era mais evidente pela importância histórica que SLP e os atores envolvidos na criação do CTG haviam tido em relação ao tropeirismo.

Já nesse período o uso da bombacha nos eventos do tradicionalismo gaúcho se encontrava cada vez mais disseminado entre os moradores de SLP, o que os diferenciava dos moradores de povoados próximos. Na fala desses atores podemos perceber como SLP era visto pra quem estava chegando ou morava nas localidades de entorno da região central

aqui em são Luiz já usava, quase tudo mundo os home quase só de bombacha... era quase comum aqui em são Luiz, agora nós lá nos matos era diferente, aqui já gostavam mais de lidar com gado... o Dinarte Garret eu conheci ele só andando de bombacha, os mais velhos porem, daí os filhos usavam só no rodeio, agora os homens mais antigos, mais velhos em casa mesmo tavam de bombacha, mesmo que não estivessem de bota, tavam com aquelas alpargatas que usavam, mas a bombacha, principalmente os Garret aqui, eram tudo de bombacha (1a, 2012)

lá não, lá eram pessoas mais pobres, aqui já eram mais ricos andavam de bombacha essas coisas, mas lá não (1a, 2012)

Para além dos aspectos visuais e lúdicos o rodeio seria caracterizado pelos aspectos religiosos e nacionalistas, durante o evento era realizado a missa crioula, como cerimonial religioso católico e a execução do hino pátrio com o hasteamento das bandeiras nacional, dos estados do sul e dos CTGs presentes.

O fortalecimento e consolidação da festa na década de 1980 marca a presença de outros tradicionalistas, muitos de origem urbana, trabalhando na promoção desta, formando uma espécie de *stakeholders*

Em 1984 o número de visitantes segundo o jornal Gazeta do Povo (04 de maio de 1984, pag. 13 e 07 de maio de 1984, pag. 05) já era de 30 mil pessoas e já ocorria a presença de uma diversificação nas atividades da festa, menos restritas aos elementos típicos do meio rural ou do tradicionalismo gaúcho. A matéria citada traz ainda a seguinte informação “a maioria dos homens, como também das

mulheres estava trajada com roupas típicas do Rio Grande do Sul, bombachas e grandes vestidos”.

Em 1987 temos a matéria no jornal *O Estado do Paraná* (29 de abril de 1987, pag. 17) escrita pelo jornalista Aramis Millarch, segundo este, o rodeio receberia entre os dias 1º e 3º de maio cerca de 50 mil pessoas e naquele ano contaria com a presença de um dos fundadores do gauchismo em Porto Alegre, Paixão Cortês²⁸. Essa matéria traz uma série de elementos acerca do potencial turístico da festa, como a busca de incentivos junto ao governo e sua colocação no calendário turístico do Estado. O XVI Rodeio Crioulo do Paraná apresentava além da programação habitual, a primeira tropeada intermunicipal vinda de São José dos Pinhais. A edição da primeira quinzena de maio do jornal *O Metropolitano* estampava em sua capa a chamada para o rodeio e uma foto de Dinart Garret trajado, como era seu costume, a moda gaúcha. O mesmo jornal, mas o da segunda quinzena traz a cobertura do evento dando relevância a figura de Dinart Garret

A gauchada com suas bombachas, ponchos, guaiacas e suas “chilenas” desfilavam por toda a área do Centro de Tradições Gaúchas de São Luiz do Purunã que tem como “Patrão” o Sr. Dinarte de Almeida Garrete, nascido e criado naqueles “pagos”, um paranaense grande cultor da tradição sulina. (O METROPOLITANO, 2º quinzena de maio de 1987, p. 05)

Outra presença bastante visada pela mídia foi a de Paixão Cortes classificado pelo jornal como “tradicionalista de quatro costados” que “ofereceu com sua verve fácil, verdadeiras aulas e tratados sobre os costumes gaúchos...” (O METROPOLITANO, 2º quinzena de maio de 1987, p.05), outros personagens como políticos conhecidos na realidade paranaense estavam presentes, entre eles o então prefeito de Curitiba Roberto Requião e o deputado Acir Mezadri.

²⁸Paixão Côrtes foi um dos fundadores do gauchismo, inclusive serviu de modelo para a estátua “O laçador”, monumento construído em 1954 e que em 1992 foi definido como símbolo oficial da capital gaúcha. Em 2013 a cidade de Santana do livramento, município de nascimento de Côrtes, inaugurou uma estatua deste, na entrada da cidade.

FIGURA 4 – XVI RODEIO CRIOULO DO PARANÁ



Fonte: Jornal O METROPOLITANO, 2º quinzena de abril de 1987, capa.

Ainda sobre a edição XVI do rodeio, parecia haver ao menos em certa parcela de campistas a satisfação com a infraestrutura

Outro detalhe que não devemos de forma alguma deixar de comentar, foi a ótima infraestrutura disponível aos campistas. Água potável era encontrada em abundância e banheiros devidamente higienizados foram instalados estrategicamente por toda a extensão do campo (UM FATO NOTÁVEL!) (O METROPOLITANO, 2º quinzena de maio de 1987)

Dinarte de Almeida Garret faleceu em dezembro de 1987, passando a outros a responsabilidade pela organização da festa, entre eles o filho Ivo Garret que mais tarde se destaca na política local.

Se antes do falecimento Dinarte Garret já era visto como um “dos mais dinâmicos moradores de São Luiz do Purunã” (O LIBERAL, 19 de setembro de 1976), após seu falecimento a idealização em torno de seu nome se torna mais forte, os rodeios posteriores serão caracterizados pela idealização do “patrão” e da própria festa, segundo uma das matérias de um jornal local, o Paraná contava com

“280 CTG’s inspirados na criação de Garret que, tendo falecido há seis anos, deixou como sucessor seu filho Ivo Luiz Garret” (FOLHA DE CAMPO LARGO, 29 de abril a 05 de maio de 1994, p. 11, grifo nosso). Em outra matéria o próprio Ivo Garret acaba sendo confundido com o pai “o rodeio foi criado por Ivo Garret, pioneiro na formação de CTG’s no Estado (Folha de Campo Largo, 06 a 12 de maio de 1994 capa). Mais do que simples erro na redação, a aproximação entre patriarca e herdeiro é indubitável, Ivo Garret não obteve apenas o lugar de “patrão” do CTG São Luiz do Purunã deixado pelo pai, mas também a cadeira na câmara de vereadores de Balsa Nova²⁹.

Em matéria de um jornal local que visava as potencialidades turísticas de uma recuperação do caminho dos tropeiros na serra de SLP que deveriam ser ladeadas por hortênsias e árvores frutíferas, se aproximando da “subida da serra de Campos do Jordão, onde as “aleluias” dão uma visão maravilhosa”, o colunista propunha a cidade de Campo Largo para que homenageasse Dinart Garret dando o seu nome a uma das suas ruas, o que já havia acontecido em Balsa Nova³⁰, “o tempo se encarregara de fazer justiça aqueles que merecem, é um pleito de gratidão ao idealismo”.

Esse apego ao passado idealizado também vai ser constante nos discursos dos atores e nos jornais locais.

foi o Dinarte Garret [que criou o rodeio]... ai eu não sei te dizer [o porque criou], sei que no tempo do Dinarte dava umas festa bonita umas festa boa e com respeito né ai depois que ele faleceu que foram largando e agora largaram de vez... o primeiro rodeio que teve ali não tinha mangueira, então eles laçaram na estrada ali... o primeiro rodeio saiu ali (1a, 2012)

Essa idealização após a morte é bem explicada por Maurice Halbwachs

Além do mais, a morte, que põe um fim à vida fisiológica, não interrompe bruscamente a corrente dos pensamentos, de modo que eles se desenvolvem no interior do círculo daquele cujo corpo desapareceu. Algum tempo ainda nós o imaginamos como se ainda vivesse, ele permanece engajado a vida quotidiana, imaginamos o que ele diria e faria em tais circunstâncias. É depois da morte de alguém que a atenção dos seus se fixa com maior força sobre sua pessoa. É então, também, que sua imagem é a menos nítida, que ela se transforma constantemente, conforme as diversas partes de sua vida que evocamos. Em realidade nunca a imagem de um falecido se imobiliza. À medida em que recua no passado, muda, porque

29 O sobrenome Garret ganha força a partir dessa confluência de capitais e reconhecimento desses. 30 Avenida Dinart Garret é a principal rua de São Luiz do Purunã, colocada pela indústria do turismo como parte do caminho do Viamão.

algumas impressões se apagam e outras se sobressaem, segundo o ponto de vista de onde a encaramos, isto é, segundo as condições novas onde ela se encontra quando nos voltamos para ela. (HALBWACHS, 1990, p. 74)

Na chamada para um dos rodeios, determinado jornal estampava na capa sob o título *XIX Rodeio Crioulo do Paraná*

O Paraná como um belo candeeiro, aceso na consciência de seu povo, não permite venha a chama crioula de nossos antepassados, apagar-se pelo sopro do tempo. Nós paranaenses, ligados tão estreitamente aos gaúchos, catarinenses e paulistas, no passado pelo caminho dos tropeiros, vivemos as tantas gerações que cimentaram a construção da pátria (FOLHA DE CAMPO LARGO, 27 de abril a 03 de maio de 1990, capa)

O jornal Gazeta do Povo publicava em sua edição de 30 de abril de 1994 uma das falas de Ivo Garret

Este é o maior evento tradicionalista do Paraná e reúne CTGs de mais de 30 municípios do estado. *Uma festa que relembra o homem do campo na sua lida (trabalho) diária* e que fortalece a tradição gaúcha. (1994, p. 04 grifo nosso)

Além do sentido fortemente nostálgico, a atratividade pela natureza era um dos trunfos do local do rodeio. Parte dos rodeios realizados no Brasil acontece em ambientes urbanos, onde se faz um simulacro de uma realidade campestre e rústica, em SLP isso não era preciso já que o local do evento era cercado pela natureza pouco modificada do início dos campos gerais. Essa atenção pela paisagem natural aparece em alguns momentos, em matéria do Jornal Folha de Campo Largo edição da primeira quinzena de maio de 1989 na página 07 se anunciava *Organizadores do rodeio de São Luiz preservam o contato com a natureza*, o corpo da matéria trazia a fala de Ivo Garret “a cidade encontra-se repleta de leis, no campo é preciso liberdade; assar a carne no chão, fazer contato direto com a natureza, tudo isso atrai as pessoas”, na Gazeta do Povo poderia se ler “muita gente nem vai pelo rodeio. Vai apenas pela natureza. A região é um espetáculo” (GAZETA DO POVO, 02 de maio de 1997, pag. 03).

No entanto, essa aparente harmonia com a natureza poderia e era questionada pela observação da utilização de animais nas competições, e do

impacto de milhares de pessoas em um local de natureza preservada, agravada por estar dentro de uma área de preservação ambiental (APA)³¹.

No final da década de 1980 devido ao crescimento do número de turistas nas festas, o rodeio de SLP já era considerado o maior evento do gênero gaúcho no estado do Paraná, passando a fazer parte do calendário turístico nacional e estadual.

Esse crescimento contínuo encontrava, até então, seu melhor momento em visitação nos anos iniciais da década de 1990 e movimentava uma gama de atividades econômicas. Os ganhos não se restringiam aos realizadores da festa, já que o comércio local de SLP e de cidades vizinhas também eram aquecidos. Para uma comerciante local na época dos rodeios “tinha aquelas festa bonita aquelas coisa linda dava tanta coisa pro comércio trabalhava até duas horas da madrugada, dava muito dinheiro era muito bom e até que acabou tudo” (1a, 2012).

Não havia somente o aumento expressivo de clientes nos dias da festa, mas também a compra de vestuário e equipamento de camping nas semanas que antecediam o evento.

Em 1994 uma loja situada no centro da cidade de Campo Largo trazia sua propaganda em um dos jornais locais “O rodeio está chegando: Prepare-se” seguida de uma extensa lista de produtos que não apontavam para o gauchismo em si, mas para um público mais amplo, vendiam-se equipamentos de camping, calçados country e roupas jeans, nada de bombacha, lenço ou alpargata. A oferta de emprego também crescia nos dias do evento “bastante pessoal de São Luiz trabalhava nos rodeios” (1b, 2013).

31 Apa da Escarpa Devoniana criada pelo decreto Estadual nº 1.231, em 27 de março de 1992 “com o objetivo de assegurar a proteção do limite natural entre o primeiro e o segundo planalto paranaense, inclusive faixa de Campos Gerais, que se constituem em ecossistema peculiar que alterna capões da floresta de araucária, matas de galerias e afloramentos rochosos, além de locais de beleza cênica com os “canyons” e de vestígios arqueológicos e pré-históricos” (p. 1).

FIGURA 5 – COMÉRCIO E O RODEIO



Fonte: Jornal O METROPOLITANO, 2º quinzena de maio de 1987, p. 5.

FIGURA 6 – COMÉRCIO E O RODEIO

Fonte: Jornal O METROPOLITANO 03 a 09 de maio de 96 e 27 de abril de 2001/ Folha de Campo Largo 22 a 28 de abril de 1994.

Desde o início a participação política havia acontecido com participação de autoridades da vida pública paranaense, no cenário interno de Balsa Nova a participação política também acontecia. Em rituais simbólicos como no hasteamento das bandeiras (nacional, estadual, municipal e dos CTGs presentes) era comum ver políticos locais, pois do ponto de vista eleitoral devido ao excesso de público a festa era algo que trazia visibilidade aos políticos.

Esse excesso de público bem-visto pela maioria dos políticos e organizadores da festa, mas que também era malvisto por alguns atores trazia diferentes resultados. Se por um lado evidenciava a movimentação econômica que proporcionava, por outro lado mostrava a incapacidade das estruturas da festa em

manter os acampados a contento. Os próprios organizadores do evento foram tomados de surpresa com o público de 80 mil em 1991, o que ficaria evidente na fala de Ivo Garret “a cada ano que passa conseguimos reunir público maior, sendo que o de 1991 superou as expectativas, pois não esperávamos mais de 40 mil pessoas” (FOLHA DE CAMPO LARGO, 10 a 16 de maio de 1991, p. 08). A chamada para o rodeio do ano seguinte contava com uma foto do rodeio de 1991 e com a legenda “o número de inscritos já supera o do ano anterior. Público de aproximadamente 100.000 pessoas” (FOLHA DE CAMPO LARGO, 20 a 26 de março de 1992 capa)

FIGURA 7 – CTG SÃO LUIZ DO PURUNÃ, RODEIO DE 1992



A foto do rodeio de 1991 mostra uma “cidade” com uma população cerca de 10 vezes maior que o município de Balsa Nova e 100 vezes maior que SLP. Fonte: Jornal FOLHA DE CAMPO LARGO, 20 a 26 de março de 1992.

Com o aumento do público passam a serem constantes as reclamações de filas para os banheiros e chuveiros, a falta de água, de vagas nos estacionamentos, e várias incompatibilidades e conflitos no interior da festa.

Em 1993 e 1994 a visitação chegou aos 80 mil visitantes e os problemas decorrentes da grande quantidade de pessoas chamaram ainda mais atenção da imprensa, do ator local e do visitante.

Em algumas notícias que relatam os problemas estruturais parece haver uma precaução em eximir os organizadores de tais problemas

Numa concentração de pessoas onde o espírito de diversão é o mais importante sempre acontecem fatos desagradáveis, *não pela organização que sempre foi esmerada*, mas pelo ânimo e exagero em algumas comemorações (O METROPOLITANO, 07 a 13 de maio de 1993 grifo nosso)

As tentativas de suprir as deficiências estruturais foram buscadas, mas não com a mesma intensidade que se aumentava o número de visitantes, ampliaram-se o número de banheiros e chuveiros, o estacionamento foi regulamentado e terceirizado, um novo salão de bailes foi construído em 1994 e o efetivo policial aumentou, no entanto não cessaram as reclamações

Na opinião de alguns turistas, o Rodeio de São Luis, pelo expressivo significado entre os CTG's e turistas de todo o sul do país, deveria receber melhorias em sua estrutura todos os anos. Com relação a segurança, apesar da presença da polícia militar, alguns visitantes sugeriram a providência de maior número de policiais devido à grande concentração de pessoas (FOLHA DE CAMPO LARGO, 06 a 12 de maio, 1994, p. 08)

Apesar dos problemas estruturais a crescente eficiência em marketing e as notícias das festas anteriores cooperaram para a atração cada vez maior de um público não tradicionalista, tornando os três dias de festa um palco de conflitos e disputas, tensão registrada pela imprensa em matéria de 1993

O rodeio é uma festa tipicamente gaúcha, mas de algum tempo pra cá se transformou num evento de todas as tribos. "de gaúcho nós não temos nada. Nós somos é country Boys", diz Claudio Broliani. Segundo Alessandra Angelo, uma das 18 pessoas que acampavam com Broliani, country boy é aquele que adora escutar Sergio Reis, Leandro e Leonardo e Chitãozinho e Xororó. Nada de vanerão, muito menos rock. Apontando para um grupo de jovens acampados ao lado, Alessandra dizia que a turma do rock "é formada só de boys de vila". Carregando no tom de desprezo, Alessandra afirmava ainda que a música muito alta dos vizinhos incomoda. "tivemos azar em escolher esse lugar aqui", lamentou. Para os roqueiros desprezados pelos country boys, o rodeio é apenas mais uma oportunidade de exercitar as táticas de paquera. Abastecidos com 360 latas e quatro engradados de cerveja, eles estavam mais preocupados em "queimar a cara com a mulherada" do que em assistir as provas de rodeio. A filosofia do grupo é simples. Beber muito e escolher pouco. "para nós não existe mulher feia, só porre mal dado", explica Fabiano Rosa, que depois de uma bebedeira noturna ajudava os amigos a fazer um varal com as latas de cerveja vazias. Longe das picuinhas das tribos, os CTGs se preocupavam mais em ganhar o maior número de provas que acontecem nos três dias de rodeio (GAZETA DO POVO, 02 de maio de 1993, p. 06)

Quando falamos sobre as matérias referentes a números expressivos de visitantes, um dos entrevistados nos diria "Tinha! Tinha gente que é uma coisa de

loco, depois já começou o banditismo... uns maloqueiro começaram dar tiro um no outro” (1a, 2012).

Esse compartilhamento do espaço por diferentes atores, para alguns era visto como equilibrado, para o jornal semanal *O metropolitano* (05 a 11 de maio de 1995) “peões e curiosos se misturaram e conviveram com a maior naturalidade e entendimento”, a mesma matéria ainda salientava a maior presença de não tradicionalistas no evento

A maior parte das pessoas que foi ao rodeio não é ligada aos CTGs. A maioria foi para rever ou conhecer o evento, que já se tornou tradicional no Paraná. O público foi o mais variado possível, jovens ou pessoas mais velhas, todos participando com grande disposição. Pelos comentários ouvidos, a aprovação foi unânime. O clima foi tão descontraído, que ninguém reclamou do frio a noite ou de dormir em barracas. Parece que a única reclamação do pessoal vinha na hora de juntar as “tralhas” para ir embora. (O METROPOLITANO, 05 a 11 de maio de 1995)

Em 1997 o jornal *Gazeta do Povo* (04 de maio, pag. 17) traz a seguinte matéria

Rodeio crioulo deverá atrair 100 mil pessoas Segura peão! Esse é o brado que ecoa pela serra de São Luiz do Purunã, no distrito de Balsa Nova, a cerca de 50 quilômetros de Curitiba, onde está acontecendo o XXVI Rodeio Crioulo do Paraná, considerado atualmente o maior do sul do país. Aberto na última quinta-feira, o evento, segundo os organizadores, deve reunir perto de 100 mil pessoas. Os lotes já estão completamente esgotados. Neles deverão ser instaladas mais de duas mil barracas. No ano passado, cerca de 72 mil visitantes foram a São Luiz do Purunã. Segundo Ivo Luiz Garret, patrão do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) de São Luiz do Purunã, o evento a cada ano reúne mais competidores e visitantes. A previsão inicial, disse, era de que cerca de 60 CTGs de vários estados comparecessem, mas até ontem perto de 100 já haviam feito inscrição para competir nas provas de laço e gineteadas, entre outras “neste ano estão participando no laço competidores de Marília (SP) e de seis municípios catarinenses. Na gineteada temos competidores do Paraná, São Paulo, Santa Catarina, Goiás e Mato Grosso do Sul, informou Garret. **Festa** Estão sendo usadas nas competições cerca de 500 cabeças de gado, que são substituídas diariamente. Cavalos são aproximadamente mil, das mais variadas raças. Mas não é preciso ser peão para participar da festa. Basta o espírito. E isso é o que não falta aos visitantes de São Luiz do Purunã. Trajados a rigor ou não, todo mundo acaba entrando no ritmo “campeiro”. Em todos os acampamentos não falta cerveja e o tradicional churrasco. Mas para quem não quer trabalho, foi montada um grande infra-estrutura de alimentação. Barraquinhas com vários tipos de comida e bebidas estão espalhadas por toda a área do CTG São Luiz do Purunã. Além disso, todas as noites está sendo realizado um baile, ao som do tradicional fandango do grupo Os veteranos. Quem já foi até o rodeio garante que a diversão é certa. Para acompanhar a festa vale tudo, até mesmo enfrentar duas horas de fila para tomar banho. “Vale a pena o sacrifício, porque isso aqui é bom demais. Eu venho todos os anos, e não perco um rodeio”, afirmou a estudante Patrícia Carvalho.

Além dos problemas estruturais que se desprendem da matéria, se destaca a presença de um público não tradicionalista, “trajados a rigor *ou não*, todo mundo acaba entrando no ritmo campeiro” (grifo nosso), nesse momento a festa já se encontrava com um desenho finalizado que vinha sendo feito desde os anos anteriores, ou seja, com um ator que já chamava a mesma atenção dos “tipicamente trajados”. Esse aumento do número de visitantes do que alguns chamariam de outras “tribos”, pode ser vista em matéria do mesmo jornal no ano seguinte (08 de maio de 1998, p. 02) “a presença de mauricinhos, patricinhas, *agrobos*, surfistas, roqueiros e *headbangers* proporcionou todas as opções de diversão”, nessa matéria ainda são destacados alguns problemas estruturais como a precariedade dos sanitários e falta de luz e água, além de alguns excessos no consumo de bebidas alcoólicas “médicos do local registraram que 90% dos atendimentos foram de jovens alcoolizados e cerca de 10 injeções de glicose era aplicadas por hora”. O contraste entre o novo público e o público tradicionalista é colocado em um box na mesma matéria

TRADIÇÃO NÃO COMPROMETIDA Os mais antigos frequentadores do rodeio acreditam que a presença dos jovens não compromete a tradição. Ao contrário: anima a festa. Carlos Magno Parchen, administrador de empresas que participa de todos os rodeios de São Luiz, afirma a presença dos jovens ser o maior barato. “De vez em quando acontece uma briga ou outra , mas é todo mundo na paz. Considero isso aqui o carnaval paranaense”. Outra figura típica do rodeio é o Patrão Valente. Apesar de manter as tradições tropeiras – como o carneiro no rolete, feito com tração animal -, ele comenta que não existiria festa se não houvessem os jovens, “velho não dança, não brinca, não grita e não ri”.

Nesses anos de visitação massiva podemos encontrar no relato de um morador

teve um dos últimos rodeio... aqui tava cheio de carro, o campo aqui era aberto e tava cheio de carro, lá em cima... tinha 200 carros..., tinha 30 carros aqui, ali tinha 50 e poucos carros, e o CTG tava cheio, quando foi sábado a meia noite, o pedágio ali era os guardas, tiveram que cercar o pessoal e mandar voltar tudo pra Campo Largo, porque não tinha lugar pra colocar carro mais (1a, 2012)

3.2.3.2 Últimos anos do rodeio crioulo do Paraná

quando era o Dinarte era gente pra diacho, nossa vida, depois que ele faleceu que dai ficou pros filho tocarem ai já foi diferenciando a coisa e foi mudando (1a, 2013)

Depois do boom de visitação a festa vê o número de visitação cair abruptamente. Perdendo vitalidade o último evento é realizado em 2003. Para alguns moradores locais, os últimos rodeios já encontravam pouca receptividade entre alguns moradores, mesmo que quantitativamente a festa continuasse a crescer

o pessoal da região na época não gostava, as primeiras vezes sim, até porque tinha muita tradição, era uma coisa mais séria acho que quando o Dinarte era vivo na verdade, dizem que os bailes tinham muito respeito tanto que se tivesse alguém que entrasse pra fazer bagunça ele tirava, mas dai depois que ele faleceu acabou né, o rodeio virou sinônimo de bagunça porque não tinha mais respeito né (1d, 2013)

ah o pessoal reclamava né, porque dai vinha bastante gente de fora dai já não era mais aquela coisa bem igual no começo já que dai começa evolui demais começa vir muita gente de fora né dai o pessoal morador começou a reclamar porque era muita bagunça né (1d, 2013)

Para muitos moradores, o fim do evento está relacionado a uma série de fatores causais, entre eles: o crescimento da violência nos dias da festa, o aumento do “pessoal que vinha pra fazer bagunça” (1b, 2013) e fatores de gestão empresarial dos organizadores do evento. Outras causas apareceram com menos frequência como a criação do pedágio e o início das festas de rodeio country³².

No último ano da festa em 2003, já com um público aquém dos anos anteriores, foi realizado um documentário pela rede de televisão Paraná Educativa sobre SLP e principalmente os três dias de rodeio, nessa filmagem aparecem entrevistas sobre o tradicionalismo gaúcho, mas a ênfase também recai sobre os atributos naturais da região, que já apontavam para o turismo em espaço rural,

32 A partir do ano 2000 SLP passou a receber outra forma de rodeio, característico da indústria cultural e fruto da intensificação da globalização do final dos anos 90, o chamado rodeio country, é provável que essa ação tenha desagradado parcela dos antigos tradicionalistas, já que o gauchismo de certa forma sempre se pautou nessa resistência frente ao estrangeiro, forçando esse dado poderíamos nos alongar em uma discussão que se estenderia aos escritos produzidos pelos tradicionalistas do MTG, mas ai fugiríamos do nosso objetivo, no entanto vale lembrar o que diz Terry Eagleton (2005, p. 121) sobre um processo de globalização que passa por cima das comunidades e suas tradições e deixa “uma cultura de ressentimento latente em seu rasto. Quanto mais um falso universalismo desprezita identidades específicas, mais inflexivelmente essas identidades se afirmam”.

praticados pelas pousadas da região, em muito ligado a uma nova concepção de rural, com elementos do que Brandenburg (2010) chamou de rural socioambiental.

FIGURA 8 – XXXII RODEIO CRIOULO EM SÃO LUIZ DO PURUNÃ



Tradicionalista, Morador de São Luiz do Purunã, participando de competição de laço. Fonte: Arquivo pessoal Paulo Vitor da Luz.

3.2.3.3 Outros eventos gaúchos em SLP antes do término do rodeio crioulo

SLP sempre comportou lazeres comuns a grande parte dos bairros rurais paranaenses, lazeres como as festas de igreja, os bailes e as raias³³ sempre aconteceram. Como espaço de natureza pouco modificada havia também uma série de atividades como piqueniques e passeios campestres que atraíam um público externo.

Com o início do gauchismo na década de 60 muitas dessas atividades passaram a ser ocupadas pelas características deste, principalmente os bailes, mas não somente, como vimos, as missas recebiam um caráter especial durante as festas de rodeio, as chamadas missas crioulas e mesmo nas festas de igreja

33 Raias eram corridas amadoras, no estilo dos jôqueis clubes atuais.

características como o churrasco e as músicas que antes não tinham um aspecto que apontasse para uma cultura específica passaram a evidenciar o gauchismo.

Os bailes, que até então tocavam vários estilos musicais e eram realizados fora de um espaço identificado com uma tradição específica, passaram a ter um caráter “gauchesco”. Na década de 80 os bailes eram constantes e realizados uma vez ao mês, não por acaso no espaço do CTG e no salão de baile de Dinarte Garret.

Segundo os moradores esses bailes geravam expectativa na população local, sendo animados por grupos gauchescos e para os atores locais com uma configuração diferente dos bailes atuais

O Dinarte Garret não deixava entrar de minissaia ou alguma roupa decotada, nem de chapéu, tinha que tirar o chapéu pra entrar, não podia nem dançar muito agarrado e se alguém começasse a se beijar no baile era pedido pra se retirar, tinha mais respeito (1, 2013)

3.2.3.4 Os rodeios e outras festas gaúchas na atualidade de SLP

O que tinha de diversão aqui eram os rodeios, os bailes, as festas de igreja e os jogos de futebol, atualmente desses que tinham só as festas de igrejas que continuam acontecendo (1, 2013)

Os divertimentos eram melhor do que agora, as festas davam festas boas, os bailes davam baile bão né, não é que nem agora que até as danças são diferentes (1a, 2012)

Depois do fim, em 2003, do Rodeio Crioulo do Paraná realizado em SLP, outras formas de festas gaúchas continuaram a ocorrer ou novas formas foram buscadas ou ganharam mais expressividade.

No período imediato ao fim do rodeio, foram realizados eventos ainda ligados ao CTG São Luiz do Purunã, como as duas edições (2003 e 2005) da competição “Piá bom de laço” organizadas pelo CTG São Luiz do Purunã, vinculado a 1º região do MTG-PR e com apoio do poder público e privado através de um projeto chamado “Caminhos de Balsa Nova”.

Quando os rodeios propriamente ditos deixam de existir, os torneios de laço ou tiros de laço que já existiam ou passaram a existir, tornaram-se festas que ocupavam finais de semana inteiros e área de camping.

Algumas dessas iniciativas (torneios de laço e bailes) ocorreram a partir de membros da localidade. Além desses eventos que comportavam em sua programação os bailes gaúchos, normalmente no sábado a noite, também ocorreram bailes separados de um evento maior, ou seja, o baile enquanto baile e não enquanto programação dentro de uma festa. Esses eventos atraíam um público externo, mas também eram visitados por um público da própria localidade.

Em agosto de 2013 quando visitamos um desses bailes, encontramos um ambiente esvaziado, o grupo gauchesco contou com aproximadamente 20 espectadores, alguns pilchados.

Nessa ocasião a justificativa para falta de público era o rodeio no município de Palmeira que ocorria no mesmo dia e segundo os poucos gaúchos presentes, estava extremamente lotado, o que fez com que parcela que poderia participar do baile em SLP estivesse no evento em Palmeira o que mostra um público que fez dos rodeios um itinerário de lazer e entretenimento, mesmo que não necessariamente com grandes vinculações com as tradições gaúchas.

No mesmo mês, nos dias 31 de agosto e 01 de setembro (sábado e domingo) se realizava uma festa de rodeio. No dia 31 a noite o baile que era animado pelo cantor gaúcho Walter Morais se encontrava com um público maior, mais heterogêneo e preponderantemente externo³⁴. A heterogeneidade era vista tanto nas roupas quanto nos estilos musicais.

Como esse baile ocorria dentro de um evento maior, antes do início propriamente dito ocorreu – algo que sempre ocorre – a concentração de pessoas no local de estacionamento, onde pequenos grupos se formaram em torno dos carros que tocavam músicas diversas. Nesse momento conversamos com algumas pessoas e pegamos algumas percepções interessantes, entre eles a de um jovem de 18 anos, morador recente de SLP, que visualmente não comportava o estilo country e nem mesmo o estilo gaúcho e não parecia se preocupar nesse sentido, ele

34 O fator religioso pode ser uma das razões da baixa participação da população local, por um lado a ausência de sentido religioso como o que era evidenciado pela missa crioula no rodeio organizado pela família Garret e mais fortemente pela presença das religiões evangélicas em SLP. Um dos jovens que conversamos nos falava “aqui em SLP tem muita menina bonita, mas elas não vem aqui, porque quase todo mundo é evangélico”. De fato em SLP atualmente existe a presença de várias igrejas protestantes que comportam público considerável na localidade, como a Presbiteriana Independente e a Assembleia de Deus. Ainda sobre esses eventos nas pousadas, apesar de uma programação que contempla as competições campeiras, as competições artísticas não acontecem. Outra questão é que os diacríticos do gauchismo já não são vistos com tanta intensidade, indo pouco além da roupa, também não parece haver uma releitura programada do passado e nem mesmo o hasteamento das bandeiras. Outros aspectos que diferem fortemente do ambiente do velho rodeio, é a ausência dos valores nacionalistas

nos contava que para o baile era necessários saber dançar, por que “a mulherada gosta”, quando perguntamos se ele sabia dançar, nos respondeu positivamente num sonoro “Ô! Claro!”, mas quando perguntado se costumava usar a pilcha da qual muitos estavam vestidos ele respondeu num sonoro e animado “Não! Tá loco!”.

O estilo country atualmente muito difundido por um dos estilos musicais mais rentáveis da atualidade o sertanejo universitário, era tão perceptível quanto o estilo gaúcho, botas, camisas xadrez, calças justas, isso parecia ocorrer principalmente com um público que mantêm SLP como segunda residência, jovens vindos do meio urbano que visitam frequentemente as chácaras, fazendas, estâncias, cabanhas que seus pais mantêm no local e por jovens que fizeram da participação dos rodeios, bailes e shows sertanejos uma rotina. Como nos disse um jovem de dezenove anos, morador de Campo Largo e estudante técnico sobre um rodeio no ano anterior “a gente foi pro rodeio em Chapecó, 800 km, gastei dois mil, eu peguei o prêmio³⁵ no serviço e gastei metade só nisso”.

No dia 01 de setembro, percebemos a partir de várias conversas informais que o evento não recebia a mesma importância que um rodeio, sendo visto apenas como um “tirinho de laço” ou “torneio de laço”. Essas diferenças ocorriam por uma série de fatores, mas que estavam ligados a não vinculação do evento com um aparelho institucional maior como o MTG ou mesmo com algum CTG da região, o que era perceptível pela ausência dos Centros de Tradições Gaúchas durante o evento.

Isso fazia com que uma série de “regras” não existissem, um exemplo claro, foi notado nas competições. Dentro de um rodeio tradicionalista todos os participantes de competições de laço ou gineteadas devem ser filiados a um CTG e estar devidamente trajados com a pilcha completa, em desobediência é vedada a inscrição, já nesse evento em SLP não havia nenhuma cobrança nesse sentido “lá o caboco laça de tênis o que quiser a única coisa que exigem nesses torneios é o exame de anemias para os cavalos” (1, 2013).

Um dos tradicionalistas nos disse que antigamente em alguns rodeios até mesmo a entrada no espaço dos bailes era vedada para quem não estivesse pilchado, mas que hoje não é mais assim devido ao fator econômico que tem como prioridade o aumento do público participante, “claro minissaia ou bermuda não pode, mas se estiver de esporte social já entra” (2, 2013), essa questão da vestimenta

35 Espécie de participação nos lucros.

parece encontrar um lugar central. Um dos entrevistados diria que mesmo a bombacha existe diferença, a bombacha tradicionalista seria aquela larga e sanfonada, enquanto as mais justas e que são chamadas de “castelhanas” nem sempre são bem-vistas pelos tradicionalistas mais “puros”³⁶.

O que se percebia no evento em SLP era uma presença considerável, ou do estilo country ou de um elemento da vestimenta gaúcha e não o traje completo, principalmente pelas mulheres que usavam ou o chapéu ou a alpargata que se combinava com roupas casuais.

Sobre a presença do estilo country, segundo um morador de Campo Largo e tradicionalista desde que se “conhece por gente” e que participa de, pelo menos, um rodeio por mês, não há conflitos, para ele o elemento tropeiro, gaúcho ou country estão todos ligados pelo cavalo “é como eu sempre digo, o que importa é o gosto pelo cavalo, esse é o elemento de ligação”, ainda assim, sempre há menção daqueles tradicionalistas que não gostam do estilo country e principalmente da mistura entre esses dois universos culturais.

Na verdade a forte presença e hibridez entre gaúchos e countrys é uma faceta comum na modernidade dos anos 2000, ou seja, se é gaúcho, country, evangélico, ecologista, feminista, concomitantemente.

3.2.4 Configurações e reconfigurações das tradições gaúchas de SLP a partir do turismo de rodeio

Apesar da festa de rodeio ter apresentado um crescimento gradual, talvez possa ser compreendido em suas últimas edições como situações atípicas dentro do que nos fala Thompson “um motim ilumina as normas dos anos de tranquilidade, e uma repentina quebra de deferência nos permite entender melhor os hábitos de consideração que foram quebrados” (THOMPSON, 2012, p. 235). No entanto, para proceder algumas considerações devemos pensar em como essa festa é conduzida desde seu começo.

Como vimos, logo no início do gauchismo em SLP as festas e lazeres locais passaram a ser vinculadas a esse, fazendo aglutinar e somar elementos a uma figura criada a partir de uma leitura no presente de elementos do passado.

³⁶ Para o MTG uma bombacha deve ter em cada perna a circunferência da cintura, para assim se diferenciar de uma calça comum, durante esse evento em SLP, não foi identificada nenhuma bombacha que se enquadrasse no regulamento do MTG.

Até 1963, não havia um padrão dos costumes locais, eles nem mesmo eram reivindicados formalmente por uma espécie de “guardião da tradição”, mas somente a partir da criação do CTG que se instaura um padrão nos costumes, seguido ininterruptamente por parcela significativa da população, ou seja, deixa-se uma tradição “espontânea” vinda das praticas trabalhistas para um folclore vindo de um quadro institucional específico, regulado, mantido e moldado por uma hierarquia. A medida que esse grupo compartilha e cobra o compartilhamento de novos modelos, ou torna velhas características em evidência, acaba forçando a colocação de um novo padrão. Nesse sentido Halbwachs, coloca a importância dos grupos nesse compartilhamento

É assim que o passado, tal como me aparecia outrora, enfraquece-se lentamente. As novas imagens recobrem as antigas como nossos parentes mais próximos se interpõem entre nós e nossos ascendentes longínquos, se bem que destes, conhecemos apenas aquilo que aqueles nos confiam. Os grupos dos quais faço parte nas diversas épocas não são mais os mesmos. Ora, é do ponto de vista deles que considero o passado. É preciso, então, que à medida em que estou mais engajado nesses grupos e que participo mais estreitamente em sua memória, minhas lembranças se renovem e se completem. (HALBWACHS, 1990, p. 74)

O gauchismo acaba dando uma forma “institucional e legítima” para práticas informais³⁷, ao mesmo tempo, proporciona um deslocamento, se antes essas práticas estavam no âmbito laboral da condição camponesa agora elas passam para o plano cultural (no folclore e no lúdico) como forma de resgatar e reviver práticas agora deglutidas ou mais comumente ameaçadas.

Formalizadas, essas praticas passaram a serem “protegidas” dentro do gauchismo, que atua através dos eventos e dos rituais, como um aparato anti-amnésico da memória de um passado.

A partir da década de 60 o rodeio passou a servir como autenticação da cultura local, principalmente através do reconhecimento externo, o que fica demonstrado pelas matérias publicadas em jornais estaduais e locais, as mesmas notícias por outro lado serviam para atrair ainda mais público e potencializar o quadro que se desenhava, principalmente em duas frentes, em primeiro lugar propiciava o fortalecimento do gauchismo em SLP e em segundo evidenciava a localidade como ponto turístico paranaense através de sua cultura de identidade que se somava aos atrativos naturais e arquitetônicos já conhecidos.

37 Tais como o tropeirismo, o andar a cavalo, as práticas em geral do homem do campo.

O sucesso do reconhecimento e da visibilidade da festa na mídia paranaense acaba mostrando o aumento de capitais, principalmente econômico e simbólico do principal idealizador Dinart Garret, possibilitando reinvesti-los em outro campo notadamente o político. Dinarte Garret pertencia a ARENA e era amigo do então secretário de estado, o senhor Paulo Pimentel, que mais tarde se tornaria governador do estado (1966) e patrão de honra do rodeio em SLP (1969). Nesse sentido as relações de poder que ocorrem partindo do CTG em SLP se expandem em produtos para outros campos.

Voltada para lembrar o passado rural de quem quer que fosse, os rodeios em SLP nasceram vinculados as tradições tropeiras as quais – como já falamos – encontravam-se em um momento de finalização, mas o passar do tempo e principalmente os eventos gaúchos proporcionaram novas construções a partir dos contatos possibilitados. Guilherme Howes Neto em estudo no Rio Grande do Sul, chamou isso de fluxos interpretativos de circularidade das identidades gaúchas, para Neto várias práticas que preenchem o universo do tradicionalismo são frutos de uma circularidade entre campo e cidade, como uma ação reelaborada na cidade a partir de uma representação do campo e posteriormente devolvida ao rural que reelaboraria a partir da reelaboração realizada na cidade (NETO, 2009, p. 60). Nesse sentido, os eventos teriam um papel importante, pois quando faz produzir novas praticas a partir dos contatos que proporciona entre o peão do meio urbano e o peão do meio rural, faz com que essas sejam levadas ao meio rural, ou no caso de SLP, fiquem no meio rural, como diria Neto, existe "um gauchismo urbano que serve de modelo e passa a ser "copiado", representado no cenário rural" (roupas, musicas, alimentos), essas novas praticas mostram que existe muito mais do que "uma representação, mas uma nova prática, ancorada sim numa representação do gauchismo" (NETO, 2009, p. 101).

Em SLP a afirmação da identidade gaúcha ocorria pela pressão institucional sentida na obrigatoriedade de se filiar a algum CTG para participar nas competições dos rodeios oficiais, na coerção não vista como tal em se estar pilchado nos bailes gaúchos, nas provas de laço e nas gineteadas. Outros instrumentos na afirmação da identidade gaúcha foram as músicas que agora tocavam durante todo ano, pelos trajes específicos, e pelas maneiras de encarar o mundo e o social, tudo isso fazia com que os atores de SLP não apenas buscassem, mas também sentissem uma atmosfera de diferenciação. Era a velha preocupação em se diferenciar de um todo

a qual julgava ser superior já que historicamente era mais antiga e mesmo de maior relevância política.

Na década de 1980, as tradições gaúchas em São Luiz já estavam consolidadas e agora se dinamizava a partir de uma base formal, o CTG. Além da visibilidade dada pela visita de autoridades da política paranaense e tradicionalistas de outros estados, passa a ocorrer o reconhecimento do gauchismo enquanto cultura local pelo público externo, mesmo que o indivíduo não participasse de determinadas práticas isso não impedia que ele fosse identificado enquanto tal, ou seja, a liberdade de não praticar – suspendendo as coerções – não faziam o indivíduo isentar-se dos estereótipos, e da identificação com tipos, hábitos e práticas mais visíveis em seu local de convívio, mesmo que a não-aderência as práticas gaúchas fosse possível e mesmo praticável, não impedia que o morador fosse identificado como adepto ao tradicionalismo gaúcho, ao menos nos contatos passageiros com o público externo, da mesma forma SLP como lugar também passa agora a ser reconhecido como “lá onde tem o rodeio”.

Parte do êxito do rodeio em SLP esteve ligada a própria paisagem natural, enquanto em algumas manifestações do tradicionalismo gaúcho existe uma busca em simular o ambiente campestre, por exemplo, a inserção de cachorros, galos, galinhas e cavalos no acampamento Farroupilha em Porto Alegre (NETO, 2009) para que latam a menor “bua”, para que cantem ao amanhecer, buscando um simulacro, um rural encaixado no meio urbano, em SLP os cães, os galos, os cavalos, a predominância da natureza não construída, o grande lago onde a natureza dava o “jeitão” da paisagem, estavam lá, de tão verdadeiros e constantes que quase invisíveis a população local, de valores tão subjetivamente arraigados eram quase como um apêndice, mas que para o visitante, eram um potencializador do sucesso da festa.

A idealização do todo São Luizense potencializado de forma extremamente eficaz pela tradição gaúcha que se definia, se transformava e era avalizada pelo rodeio fez com que em 1994 já consolidado pela imprensa como a maior festa tradicionalista do Paraná e maior rodeio crioulo do sul do Brasil, se tornasse – numa evidente construção do passado – o rodeio gaúcho mais antigo e tradicional do Paraná.

Com o gauchismo já consolidado e em evidência nos costumes, vestimentas locais e numa metamemória³⁸ coletiva, o rodeio acabou se tornando um momento aguardado por parte da população. No entanto, como vimos na fala dos atores seu crescimento trouxe consigo alguns fatores considerados negativos.

O aumento considerável de um público não ligado as tradições gaúchas e nem mesmo a busca de conhecer essas tradições, e o aumento da finalidade econômica na realização da festa, em oposição a finalidade cultural fez com que aos poucos o evento perdesse a capacidade em aglutinar os atores locais. O povoamento das tradições pela economia de mercado tornaram a fração do social menos importante e os nexos com ganhos econômicos mais evidentes, tornando-se cada vez, menos eficiente na construção da identidade e cada vez mais uma força econômica que se intercambiava com a cultural local durante três dias.

Economicamente o rodeio movimentava nesses dias uma parcela significativa de atores. Para os comerciantes, era o momento onde as vendas aumentavam, para outros o emprego em barracas (normalmente alimentícias) no interior da festa ou na bilheteria do evento faziam suspenderem temporariamente a preocupação com o emprego.

O evento nos seus anos de maior visitação ainda gerava rendimentos para as pessoas que transformavam suas áreas em estacionamento, procurados por aqueles que não encontravam mais vagas no espaço do CTG.

A esse quadro se somava a questão da diferenciação, SLP conseguia agora se diferenciar do todo a que pertencia a ponto de se tornar mais conhecido que o município de Balsa Nova. Por longos anos, foi grande – e ainda hoje é considerável – o número de pessoas que conhecem ou já ouviram falar de SLP, mas desconhecem a existência do município de Balsa Nova.

Com o fim do rodeio tudo isso se fez sentir, somado ao cenário de escassez de emprego que a localidade passava, forçou a construção no imaginário local de um turismo redentor.

Em seus anos iniciais o rodeio havia sido uma forma de produção da memória a partir daquilo que Revel chamou de comemoração (2010, p. 249), como atividade narcísica de valorização dos aspectos passados da condição camponesa, ao tempo que servia para uma conjunção de interesses, proporcionava a condição

38 Discurso que o ator faz sobre a memória (CANDAU, 2012).

narcísica e reconfortante a membros da população local, mas também obscurecia e legitimava o aumento de capitais a apenas alguns atores.

A decadência rápida da festa que provavelmente tenha sido o evento temático mais expressivo do estado do Paraná, possivelmente esteja ligada a uma confluência de fatores. Para a população local a má administração e brigas internas entre a família Garret seriam a causa principal, somadas a criação do pedágio, o aumento da violência na festa e saques na infraestrutura do CTG. Nos diálogos travados percebemos respostas que já davam conta de uma aglutinação desses fatores causais.

Considerando prós e contras os contatos proporcionados pelo rodeio parecem ter sido ao mesmo tempo assustadores e fascinantes, onde aconteciam ações que fugiam do cotidiano tanto do ator local quanto do visitante, o exótico dependia do ponto do qual se partia, como diria o uruguaio Eduardo Galeano “do ponto de vista do nativo, pitoresco é o turista” (1999, p. 31).

A partir do rodeio surgiram diferentes resultados, indo além das agitações das últimas festas, trouxeram SLP ao conhecimento de ampla parcela da população paranaense, figurando na mídia estadual (impressa e televisiva), chamando atenção pelas suas paisagens e pela sua cultura, fazendo com que novos atores a procura de descanso da vida urbana buscassem a região serrana. Também chamou atenção de empreendedores que viam em SLP o local ideal para comercializar o rural.

Como resume uma moradora

movimentou a economia local pelo fluxo de pessoas que começou a visitar, levar o nome do lugar né pra vários lugares porque até hoje você fala em SLP muita gente ainda diz "ah lá do rodeio", né, então queira ou não o nome de São Luiz do Purunã acabou em todo lugar e ponto negativo acho que essa questão da bagunça mas também uma coisa que atualmente não tem controle sobre isso porque esses protestos mesmos que é educativo acaba tendo os baderneiros, então na verdade não tem muito controle, acho que negativo eram poucos... muita gente trabalhava, aquela época não tinha tanto emprego como hoje (1d, 2013)

Para os moradores além do já dito, trouxe a esperança em um turismo redentor do ponto de vista econômico, fazendo crescer a esperança nesse tipo de investimento. Afinal se um evento de três dias tinha tal capacidade econômica, do que seria capaz um turismo constante organizado pelo poder público?

3.2.5 Olhares locais sobre as tradições gaúchas na atualidade

Como vimos, as tradições gaúchas estarão presentes desde a década de 1960 e a partir de então se transformam na aparência externa de SLP, ou seja, a localidade passa a ser conhecida pelo gauchismo e pelo seu maior evento, o Rodeio Crioulo.

Após a consolidação, as tradições gaúchas se tornam algo imanente, como ouvimos algumas vezes “é a tradição do lugar” que não se perde após o fim do rodeio e o início da inoperância do CTG – os principais acionadores da cultura gaúcha –, no entanto sem ser avalizada externamente e sem o dinamismo que o rodeio proporcionava, a própria coerção para pertencer perde sua força.

Atualmente o gauchismo ainda aparece muito ligado às relações sociais de lazer, o que desde o início foi uma das principais ferramentas para sua consolidação. O grupo de danças gaúchas³⁹ criado após o fim do rodeio, composto por adolescentes e crianças servia como – as vezes único – lazer local “toda semana a gente tinha um encontro dos amigos, era uma diversão né porque não tem em São Luiz” (1b, 2013). Ainda hoje, as atividades vinculadas de alguma forma ao gauchismo são uma das poucas formas de lazer “é bem pouco, o que tem mesmo é pra gente que gosta de laçar, de vez em quando tem algum treino e só também” (1b, 2013).

FIGURA 9 – GRUPO DE DANÇAS GAÚCHAS, 2004.



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Silva

39 O grupo de danças encerrou as atividades em SLP em 2005.

Dada que a "a integridade da tradição não deriva do simples fato da persistência sobre o tempo, mas do "trabalho" contínuo de interpretação que é realizado para identificar os laços que ligam o presente ao passado" (GIDDENS, 1997, p. 82), o principal fator pra que a imanência fosse construída foram os rodeios que se tornaram a "marca do lugar" e serviram como dispositivos de "trabalho contínuo de interpretação" das tradições locais a ponto de SLP se tornar "o local do rodeio". Após a consolidação dessas tradições, muitas práticas características de um rural tradicional tiveram continuidade, revestidas e protegidas pelo gauchismo e ainda hoje são comuns no dia a dia de SLP.

Uma das coisas mais interessante nisso tudo é a difícil definição em se auto-reconhecer, há uma tensão – mesmo entre os membros formais dos CTGs – em afirmar "eu sou gaúcho". Uma resposta comum foi "gaúcho é quem vem do Rio Grande"⁴⁰, o que está ligado ao enraizamento da tradição nos locais de origem, que mesmo criando diásporas culturais permanecem centralizadas em um ou vários locais (GIDDENS, 1997, p. 101). O gauchismo permanece centralizado no Rio Grande do Sul, principalmente na percepção daquele que tem seu tradicionalismo enfraquecido.

No entanto, o enfraquecimento das tradições não quer dizer imediatamente o fim da identidade cultural gaúcha em SLP ou mesmo o esquecimento, o gauchismo ainda é visto como algo a ser admirado e como a tradição do lugar, representada pela figura do gaúcho de São Luiz, muito lembrado nas apresentações formais do grupo escolar e nas práticas lúdicas do cotidiano local, fator recorrente em muitas entrevistas e diálogos informais, como estes a seguir

pra mim não, não tem significado nenhum porque eu não participo desses torneios enfim... mas assim eu admiro bastante, admiro e reconheço que São Luiz tá muito ligado a isso e gosto, tanto que eu costume dizer que eu não troco esse lugar por nada então apesar de eu não participar eu gosto, acho que é a cultura do local **[e atribui a que essa ligação?]** acho que ao rodeio né, principalmente ao rodeio que trouxe isso (1d, 2013)

é uma coisa que a gente gosta muito, curte bastante né, eu acho bem legal assim, acho pra quem gosta de uma coisa assim mais rústica que é o estilo aqui de São Luiz eu acho que São Luiz tem esse espírito entendeu de repente seja por causa do rodeio (1, 2013)

40 Nesse sentido, quando questionada se se considerava gaúcha, nos diria uma moradora "Não, porque é uma coisa assim que a gente gosta, mas eu não sou fanática agora o meu menino é se você perguntar pra ele, ele vai dizer que ele é gaúcho, mas gaúcho de SL né (risos) e ele fala mesmo" (1, 2013).

FIGURA 10 – TRADICIONALISTAS DE SLP EM EVENTO GAÚCHO.



Torneio de laço, 2013. Fonte: arquivo pessoal.

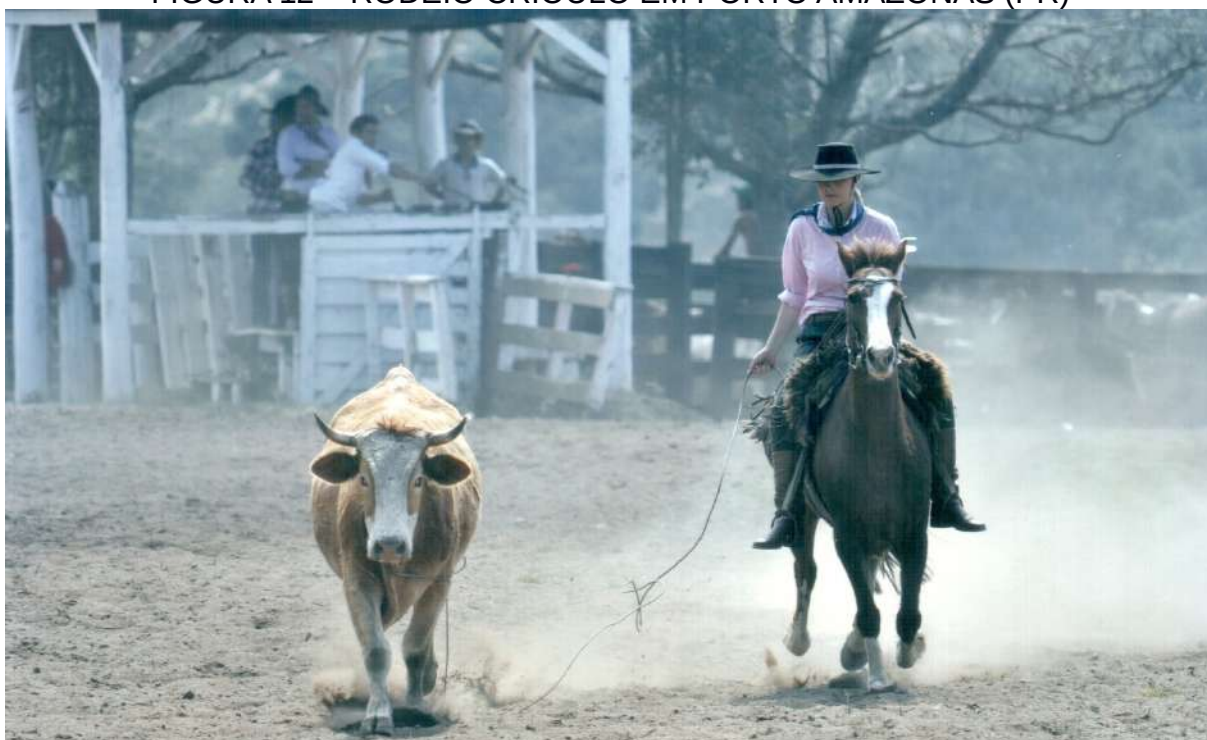
FIGURA 11 – ATIVIDADE ESCOLAR.



Atividade escolar, novembro, 2012. Fonte: Arquivo pessoal

Para Giddens “a dissolução da comunidade local – tal como costumava acontecer – não é a mesma coisa que o desaparecimento da vida local ou das práticas locais” (1997, p. 124), mas o lugar onde se encontra a tradição passa a ser remodelado por influências que se chocam com o local, fazendo com que os próprios costumes apresentem novos significados, podendo tornar-se relíquias ou hábitos (GIDDENS, 1997, p. 124), a partir dos atores que a veem. Em muitos casos, certos elementos para o turista são relíquias, bens a serem protegidos, prestigiados, estancados e fotografados, para o ator local pode ser um hábito, um costume, uma maneira ou mesmo uma tradição "autêntica".

FIGURA 12 – RODEIO CRIOULO EM PORTO AMAZONAS (PR)



Tradicionalista de SLP participando do Rodeio Crioulo em Porto Amazonas (06 a 08 de setembro de 2013).
Fonte: Arquivo pessoal de Luani Ramos.

4 TURISMO EM ESPAÇO RURAL, DINÂMICAS LOCAIS E OLHARES LOCAIS

O turismo teve um aumento considerável na sociedade capitalista se tornando uma das atividades econômicas mais importantes do mundo (BARRETTO, 2000, p. 92). Como produto da sociedade de consumo favorecido pela maior eficiência dos transportes e das redes de comunicação (ALMEIDA, 2009, p. 49), se tornou altamente impactante para as localidades receptoras. A cadeia produtiva do turismo afeta essas localidades tanto positivamente como negativamente, a ponto de alguns locais se tornarem dependentes do turismo. As regiões litorâneas condicionadas economicamente as populações flutuantes que ultrapassam em dezenas de vezes a população local, são exemplos dessa situação.

O aumento da demanda nas últimas décadas se diversificou em uma grande quantidade de destinos e públicos, transformando quase tudo em produto turístico. No entanto, essa perspectiva teria aporte de outra discussão de peso global, a questão ambiental, criando novas oportunidades de negócios, entre elas o turismo em espaço rural, que passou a ser considerado portador de cenários de grandes possibilidades para práticas econômicas mais sustentáveis, contudo ainda dentro do quadro onde “o mundo todo está disponível e a venda, como um grande reino mágico” (FERRARA, 1996, p. 22). Nessa perspectiva os ambientes naturais se tornaram objetos de consumo.

Conhecido como “a indústria sem chaminés” o turismo em espaço rural se apresenta como potencial em promover desenvolvimento local, recuperação ambiental, preservação cultural e outras positivações, mas na realidade está ligado a uma prática que acarreta uma quantidade considerável de impactos ambientais e socioculturais e muitas vezes não representa um desenvolvimento para as localidades receptoras.

Esses impactos, objetos de inúmeros estudos suscitaram consideráveis normatizações jurídicas “que passaram a restringir o direito dos turistas ao consumo desmesurado dos valores culturais e dos recursos naturais das localidades visitadas, impondo-lhes até algumas obrigações em suas viagens de férias” (RUSCHMANN, 1999, p. 16), no entanto essas normatizações mesmo quando obedecidas a ponto de propiciarem uma proteção ambiental e cultural mais adequada, nem sempre acarretam no envolvimento mais direto da localidade receptora e de seus atores, principalmente como participação econômica.

Por outro lado, boas experiências em turismo no espaço rural também podem ser identificadas, como o aumento da renda complementar da agricultura familiar, aumento e melhoria de condições de emprego, diversificação da oferta de emprego, fortalecimento cultural das comunidades, melhoria na infraestrutura local, avanço dos meios de comunicação e transporte, diminuição de empreendimentos nocivos ao meio ambiente, recuperação e valorização da memória local, entre outros.

O aumento da busca turística no meio rural se liga a “uma demanda crescente da população urbana por um consumo do verde, de tradições e de uma atitude de precaução ao risco” (BRANDENBURG, 2010, p. 426), ou ainda, pela busca de atores urbanos na recuperação das negatividades do trabalho na sociedade moderna (FIGUEIREDO, 1999, p. 208), onde a degradação das condições de vida faz com que seus habitantes busquem cada vez mais determinadas regiões de beleza natural (RUSCHMANN, 1999, p. 19), onde os problemas dos quais buscam fugir, ainda não chegaram com tanta intensidade. Para Ulpiano Meneses a ação do turista é espasmódica, desterritorializada, uma compensação ao seu padrão "sem graça" de vida, ou perturbado pelo barulho e pela poluição. (1996, p. 96).

Esse aumento turístico em espaços afastados da cidade produz novas atividades nos locais de destino, ocupações voltadas ao atendimento do turista podem aquecer as economias locais e servir como vetor de aquecimento econômico, por isso não devemos estranhar a atribuição de elixir dada ao turismo.

Essas mudanças de finalidades em profissões já existentes e a criação de novas ocupações foram bem captadas por Arlete Moysés Rodrigues

os antigos pescadores das áreas litorâneas ou pantaneiras se transformam (ou são transformados) em barqueiros para o turismo. Os antigos coletores/caçadores das florestas se transformam (ou são transformados) em empregados da indústria da construção civil. São também transformados /incorporados como caseiros, domésticos, trabalhadores dos hotéis e similares. (1996, p. 57)

4.1 DO TURISMO DE MASSA AO TURISMO DIFERENCIADO

Principalmente a partir da década de 1990 em muitos locais ocorreu a instalação de vários empreendimentos voltados ao lazer no campo e a hospedagem.

Esse tipo de empreendimento teve início ligado às transformações na esfera global, principalmente com o aumento da busca pelo “verde” por parte dos agentes urbanos, ocasionada pelos diversos problemas peculiares a sociedade capitalista e mais evidente no espaço urbano. Expressões como stress, poluição, cansaço, deterioração, depressão, selva de concreto, hora do rush, são evidências de como a cidade de certa forma passou a ser vinculada a uma idealização negativa que se referia a perda do contato do homem com a natureza.

Ao mesmo tempo, esses problemas formavam um grupo de consumidores que buscavam alguma forma de alívio dessas adjetivações, quase sempre através do consumo, que aparecia como vacina do problema que ele mesmo havia criado. Desde então, uma forma de comércio que vendesse um composto para sanar esses problemas passou a aparecer na forma de spas naturais, ecovilles, eco condomínios, jardins, cafés coloniais e na mudança das formas de lazer que deixaram de ser parte do cotidiano como atividade espontânea e passaram a ser cooptadas pelo desenvolvimento da sociedade de consumo.

Com o boom da discussão ambiental, agora já não mais vinculada a movimentos de contracultura, mas uma discussão que tornava conceitos como sustentabilidade uma expressão importante para os profissionais do marketing, fizeram com que produtos fossem criados mesmo no ambiente urbano, as praias artificiais, os bosques em condomínios particulares, era um natural remontado no espaço urbano e com baixo grau de complexidade, era um natural organizado pelo viés urbano. No entanto, isso como válvula de escape não seria o suficiente e outras opções de consumo desse verde foram criados em busca do mais autêntico, seriam os empreendimentos turísticos no meio rural, conhecidos como turismo em espaço rural, constituído pelas pousadas, hotéis fazenda, spas naturais, haras e outros.

Esse turismo das paisagens, da ligação do homem com a natureza, buscaria em alguns locais pouco modificados antropicamente o cenário ideal, mas não eram mais os pântanos e agrestes perigosos e selvagens que Thoreau falaria em muitos de seus escritos, de níveis elevados de complexidade biológica, era um cenário muito próximo aos jardins das cidades, mas sem as cidades, esse era o espaço a ser buscado e porque não, consumido, quadro esse muito próximo a certa colocação de Adorno “a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança” (1985, p. 113).

Essa busca do rural por aqueles habitantes de cidades hipertrofiadas que buscavam a tranquilidade perdida no ambiente citadino, assim como, um maior contato com a natureza (BIAZZO, 2008, p. 137), somando a descentralização industrial que descolou os conceitos de urbanização e industrialização (WANDERLEY, 2000, p. 97) fez com que o rural – principalmente os mais próximos dos grandes centros – incorporasse na esfera da produção o não material, ou seja, não fonte apenas de bens materiais, mas de bens simbólicos que "passam a alimentar uma outra dinâmica econômica e social". (CARNEIRO, 2008, p. 25).

Isso se intensificou quando a pauta ambiental se tornou lugar-comum, contribuindo para uma ampla rede de discussões acerca das ações desencadeadas sobre determinados espaços rurais e alimentando um debate acerca da sua importância e do seu sentido na modernidade. Como espaço geográfico o rural torna-se fluxo de uma diversidade de opiniões contrárias acerca do uso e importância da terra, um exemplo, seria o rural como espaço de contemplação em oposição ao uso agrícola do solo (CARNEIRO, 2008, p. 24), mesmo porque o surgimento de outras práticas laborais descoladas da agropecuária, como o turismo, mudaram a noção de valor atribuído a terra (ALMEIDA, 2009, p. 58).

Tudo isso fez do rural um espaço cada vez mais heterogêneo. As combinações se tornaram inúmeras, não mais restritas entre o "dentro" e o "fora", inclusive nos posicionamentos em relações ao território, e na maneira como esses atores ou grupos se apropriam dos "bens materiais e simbólicos das localidades (ou territórios)" a apropriação desses bens não vai depender somente do volume e soma de capitais em jogo, mas também da posição dos atores "nas redes sociais locais" (CARNEIRO, 2008, p. 32)

Não estamos negando a busca pela natureza e nem mesmo atribuindo essa busca a história contemporânea, mas mesmo que os piqueniques apareçam nas colunas sociais de jornais do século XIX e que Horácio (65 a.C à 8ª.a C) já dissesse "*O rus, quando ego te aspiciam? quandoque licebit nunc veterum libris, nunc somno et inertibus horis, ducere sollicitae jucunda obliviam vitae?*"⁴¹ (HORACE, 2013, p. 98), agora se formava um grupo em potencial de consumidores que pagariam para ter esses aspectos, que não se sabia ao certo como eram e essa incerteza sobre a

41 "Ó campo, quando hei de ver-te? Quando me será permitido esquecer, ora nos livros antigos ou no sono e em horas ociosas, esta vida cheia de preocupações?"

busca, dava margem para indústria simular esses espaços numa mescla de autenticidade e conforto.

Nesse quadro é que gostaria de inserir atualmente o turismo em espaço rural em SLP, essa demanda global que vai interferir no rural em questão mostra bem a interferência de tipos de consumo criados a níveis globais, no cotidiano de atores remotos, fazendo com que essa procura propriamente urbana se encontre a uma realidade local. Esses contatos vão fazer que o campo tenha uma diversidade subjetiva de interpretações, sendo concebido em construções simbólicas diversas, dependendo de quais universos culturais está dando significado (CARNEIRO, 2008, p. 22), ou seja, a construção simbólica das populações locais nem sempre se aproxima com a de outros atores, como os turistas, sendo inclusive contraditória algumas vezes. Para Almeida as paisagens mudam de significação por meio da transformação do espaço, pela instalação de novos sistemas técnicos, ou seja, as paisagens não mudam de lugar, mas mudam de função e significação, permanentemente, conforme a dinâmica dos territórios (2009, p. 62).

Essa mudança de significação do rural e do próprio sentido imagético, em grande parte, produto dos últimos 30 anos e dado quase sempre pelo ator urbano, nasce inserida no questionamento ao turismo de massa, não apenas pela produção acadêmica ou através de ativistas em prol da preservação ambiental, mas até mesmo por uma agenda baseada no senso comum. Fatores como a influência da mídia, dos artistas e dos filmes, aliada a efetividade dos desastres climáticos fizeram que nascesse uma nova concepção de turismo, dentro de um "modelo pós fordista, de segmentação, flexibilização e personalização do produto". (BARRETTO, 2000, p. 127). Hassan Zaoual (2008, p. 02), chamou de turismo situado esse novo tipo, onde conceitos como cultura, natureza e diversidade estariam equilibradamente associados, encaixados nesse tipo estariam o turismo rural, cultural, ecológico e outras dezenas de nomenclaturas.

concretamente, a clientela procura verdadeiros sítios que combinam a autenticidade e a profundidade do intercambio intercultural de uma parte e a harmonia com a natureza e a memória dos lugares visitados em outro lugar. Essas exigências aparecem em total contradição com a oferta do turismo de massa que privilegia o lucro imediato e a grande escala, destruindo assim a qualidade relativa dos sítios turísticos (ZAOUAL, 2008, p. 02)

Para autores como Zaoual (2008, p. 03), esse novo turismo nascia ligado a uma crise “do reinado da quantidade” e ascensão de uma perspectiva mais qualitativa em busca da diversidade e isso seriam sintomas das perdas de referência do indivíduo trazendo uma necessidade de pertencimento e de intercâmbio cultural, concomitantemente por parte dos atores locais haveria uma busca em participar da ação sem “abandonar o monopólio do processo” evitando assim as negatividades do turismo de massa. Para Kayser o movimento homogeneizador já havia cedido lugar para a defesa da diferença, com isso a diversidade seria o grande valor para oferta da cultura local, contribuindo para o desenvolvimento local (S/D, p. 2). A quebra desse paradigma estaria centrada numa reação contra a economia padrão do turismo que impede o diálogo entre culturas.

À medida que esta intermediação constitui o objeto de uma comercialização, a autenticidade da relação de intercâmbio desaparece e dá lugar a uma ilusão, uma artificialidade que a demanda evita progressivamente. A viagem torna-se uma jaula e passa a impressão de que a mobilidade espacial é culturalmente imóvel, na medida em que tudo é organizado de tal forma que o encontro com o outro aparenta um simulacro (ZAOUAL, 2008, p. 04).

Para Zaoual essas transformações são resultantes de uma mudança na antropologia do turismo, onde novos valores e necessidades estariam em jogo e visíveis a partir da mudança do paradigma uniformizador para uma nova etapa de conhecimento mais vertical da localidade que seria “tão diversa quanto uma região, assim como um país” onde “cada território possui uma grande variedade de sítios, logo, de referências imaginárias, histórias e memórias” (ZAOUAL, 2008, p. 05). O que vai em direção oposta a tendência homogeneizadora da sociedade atual, e na mesma direção do direito a diferença, fazendo com que o turismo tenha um papel importante “se respeitar esta dimensão plural da cultura” podendo “ser fonte fecunda de renovação” em contrário “apenas facilitará, mascarando-a, a pasteurização exigida pelo mercado”. (MENESES, 1996, p. 92)

Esses fluxos dinâmicos, associados – e talvez determinados – por processos de pluriatividade, industrialização no campo, mecanização do campo, biotecnologia, agenda ambiental, turismo, em um fluxo constante entre local e global, e que trouxe novos sentidos, significados e mesmo valores ao espaço campestre, foram vistas – principalmente o turismo – como um renascimento rural, principalmente pelos estudos que vinham apoiados na abordagem do geógrafo Bernard Kayser, o que às

vezes fazia do turismo uma panaceia que harmonizaria crescimento econômico, proteção ambiental e justiça social.

Entretanto, além da discussão teórica acerca do renascimento rural, começou a ficar claro que o impacto do turismo nesses locais não ficava restrito aos positivos, mas muitas vezes os impactos negativos chegavam a serem de fato os mais importantes, o que de certa forma parecia contraditório já que esse quadro estava ligado a uma ruptura ao paradigma do turismo de massa e altamente impactante, que ignorando a complexidade social das relações do lugar com os atores locais aglomerava milhares de pessoas em espaços específicos - muito evidente pelo turismo do tipo “beach, sun and sex”.

4.1.1 As primeiras pousadas e as novas formas de turismo

São Luiz do Paraná. No inverno ou no verão, São Luiz do Purunã tem atrativos para todas as idades, gostos e orçamentos: da tradicional costela de chão, passando pelo spa da mente, até os esportes de aventura, como mountain bike, rapel e escalada (Revista Fecomércio, agosto de 2013).

Nesse percurso que cria uma demanda por um tipo de turismo diferenciado, algumas localidades vão oferecer um suporte mais interessante do que outras, nesse sentido SLP consegue aumentar o potencial turístico que já possuía, devido a uma série de fatores, como a beleza natural; riqueza histórica; força e evidência das tradições; visibilidade proporcionada pela expressividade do rodeio; proximidade da capital do estado; comunidade local receptiva a esse mercado⁴². Tudo isso fazia com que houvesse um terreno fértil para a implantação do turismo diferenciado em SLP, ou seja, a demanda encontra o local que daria suporte a instalação da infraestrutura que então supriria essa demanda crescente⁴³.

aqui foram feitas pesquisas na época né e era uma área assim que apontava bastante crescimento nessa área do turismo, turismo rural mesmo e a região mesmo por ser próxima a Curitiba, próxima a Ponta Grossa cidades grandes né, então é uma opção que o pessoal tem de descanso né sai um pouco da cidade... sim, antes foi feito um estudo uma pesquisa (3, 2013)

42 Devido aos problemas na esfera econômica, como o desemprego, o que cooperava para a ideia do turismo redentor.

43 Vale salientar que ignorando todo esse quadro de aspectos positivos a serem explorados, ainda assim, seria possível instalar o turismo em espaço rural, ou seja, qualquer lugar hoje está passível de virar potencial desse novo turismo, pois em tempos onde simulamos até o nascer do sol, a busca pelo natural, pode ser forjada em quase qualquer ambiente, porém perde-se em certa medida o grau de autenticidade, além de ser uma tarefa financeiramente exigente.

Como motivo de deslocamento espacial, SLP vai se transformar em um destino rural muito buscado por atores urbanos motivados por diferentes interesses.

eles procuram de tudo um pouco, principalmente a tendência hoje do pessoal da cidade é vir pro campo né pra descansar pra ter lazer principalmente desestressar né, sair a cavalo nos campos, a gastronomia também é uma coisa bem diferente né, tem uma comida diferenciada também é uma comida do campo mas com requinte da cidade então uma boa apresentação na parte da limpeza de organização né, porque as pessoas procuram um pouquinho de cada, mas acho que principalmente o ambiente sem stress o ambiente pra realmente relaxar esquecer dos problemas da cidade grande né das contas do trabalho ter contato com a natureza acho que esse é o foco principal do pessoal né (3, 2013)

A demanda composta por atores urbanos passaram a dar significados diferentes a SLP, principalmente voltadas a um rural idealizado usado para contemplação e contato com a natureza⁴⁴, discurso também presente na fala dos atores locais

[Porque você acha que foi instalado o turismo em SLP?] Acho que pelos recursos naturais que a região oferece é muito recurso natural, a gente não tem recurso artificial, não tem indústria, mas em contrapartida a gente tem um verde um ar que lugar nenhum tem então eu acho que é uma fonte de renda que a própria região oferece, eu particularmente acho que São Luiz futuramente vai ser uma Teresópolis de Curitiba, eu acho que vai chegar um ponto que a cidade não vai mais comportar tanta população e as pessoas claro que tiverem um poder aquisitivo maior vão acabar se refugiando pra cá eu acho (1, 2013)

Observamos que em todos os estabelecimentos a natureza é um dos fatores de deslocamento, mas quase sempre tendo como fundo a cultura local objetificada. No entanto, já tem início um turismo diferenciado, totalmente descolado da exploração da cultura local

olha durante muitos anos o que movimentou o turismo aqui foi esse pessoal, essas cabanhas aqui todas são lotadas todo mundo vem passar o fim de semana deixa cavalo e isso ai foi durante muitos anos o que movimentou, o pessoal vem

44 Entretanto para autores como Rodrigues a natureza só parece estar sendo vendida, mas na verdade se está vendendo a qualidade ou satisfação do aparelho turístico (Rodrigues, 1996, p. 61), portanto se o turismo de massa poderia ser classificado em uma das suas formas como *beach, sun and sex*, o turismo rural pode ser chamado de natureza, ego e conforto. Principalmente quando feito dentro do que Felix Guatari chamou de "viagem sem sair do lugar, no seio das mesmas redundâncias de imagens e de comportamento" (2001, p. 8), apenas para ser visto fotografado e depois esquecido (CARLOS, 1996, p. 32), ou seja, o turista compra esse pacote turístico, onde se inclui o espaço a partir de um conhecimento efêmero dado pela produção midiática, usando a paisagem de forma superficial sem um conhecimento verticalizado, aprendendo pouco da viagem (ALMEIDA, 2009, p. 52). Para Lucrécia Ferrara o turismo favorece a metonímia, a imagem do cartão postal vale a viagem no todo, o motivo, para o turismo "a parte vale pelo todo" (1996, p. 22), para Arlete Rodrigues muitos destinos que chamam atenção "por possuírem características territoriais e sociais diferentes, são transformadas em lugares sociais "iguais" ou semelhantes aos da origem dos turistas" (1996, p. 57).

pra passar o dia pra andar de cavalo pra laçar, pra correr dai já almoça compra um negocinho na vila vai no posto entendeu e eu também admiro muito porque é uma cultura de muitos anos atrás que é preservada até hoje né... não não, aqui [na pousada] a nossa proposta é descanso, o pessoal vem aqui pra descansar mesmo (3, 2013)

4.1.1.1 As pousadas e outros projetos turísticos em SLP

O município de Balsa Nova (PR) oferece no momento nove locais, entre pousadas, recantos e spas, onde turistas podem passar o dia ou se hospedar, dos nove empreendimentos oito estão na região de São Luiz do Purunã, desses, seis são pousadas e os demais são camping e restaurante.

A criação desses locais teve início na década de 1990 dentro da formação do grupo de consumidores desse tipo de turismo, do qual falamos anteriormente. No entanto, foi a partir de 2000 que houve a criação da maioria dos espaços que ainda se encontram em funcionamento, em simultâneo, houve o que poderíamos chamar de resposta público-privado para esperança da população local em um turismo redentor. Mais precisamente ao final dos rodeios crioulos de SLP ocorreram investimento que pareciam ir em direção do que a população esperava.

Partindo de iniciativas individuais e de parcerias público-privado houve um disciplinamento do espaço central com a criação de várias estruturas que buscavam atrair e dar conta de um público citadino, surge então a Casa do Artesanato, a Casa da Cultura, o Café Colonial, o Restaurante Tropeiro, a Cavalovia, o Portal de entrada (ostentando “São Luiz do Purunã, pólo turístico de Balsa Nova”) e várias pousadas e atrativos turísticos, porém em pouco tempo de funcionamento todos os aparelhos criados na região central foram fechados.

Muitas dessas ações estavam dentro de um projeto chamado “Caminhos de Balsa Nova”. Um empresário do ramo do turismo resume o projeto da seguinte forma

a Itambé fez uma parceria com a prefeitura pra reativar algumas coisas aqui, tem a sinalização da estrada que é antiga mas foi a Itambé que cedeu ela fez uma boa divulgação do que existia aqui, na época ainda existia o rodeio, as pousadas todas foram envolvidas, todos os empreendimentos, tinha o café colonial lá embaixo, tinha o restaurante tropeiro, então a Itambé fez muita coisa no início, com os técnicos deles com o pessoal da secretária do turismo do Paraná e deu o pontapé inicial facilitou as coisas e a partir de então... não que eles tenham caído fora mas cumpriram com a parte deles, com a obrigação deles, e fico pra comunidade continuar o movimento, a prefeitura, só que isso não aconteceu... houve a reforma

da casa da cultura, volta e meia eles faziam exposição de quadros, de objetos do tropeirismo, a parte do restaurante tá fechado lá, cinco anos né, inclusive hoje muita gente chega lá no mercado e pergunta onde é o restaurante né "isso aqui tá tudo fechado, já faz tempo" ai o pessoal acaba vindo pras pousadas né (3, 2013)

Após o fim desse projeto, a expectativa da população local no turismo como alavanca para o desenvolvimento local, diminui. Somado a novas ofertas de emprego criadas em nível local e regional que dão conta de uma demanda por trabalho, fazem com que o turismo que aparecia como um redentor⁴⁵ - mesmo que não desapareça -, não se coloque mais como algo vital e imprescindível.

Na curta experiência do turismo diferenciado na região central, foi extremamente baixo o nível de participação da população local no monopólio do processo. O mesmo quadro que ocorre atualmente em relação aos espaços turísticos, a população local participa apenas com a mão de obra, algumas vezes ocasional e sem registro.

Os proprietários dos serviços em atividade, em grande parte são oriundos do meio urbano, alguns podendo ser classificados como neorurais, já seus clientes normalmente tem residência na capital do estado, sendo um público de alta renda e com ensino superior, que buscam esses serviços no objetivo de fuga do ambiente urbano, o que pode ser visto pelo maior peso na escolha apontar para as "paisagens naturais que a pousada oferece" (SOUZA, 2007, p. 33 e 38). Isso faz com que o discurso preservacionista apareça com frequência no discurso dos empresários.

Apesar da busca do cliente não estar relacionada especificamente a cultura local, mas sim a paisagem natural, o apelo ao sentido histórico da localidade aparece com bastante força, algumas pousadas chegaram a contar com apresentações do grupo de danças gaúchas de SLP e atividades como as cavalgadas recebem o suporte de uma história local como forma de buscar montar ou reconstruir um cenário mais atrativo ao público consumidor.

Nessa perspectiva os proprietários das pousadas acreditam na importância dos seus empreendimentos no resgate e valorização da cultura local

45 Essa construção de um turismo redentor estava em muito ligado a situação econômica e da falta de emprego pela qual SLP permaneceu por muito tempo, o que somente na última década tem se alterado "quando eu cheguei aqui tinha muita gente que passava necessidade em SL, hoje em dia não existe mais assim, muito pouco, não tem mais gente carente em SL, as pessoas, tinha muita gente carente mas as pessoas foram trabalhando conquistando suas coisas (1d, 2013)

...a gente tá inserido na rota dos tropeiros e a gente procura fazer o máximo pra resgatar, pra fazer com que as pessoas acabem conhecendo essa parte cultural da região né que teve uma importância muito grande, há algumas décadas atrás com o ciclo do tropeirismo então isso é uma coisa que a gente tenta resgatar sempre tem material de divulgação sobre isso (3, 2013)

O turismo busca seu “resgate” da cultura local, mais focado em um passado histórico ligado ao tropeirismo

acho que isso é uma coisa natural que aconteceu, São Luiz foi um pólo mais importante até que Curitiba nos tempos áureos do tropeirismo, aqui passaram os tropeiros aqui essa estrada segundo conta a história essa estrada era utilizada pelos tropeiros era o caminho natural, a vila de São Luiz foi pouso dessas comitivas, então São Luiz do Purunã tem tudo a ver com o tropeirismo então é importante que São Luiz consiga resgatar isso consiga pelo menos manter essa chama viva, essa tradição viva embora o pessoal de hoje não quer nem saber né parece que eles tão voltando no tempo, mas pra gente que tá vindo de fora o pessoal que gosta disso... acho que isso é de grande importância você fazer com que a comunidade tente resgatar isso né então o tropeirismo é a marca registrada de SLP porque foi uma das principais cidades da rota, um dos principais logradouros de parada (3, 2013)

A esse resgate que se pretende documental, soma-se eventos culinários como a costela fogo de chão que remetem já a uma junção entre tropeirismo e gauchismo, e na realização de festivais de música nativista, e até um tempo atrás nas apresentações artísticas do grupo de danças gaúchas, ambos que evidenciam mais o gauchismo

nós [empresários] procuramos manter esse vínculo com as tradições gaúchas a gente sabe que isso é uma coisa da região então a gente tem que tentar resgatar (3, 2013).

4.1.1.2 Segunda residência/turismo habitacional:

A segunda residência ou mesmo aquisição de residência principal por atores urbanos também pode ser classificada como turismo. Em SLP esse tipo de dinâmica é feita por atores urbanos e neorurais que buscam no campo uma melhor qualidade de vida. José Graziano da Silva, Mauro Del Grossi e Clayton Campanhola (2002) classificaram essa procura como uma das dinâmicas imobiliárias correntes no que chamaram de novo rural. SLP que há muito tempo possui uma série de chácaras, sítios, fazendas, cabanhas e haras, passou, principalmente na última década, a

receber o aporte de vários atores vindos do meio urbano que passaram a residir em SLP, mas que ainda mantém um vínculo forte com o meio urbano através do emprego. Esses novos moradores não residem no núcleo central, mas em ambientes mais afastados e próximos das pousadas onde muitos foram clientes. Para esses novos moradores a proximidade com a capital faz com que o deslocamento seja viável, mesmo porque como público de alta renda, transpõem facilmente dificuldades como preço do combustível e praças de pedágio. Essa tendência se encontra possivelmente no momento de maior intensificação, enquanto algumas pousadas fecharam, a segunda residência aumentou consideravelmente

Tem muitos [novos moradores], principalmente moradores de fora né, pessoas de Curitiba, hoje tem muitos condomínios ai, muitas chacinhas, só aqui em baixo tem dez casas novas em áreas de cinco seis mil metros quadrados outras pessoas estão construindo lá pra baixo então o pessoal vem pra conhecer o local, vem pra almoçar vem pra se hospedar acaba se apaixonando pelo lugar e compra uma área pequena né... um público de media e alta renda... aqui em cima, lá na vila não, lá você pode encontrar uma ou outra mas a grande maioria é aqui em cima (3, 2013).

Esses novos atores também proporcionam um cenário de novas tensões, inclusive com os empresários do setor turístico

não, conflitos não existem o que existe hoje é meio que tentar conquistar espaços novos antigamente quando eu cheguei aqui, você fazia uma cavalgada por toda região né ai o pessoal começou a vender as propriedades a picar a propriedade a cercar e hoje tem muitos locais que você não tem mais acesso eu ainda tenho acesso a muitas áreas aqui porque eu sempre fiz uma politica da boa vizinhança... Mais outras pessoas já não tiveram esse tipo de atitude né então simplesmente entravam nas propriedades com os cavalos andavam por cima da plantação saiam deixavam a porteira aberta o gado misturava e ai esses proprietários começaram a cader as porteiras...então o único conflito que existe é nesse sentido assim dos proprietários para a atividade do turismo (entrevista 3, 2013) **“[dá pra dizer que esse fatiamento do espaço foi prejudicial ao turismo?]”** foi, hoje a gente tem poucas alternativas de cavalgadas de passeios antigamente a gente podia chegar em qualquer propriedade ai de carro e tomar um banho de cachoeira, então hoje as propriedade já tão fechadas até com medo de dê repente a pessoa chegar lá pra conhecer e depois no dia seguinte entrar e roubar né (3, 2013)

4.2 OLHARES LOCAIS SOBRE O TURISMO ATUAL

Esperava que as coisas fossem melhorar, que houvesse maior investimento e desenvolvimento aqui, mas isso não ocorreu (1, 2013)

Eu acho que pra um turismo em São Luiz tinha que ter uma entrada boa, um restaurante bom, nem turismo precisava ter só mais as história que o povo contava ali, que nem o CTG, "óh ali é o CTG teve os maiores rodeios do Paraná foi aqui" (1, 2013)

Como em muitas localidades no Brasil, em SLP o turismo foi visto como vetor de melhorias reais que deveriam ser sentidas pela população local.

Como tantas vezes falamos, foi perceptível a presença da esperança em um turismo redentor, da criação de uma esperança que arrefece depois da decepção com os resultados alcançados.

Em falas diversas, se evidencia uma crença e depois a descrença em um tipo de desenvolvimento que se esperava a partir da implantação do turismo. A esperança que “no começo tinha” cede lugar para a descrença e “agora a única coisa que tem é pousada”.

eu acho que atualmente tá muito apagado, já esteve mais em alta sabe eu acho que um dos fatores que contribuíram bastante pra dar uma caída foi a questão do restaurante do café inativo que na verdade era os que tinham aqui em SL mesmo no centro era esses né aí não tem mais o pessoal acaba indo pras redondezas pras pousadas então acho que precisaria reativar alguma coisa na vila (1d, 2013)

Para o ator local o começo não é o do tropeirismo do século XVIII, dos viajantes do XIX, dos guia e mapas turísticos do século XX, nem mesmo dos últimos anos do rodeio. O começo do turismo para o ator local se dá a partir do momento que “foi inaugurado o portal” na “época que foi construído o restaurante” e “todo mundo achou que ia pra frente”, mas logo se percebeu que era um investimento que não trazia o conhecimento técnico em turismo e que “não levava para ver nada que tinha de importante em São Luiz”, o museu com as malas de garupa e outros utensílios usados pelos tropeiros continha uma história sem dinamismo já que “não tinha alguém pra explicar tinha alguém pra cuidar só”.

O turismo passou então a ser visto como “um mundo a parte” tão distante que dificulta mensurar atualmente os impactos e significados desse

Nem positivo nem negativo, é um mundo a parte, eles nem mantêm contato com São Luiz, as vezes me falam “esse fim de semana a pousada tava cheia” eu não consigo imaginar, porque eu não vejo, eles entram lá por cima e não tem contato com São Luiz (1, 2013)

Eu acho que não influencia muito, as pousadas não tem nenhuma ligação com São Luiz (1b, 2013)

Entra e sai lá por cima, nem passa por São Luiz, não é que nem o rodeio que o caboco tinha que vir em São Luiz (1, 2013)

O turismo feito por uma minoria “de fora” que para alguns relembra as tradições do lugar e por isso atraem clientes é visto como algo inacessível, “caro”, com um “preço alto para o pessoal de São Luiz” e que atrai o “pessoal da cidade”. Para outros nem mesmo a relação da cultura local com o turismo diferenciado ocorre, antes até ocorria agora “mais nada” e o que se procura não é a cultura local ou um conhecimento histórico, se busca “a relação com a natureza”, muitos “vem pra cá mas nem sabe o que é cultura local, vem por causa da natureza” como contemplação, como desafogo do caos urbano.

Na questão econômica para alguns o turismo oferece emprego já que “tem bastante pessoal de São Luiz que trabalha nas pousadas”, no entanto quando comparado a outros setores o turismo emprega “bem menos”. As opiniões mais contundentes colocam o turismo como um entrave na oferta de emprego, fazendo que SLP “não vá pra frente... porque não pode vir uma fábrica, porque é turismo”. O turismo ainda seria o responsável pela especulação imobiliária, que faz dos terrenos “um absurdo”, atraindo apenas “marajá pra cá”. No entanto, mesmo que ressalve a situação atual como um quadro pouco eficiente, a maioria da população ainda mantém uma crença em um turismo como alavanca para o desenvolvimento local e acredita que nesse setor deveriam ser canalizados os investimentos públicos

acho que é melhor investir no turismo, até porque indústrias na verdade hoje tem as fontes de emprego aqui são postos de gasolina que tem já bastante emprego tem a Rodonorte em suma é isso, esses que geram mais emprego, e assim, a demanda tá tanto que esses dias dois donos dos postos vieram me falar que não conseguem pessoas pra trabalhar tem vaga mas não tem qualificação então a qualificação é um ponto a ser discutido, mão de obra tem, mas não qualificada pra aquilo que eles tão procurando (1b, 2013)

Pelo que conseguimos observar, ocorre – de forma pouca profunda nesse momento – uma refração de qual o turismo ideal para SLP na passagem do que pensa o empresário e do que pensa o morador local. Nesse sentido achei bastante emblemática a colocação de um dos empresários, quando informalmente conversávamos sobre um assunto aleatório – a questão da estrada de Guaraqueçaba⁴⁶

⁴⁶Guaraqueçaba é um município do litoral paranaense conhecido como um dos redutos de mata atlântica. Dista cerca de 170 km de Curitiba, dos quais 80 km são estradas de chão, normalmente em condições peculiares. Isso faz com que ocorram querelas sobre o asfaltamento ou não desse acesso, essa discussão envolve órgãos públicos ambientais, Ongs ambientais, empresários do setor turístico e outras instituições políticas.

[em relação ao asfaltamento do acesso em Guaraqueçaba] é que assim, eu que passo o fim de semana, a gente quer que não asfalte porque é bonito e não é ainda aquela carraçada som alto buzina e tal, gente fazendo festa, mas o pessoal que mora lá que vive da economia local do turismo eles querem que asfalem né, tem os dois lados da moeda **[aqui existe essa tensão?]** na verdade o pessoal aqui é um pessoal muito simples assim sabe... não tem acesso a estudo a colégios nada, então o pessoal acaba estudando aqui no colégio então por talvez não ter muito essa cultura eles não tem muito essa perspectiva de crescimento e tal e acaba que as pousadas acaba sendo o emprego deles né (3, 2013)

4.3 TURISMO EM SLP E AS DINÂMICAS LOCAIS

Atualmente muitos pequenos municípios e distritos se tornaram objetos de uma reinterpretação do rural, fazendo-se necessário verificar qual o papel da cultura no processo de desenvolvimento local. Nesse sentido não é possível ignorar por completo a faceta da economia mundial, visto as amplas discussões acerca dos processos uniformizantes da globalização nas culturas locais, portanto, a aparente manutenção das identidades territoriais pelos novos mercados, relacionados ao lazer e ao descanso, principalmente o turismo, podem em um primeiro momento cooperar para a manutenção de uma suposta cultura como identidade, mas em curto e médio prazo podem revelar-se apenas como um processo de pasteurização das particularidades locais.

Partindo das expropriações e mudanças pelas quais o rural tem passado torna-se evidente que a esfera econômica transpasse qualquer das formas de compreensão. Para João Rua “o capitalismo recria um rural, capaz de, participante de lógicas complexas, integrar-se, desigualmente, às múltiplas escalas que marcam as interações espaciais do mundo atual. Esse processo de integração afeta, sobremaneira, a (re)construção ou a manutenção da identidade social do agricultor e os rebatimentos territoriais desse processo. (RUA, 2006, p. 83)

Nesse sentido a globalização como fenômeno econômico, cultural e político acarretou uma série de mudanças, ora positivas ora negativas, segundo ROCA e OLIVEIRA

as regiões mais isoladas necessitam de combater os efeitos negativos da globalização e fazer um esforço para atrair os efeitos positivos desta, com especial atenção para a proteção, fortalecimento e reafirmação das identidades territoriais, de modo a contribuir para o aumento da competitividade da economia e cultura locais ou regionais, num contexto de mundialização dos mercados de bens, serviços e ideias. (ROCA; OLIVEIRA, 2005, p. 2–3)

Concebendo nesse rural que estamos discutindo a existência de diferentes interesses e do aumento das relações sociais possíveis, caberia verificar o papel dos novos atores no estímulo as dinâmicas locais, principalmente porque o turismo cria nas comunidades, expectativas nem sempre supridas pela atividade (ALMEIDA, 2009, p. 62). Podemos pensar em como nos últimos anos as paisagens têm sido palco de uma multiplicidade de buscas e interpretações, fazendo com que as paisagens sejam “fundamentais para o reconhecimento das identidades territoriais” (ROCA; OLIVEIRA, 2005, p. 1) e que a identidade cultural dos territórios seja “frequentemente entendida como uma panaceia para a promoção do desenvolvimento sustentável, a nível local ou regional, na era da globalização da economia e da cultura”. (ROCA; OLIVEIRA, 2005, p. 4)

Para Kayser o desenvolvimento local depende de uma sinergia de forças, em todos os setores inclusive o cultural, seja a partir de investimentos públicos ou privados. (S/D, p. 5).

O turismo em espaço rural que acontece em SLP em grande parte não aparece dentro da ideia de complementação da renda da agricultura familiar⁴⁷ ou mesmo de diversificação da renda da propriedade, são, na verdade, espaços criados com a finalidade de atração de um público externo e criados em grande parte por atores externos.

Para os proprietários de aparelhos turísticos ocorre uma defesa do turismo como a única forma de desenvolvimento cabível a região

hoje na nossa região aqui não tem vocação pra agricultura nem pra pecuária, embora algumas pessoas insistam, mas não é o ideal, porque a gente tá na beira da escarpa devoniana, aqui é uma região ambientalmente delicada e o turismo seria o empreendimento que se adequaria melhor a situação do ambiente que tem aqui né então a gente não pode colocar industrias aqui teria até condições de colocar empresas pra extração de areia, de argila que existe esse material aqui mas por ser uma APA não é permitido né então o turismo rural acho que é a atividade mais própria pra essa região mesmo (3, 2013)

47 O turismo como complementação da renda da agricultura familiar, foi visto em apenas um caso, quando questionamos a proprietária sobre os incentivos para o turismo na região ela nos disse “Esse ano que eu to vendo alguma coisa, e dai tem Emater né, do Senar, Universidade aparece de vez em quando, mas não dá incentivo né, “óh vamos fazer isso, vamo fazer essas coisas”, é pra fazer pesquisa no mato, nas pedra, rocha, medicamento assim, as vezes alguma coisa que eles procuram no meio do mato assim, dai tem procura de bombeiro também, pra treinamento socorros essas coisas assim, mas é uma coisa assim que eles passam mas nunca tem um incentivo, óh vamos fazer isso vamos fazer aquilo né” (3, 2013)

Apesar de raramente serem propriedades de pessoas naturais do local, os empreendimentos turísticos oferecem alguns empregos para população, mas não se igualam ao número de empregados de outras atividades do setor privado como o pedágio e os postos de combustíveis. Alguns moradores ainda levantam alguns questionamentos aos tipos de serviço oferecidos nas pousadas

o turismo ele oferece muito emprego informal trabalhar por dia sem carteira registrada e isso acaba que num primeiro momento ajudando e num segundo momento prejudicando porque se a pessoa precisa de algum auxílio né.. (1d, 2013)

Ainda em relação ao emprego e também ao comércio local existe uma postura por algumas pousadas que apontam para uma preocupação com o desenvolvimento local, os quais em um primeiro momento parecem alinhados a um discurso de turismo como alavanca para o desenvolvimento local

a gente faz bastante compra ali, a gente procura abastecer sempre nesse posto ali até porque é barato e o posto também é um dos que mais empregam aqui na região né, tem restaurante e tudo ali né... nossos funcionários são todos vizinhos, praticamente é duas famílias que é de uns vizinhos aqui são todos nossos funcionários (3, 2013)

aqui nós temos uma horta orgânica mas é pouca coisa só uma alface uma couve alguma coisa mas a mãe da nossa funcionaria ela produz ali umas coisas que a gente compra ali entendeu eles criam as vezes carneiro as vezes leitão ela faz conserva de uvarana⁴⁸ e de broto de bambu que a gente compra nosso suco de uva todo nosso suco de uva é orgânico e é de um produtor aqui da região então o que a gente consegue comprar aqui até pra fortalecer a economia né economia local (3, 2013)

Ainda nesse sentido econômico, o comércio local recebe parcela desses turistas, não de forma maciça, mas ocorre quando os turistas buscam locais mais baratos do que as pousadas para compras de conveniências. Ou ainda por parte daqueles turistas não diretamente ligados as pousadas

na semana a gente só vê gente daqui, fim de semana se você ficar o dia dá pra contar as pessoas daqui que vão lá no mercado, na contrapartida é só gente de fora... Tanto vem o pessoal de chácara que acaba fazendo uma compra maior por que vai passar todo fim de semana quanto essa piazada que vai em cachoeira e tal, vem pegar um lanchinho, acampamento essas coisas (1d, 2013)

48 *Cordyline spectabilis*, espécie arbórescente utilizada, entre outras funções, para fabricação de palmito.

No que se refere ao lazer, o turismo diferenciado pouco representou para a população local. A realidade dos aparelhos turísticos criados e que funcionaram por um curto prazo na região central eram uma realidade não muito próxima para a população local, que ia a esses lugares com

pouca frequência porque na verdade não era muito acessível os preços... e era uma coisa que era motivo de muita reclamação pra população local, não era nada acessível, e não tinha diferenciação também o preço pro turista era o preço pro pessoal daqui (1, 2013)

Fator que se repete para grande parte do turismo ainda em funcionamento e representado principalmente pelas pousadas, como nos disse um empresário, quando perguntado se os moradores locais costumavam frequentar o empreendimento “da comunidade não, é muito difícil praticamente ninguém vem” (3, 2013).

Mesmo as construções centrais como o café colonial e o restaurante tropeiro tinham preços “para turista”, ficando apenas o museu (Casa da Cultura) com entrada gratuita como local que a população local visitava.

Sobre a mobilidade, o núcleo principal após o fechamento das estruturas turísticas centrais não sofre mais alteração do turismo, pois a entrada para algumas pousadas não passa pela região central. No entanto, as vias que levam as pousadas são em algumas épocas do ano bastante precárias e a reivindicação dos empresários frente ao poder público, acabam auxiliando os moradores do entorno dos empreendimentos.

A questão ambiental provavelmente seja a mais positiva do tipo de turismo que se desenvolve em SLP, enquanto os rodeios tinham um impacto grande sobre o meio natural⁴⁹, o turismo atual, mantêm um equilíbrio com os sítios naturais locais e mesmo a concepção do espaço de SLP como um local de “turismo rural” acaba por contribuir para atividades preservacionistas, o que se encaixa com a preservação adequada para uma área que esta inserida em uma APA.

então aqui nós nos preocupamos muito com isso tanto é que o nosso esgoto ele antes de ser, antes de ele ir pra natureza, ele é tratado né, nós temos aqui aquele sistema de afluentes lá com areia pedra plantas em que a água sai mais limpa quase igual a da torneira da Sanepar então nós temos essa preocupação né, de não jogar, de não só ser um lugar bonito mas um lugar responsável

49 No entanto, o rodeio acontecia uma vez ao ano durante 3 dias, as outras formas de turismo apresentam picos sazonais mas acontecem durante todo o ano

ecologicamente, hoje nós temos isso ai, temos até alguns projeto, a gente pretende colocar energia solar na piscina nos apartamentos, pros hóspedes, nós temos uma fazenda aqui do lado um vizinho nosso que durante muitos anos ele cedeu ela pra federal pra fazer pesquisa área de agronomia florestal essas áreas e eles construíram ali uma trilha ecológica dizendo eles colocaram placas nas árvores construíram casas de como era a população aqui a alguns anos atrás sabe e o que acontece nós temos todo o domingo a gente leva os hóspedes nessa trilha e daí explica um pouco da região explica das árvores, os tipos de vegetação das pessoas que habitavam aqui a muitos anos atrás nós temos esse passeio ai, é uma forma deixando as pessoas cientes também em relação a isso né (3, 2013)

No setor informacional, principalmente o acesso à internet, foi auxiliada pela pressão exercida por parte dos proprietários das pousadas, já nos níveis educacionais e de saúde não foram percebidos influências do turismo, mesmo que a estrutura local seja bastante organizada, principalmente na educação, ele se desenvolveu por ações que partiram de uma gestão pública eficiente no caso da educação, e mesmo no caso informacional, apesar da pressão dos empresários, já havia um apontamento nesse sentido dado pelo avanço da telefonia e da internet ocorrida em todo Brasil.

De modo geral, percebemos que atualmente e da maneira que vem sendo feito, o turismo não representa uma alavanca para o desenvolvimento local de SLP, o que não é a mesma coisa que dizer que o potencial não exista, mas dizer que as potencialidades locais não são aproveitadas, ou são por poucos, situação decorrente da lógica capitalista urbana da qual o mercado turístico opera e que exige como investimento somas compatíveis, fazendo com que grande parte das populações autóctones já excluídas dos processos econômicos das metrópoles se encontrem excluídos dos possíveis ganhos do turismo e das estruturas que demandam (ALMEIDA, 2009, p. 51), deixando essa atividade quando muito restrita a ganhos financeiros, apenas uma das dimensões necessárias ao desenvolvimento local, principalmente se considerarmos desenvolvimento dentro daquilo que disse Celso Furtado

só haverá verdadeiro desenvolvimento – que não se deve confundir com “crescimento econômico”, no mais das vezes resultado de mera modernização das elites – ali onde existir um projeto social subjacente. É só quando prevalecerem as forças que lutam pela efetiva melhoria das condições de vida da população que o crescimento se transforma em desenvolvimento. (CELSO FURTADO, junho de 2004)

A primeira questão a ser entendida pelos atores envolvidos no processo deve ser a forma que ocorre a apropriação da paisagem e da história local de SLP

como produto turístico. Para ser capaz de trazer desenvolvimento para a população local o universo social deve se entendido como espaço coletivo, mas não como espaço público cedido aos turistas. Mesmo que o poder público seja – e deve ser – um dos principais fomentadores de um turismo de fato sustentável, as paisagens, as histórias, a arquitetura, e aquilo a que chamamos de cultura, devem ser compreendidas como construções coletivas, o que torna nada mais justo a participação efetiva da população local nos processos de implantação dos programas para o turismo, dando voz ao ator e ao mesmo tempo sendo capaz de fomentar a reflexão sobre ele mesmo.

Essa falta de eficiência em nível prático dos discursos pró-identidade e pró-desenvolvimento local está sem dúvida muito centrada na maior presença “de abordagens do desenvolvimento local e regional do tipo ‘de cima para baixo’”, acarretando “a falta de conhecimento, ou a não consciencialização, sobre o papel dos actores e agentes de desenvolvimento na (re/de)geração das identidades territoriais”. (ROCA; OLIVEIRA, 2005, p. 3–4).

Vale ainda salientar a inegável diferença no poder de troca entre os agentes locais do rural e do urbano, João Rua expõe essa situação da seguinte forma

A interação entre a escala mais restrita, do lugar, e a mais ampla, da sociedade urbana, se dá, também, de maneira desigual e com caráter desigualizador. A possibilidade de vivenciar diversas escalas e de “transitar” entre elas, desconhecendo lhes os limites, é desfrutada por poucos. A maioria das pessoas de um dado local, vive e experimenta escalas muito limitadas, em sua capacidade de ação, ao mesmo tempo em que interage em territorialidades restritas (RUA, 2006, p. 101)

Por exemplo, um cidadão de alta renda pode desfrutar do espaço rural, da natureza e do aparelho turístico vendido, no entanto, o habitante do meio rural, poucas vezes desfruta daqueles aparelhos de lazer presentes nos grandes centros, ou dos locais de consumo, como os shoppings centers e outras estruturas, como teatro, cinema, etc.

Dentro de uma concepção que refuta a ideia de que o rural seria feito apenas de “domingos” servindo como playground para uma população sufocada pelo ambiente urbano, assim como, diante do fechamento – causado pelo baixo retorno financeiro - de várias estruturas criadas para o turismo em SLP, como a Casa da Cultura, Casa do Artesanato, Café Colonial e Restaurante Tropeiro, gostaria de retomar uma pergunta já feita por Bernard Kayser "o restauro de uma pequena

igreja, de uma quinta, a renovação de uma praça da aldeia só farão sentido se provocarem um afluxo turístico, ou podem ser realizados para o simples prazer, para a cultura dos habitantes?" (p. 5).

Essa colocação de Kayser nos remete a duas situações e mais precisamente a dois grupos (1) os turistas e o aparelho turístico que os recebe e a (2) população local e a infraestrutura que proporciona eficiência – ou não – na resolução dos problemas do cotidiano local. A ênfase em uma ou outra situação ou o equilíbrio entre elas vai depender das relações econômicas, culturais, políticas e sociais presentes no rural de SLP e estabelecidas pelos diferentes atores que compõem o espaço a partir da emergência de uma nova ruralidade (que emerge principalmente com o turismo – inclusive segunda residência – associada ao lazer, a contemplação da natureza e a uma melhor qualidade de vida).

Dentro dessa perspectiva buscaremos no último capítulo abordar como esse processo de emergência de uma nova ruralidade em SLP, vai de fato estar ligado a um desenvolvimento local, buscando contribuir com a discussão acerca da inserção desse espaço paranaense na ampla discussão sobre o rural moderno.

5 SÃO LUIZ DO PURUNÃ E O RURAL MODERNO

As transformações pelas quais SLP passou nas últimas décadas são frutos de transformações em níveis locais, regionais e globais, que atingiram a localidade ora com menos ora com mais intensidade.

Nesse capítulo, o último capítulo, gostaríamos de retomar algumas questões levantadas durante o trabalho, no intuito de discutir a posição de SLP na dinâmica da ruralidade brasileira, e de que forma esse espaço de múltiplos interesses se insere na discussão que busca tipificar o/os espaço(s) rural(is).

Segundo Alfio Brandenburg, ao passo que a sociedade, em um sentido mais amplo moderniza-se “e impõe seu ritmo e seu padrão de vida ao campo, as condições de vida camponesa se redefinem” e “a vida social em comunidade se reorganiza” (2010, p. 421). No presente, sabemos que as transformações ocorrem em uma maior velocidade, fazendo com que o rural como espaço dinâmico, passe por transformações de várias ordens, seja na função, significação, população que o compõem, ocupações trabalhistas que o identificam, tradições que formam um contorno cultural, e assim por diante.

O aparecimento de novas atividades desligadas de um caráter intrinsecamente agrícola, assim como, o descolamento entre industrialização e urbanização, somado as atividades pluriativas muitas vezes mantidas pelo deslocamento de atores rurais para o meio urbano, fizeram com que novas configurações aparecessem e outras, pouco evidentes se tornassem mais visíveis.

Nos níveis locais e em fundamentos mais característicos da condição camponesa, como a agricultura, percebemos a mecanização de vários procedimentos, e o desaparecimento de algumas práticas e processos como a contratação de trabalhadores volantes ou boias-frias⁵⁰, que se tornaram inexistentes em muitas localidades, assim como, o desaparecimento ou mudanças profundas numa sociabilidade baseada na manutenção dos “mínimos vitais” e dos “mínimos sociais”, outrora bem relatado pelo imprescindível Parceiros do Rio Bonito de Antonio Candido, na década de 1950.

50Esse tema ficou conhecido na literatura sociológica com o estudo de Verena Martinez-Alier (1977), sobre o “caminhão de turma”, realizado na região de São Paulo. Em tempo, é importante salientar que o trabalho de volantes/boias-frias ainda se encontra ativo em várias regiões do Brasil, e o nível de exploração encontra similaridade ao que era constatado em décadas passadas.

Os pequenos municípios tiveram aumentadas suas áreas oficialmente reconhecidas como urbanas, tanto por processos internos de urbanização como por processos de metropolização. A malha viária, o consumo e o transporte automotivo também fortaleceram a troca cultural ou de valores atribuídos – nem sempre benéfica – entre o que chamamos de rural e o que chamamos de urbano.

Nos níveis globais novas demandas apareceram e se chocaram, ou hibridizaram com linguagens locais, surgindo disso novas construções. Outras demandas, algumas criadas e outras cooptadas pela indústria cultural também tomaram o campo de assalto.

Tudo isso fez com que as novas imagens do rural passassem a ser vinculadas por novos atores, novas perspectivas e novas estratégias. Com isso, o que ocorre são realidades locais trabalhando com dados até então inexistentes. Esses novos dados quase sempre apontam para a função da terra, da paisagem, e das culturas locais e mais comumente do que poderíamos chamar de mundo rural.

Podemos observar que esse novo cenário, em grande medida atribui certas positivamente ao rural, como local de não problema, o que em alguns casos potencializa ações do ator local na proteção do seu local de convívio, fazendo com que ocorra a adoção de um discurso de enaltecimento do local⁵¹. Ao mesmo tempo chama atenção de um público saturado pela cidade, ou avido pelo consumo de novos produtos em conformidade com os atuais discursos de senso comum acerca da sustentabilidade.

O rural de SLP não mecanizou a agricultura, e nem mesmo aperfeiçoou a pecuária como elemento mais presente entre as famílias nas décadas passadas. O processo que ocorre foi da diminuição da agricultura a troca maciça do monopólio dos processos voltados a pecuária. Em relação a agricultura não ocorreu seu desaparecimento total, mas apesar da figura do agricultor ainda ser bastante presente, a agricultura propriamente dita, principalmente aquela de subsistência ficou pouco evidente. A pecuária que esteve presente em processos de criação, doma e abate, não desapareceu, já que atualmente existem no local, centros de treinamento, bancos genéticos, haras, e locais de cuidado animal, mas o que ocorre é uma troca de quem proporciona essas atividades, se antes havia a criação de

51O rural permanece rural como espaço dinâmico, porém novas funções aparecem, ocorrem mudanças, permanências, e extinções sem que o espaço deixe de ser rural, em certo sentido – mas somente em certo sentido – o rural é recriado. Essa recriação me parece partir mais do ator urbano do que do próprio ator rural. Pois se antes esse ator urbano via o rural como espaço de atraso, agora vê como produto de consumo, como ponto de contemplação.

animais por atores locais, no presente esses lugares quase sempre pertencem a atores urbanos, que empregam atores locais a partir da mão de obra.

Os moradores, além do emprego nesses setores passaram a se ocupar de outras tarefas, como visto no decorrer do trabalho (indústria, postos de combustíveis, serviços públicos e as praças de pedágio), ocasionando certo afastamento de ocupações que até então se colocavam como características locais.

Nas duas últimas décadas, o turismo diferenciado passou a ser desenvolvido e aos poucos se tornou o aspecto mais visível de SLP, conferindo uma nova dinâmica e fazendo emergir uma nova ruralidade. O turismo diferenciado explorado com mais ênfase e feito por um empresariado externo que desde o início teve o monopólio do processo em detrimento da população local, evidenciou um processo de troca de elites locais⁵², fator importante para perceber que relações foram estabelecidas entre rural e urbano.

Creio que através das análises de diferentes fontes que buscamos realizar, conseguimos jogar alguma luz sobre esses processos, principalmente a partir do discurso dos atores acerca da cultura objetificada nas representações factuais, como foram em SLP os rodeios, os bailes e eventos turísticos e culturais.

A discussão travada no mundo acadêmico sobre as especificidades do rural e do urbano trazem uma série de métodos e técnicas a fim de instrumentalizar essas realidades, entre elas a ideia de continuum rural-urbano. Para WANDERLEY (2001, p. 33) desse tipo de abordagem se desdobram duas formas, uma que privilegia o urbano sobre o rural e outra que concebe a existência de particularidades entre as duas polaridades, as quais não desaparecem com o crescimento das semelhanças. Nesse sentido, mesmo com o “fim da geografia” produto do avanço da economia de mercado que chegou inclusive naqueles rurais mais isolados, não fez com que as particularidades e o recorte possível entre rural e urbano desaparecessem. No entanto, usando dos subsídios coletados na nossa pesquisa e de observações mais gerais de outros processos correntes em espaços rurais, acreditamos que a entrada de uma economia de mercado mais ativa nesses espaços privilegiou o início de outra ruralidade no mesmo ambiente, ou seja, a sobreposição de rurais intrincada de vários interesses e significados dado a esses espaços. Acreditamos ainda, que isso

⁵²Os aspectos midiáticos mostram bem quem esteve/está com a maior capacidade de representar SLP perante a sociedade englobante. Nos documentários e na mídia escrita até o início do ano 2000 quase sempre era mencionado a família Garret e principalmente Ivo Garret. A partir de então, quem sempre aparece falando sobre SLP são os proprietários das pousadas e seu – ou quase isso – “staff”.

ocorre principalmente pela participação mais contundente de atores urbanos, que muitas vezes tomam então o lugar de velhas elites locais, principalmente no papel de captadores dos recursos e esforços vindos do poder público.

O aumento do dinamismo das áreas rurais fez com que ocorresse um renascimento rural, principalmente a partir de duas questões fundamentais, o fenômeno da pluriatividade e o campo visto como espaço de lazer (BIAZZO, 2008, p. 136). Em SLP essas duas questões puderam ser observadas com certa facilidade, sendo essa última responsável pelo aumento da busca do espaço campestre por atores urbanos.

A expansão do acesso à informação e a retração relativa do tempo espaço, fez com que parcela dos atores urbanos tivesse acesso à cultura e espaço objetificado do meio rural. Essa demanda urbana pelo meio rural, quase sempre ligada a busca pela natureza, fez emergir um novo – mas não tão novo – imaginário do que é o rural e pela qual já discutimos brevemente.

A eficiência de SLP mostrar seus aspectos na mídia em geral, fez com que a procura pela região tivesse um aumento considerável, principalmente dentro de novas funções dadas ao rural, como espaço de lazer, descanso e contemplação. Outro fator seria a proximidade com a capital do Estado, fazendo de SLP um ambiente de fuga dos problemas comuns as metrópoles, como as diversas formas de compactação do espaço, poluição e violência.

Aliás, mesmo que isso seja bastante hipotético, nos parece que quanto mais hipertrofiada a cidade mais se valoriza o mundo rural, possivelmente porque esses centros são compostos em sua grande maioria de pessoas que conhecem apenas o rural idealizado pelos ancestrais, pela literatura e agora pelo turismo, enquanto ainda é corrente em espaços urbanos menores, a noção de que "o meio urbano que habito é a libertação do rural que habitava", já que parte dos ocupantes desses locais são retirantes de um rural tomado pelo desemprego e pela falta de infraestrutura básica, principalmente nos quesitos de locomoção e saúde.

O aumento dos problemas urbanos e a emergência de uma maior eficiência nas formas de transporte e comunicação no meio rural, aliada a efervescência da discussão ambiental fez diminuir as diferenças entre rural e urbano, Maria Nazareth Wanderley (2000, p. 113), expõe da seguinte forma

nas sociedades modernas, reduziram-se as diferenças mais gritantes entre as condições de vida dos habitantes do meio rural e das cidades. Assim sendo, a paridade social atingida tornou atrativa a vida no campo para muitos cidadãos que, sem renunciar às vantagens e facilidades do progresso “urbano”, procuram, ao mesmo tempo, beneficiar-se da qualidade de vida associada à vida rural.

Tanto o lado rural – principalmente aquele rural que passa por um processo de renascimento ou emergência de um novo rural – quanto o lado urbano, mantêm uma concepção extremamente positiva do rural, no entanto com algumas diferenças, o conjunto urbano, normalmente identifica o rural como local de não problema⁵³, enquanto o conjunto rural, mesmo consciente dos problemas existentes, dão uma positivação como local de não existência das dificuldades latentes nos grandes centros, principalmente as relacionadas aos vários tipos de poluições e a segurança, fazendo com que o ator rural sinta orgulho de habitar o local que agora passa a ser buscado por um público urbano quase sempre de alta renda, a isso soma-se a valorização e orgulho já existente por processos de topofilia (YU-TUAN, 2013). Portanto, mesmo que a ideia de renascimento rural acabe negando tanto o fim do rural, como a dualidade rural – urbano, acaba permanecendo a ideia de que ocorreria uma aproximação entre os padrões de vida da população rural e da população urbana. (CARNEIRO, 2008, p. 12).

Em artigo publicado em 2001, Wanderley já identifica esse novo conjunto de olhares em direção ao rural, em grande parte vinculada a uma busca na melhoria da qualidade de vida. Esses novos olhares são mais bem observados no turismo rural ou mesmo no crescimento da segunda residência (WANDERLEY, 2001, p. 31), já que tanto o crescimento do turismo como da demanda por imóveis no meio rural são realizadas por um público quase sempre das grandes metrópoles.

Esse posicionamento forte do espaço rural como motivador na decisão de deslocamento, vai fazer com que os encontros entre população rural e população urbana ocorram com maior frequência, na verdade tornam-se constantes. Entretanto, longe de significar o fim do rural, os encontros são produtos da

⁵³Em um sentido que vai além do contemplativo e do bucólico, como local de retiro espiritual, onde é possível viver sem preocupações. Essa visão pode ser vista nas falas que atribuem um sentido extremamente positivo ao espaço rural. Em uma das reuniões com a comunidade local de Balsa Nova, ouvimos de um neorural “no campo a gente não cansa, pode trabalhar o dia todo, mas não cansa”, fala recebida com ironia por outros participantes. Na verdade, grande parte dos atores urbanos enxerga um campo bastante romântico, o que impossibilita enxergar a série de problemas estruturais e econômicos pelos quais os atores rurais passam. Como ilustração, além do cansaço produto de jornadas extensas e ambientes de trabalho pouco confortáveis, grande parte dos agricultores convive com dívidas bancárias fruto de financiamentos para agricultura.

manutenção da diferença entre os espaços e a cultura de ambos, principalmente no que diz respeito as tradições e sua maior evidência no meio rural.

Para Wanderley (2001, p. 33) “o espaço local... é o lugar de encontro entre esses dois ‘mundos’”, o rural e o urbano, onde as “particularidades de cada um não são anuladas”. Conseqüentemente, mesmo com uma configuração que proporciona áreas de amalgama entre rural e urbano, não existe uma situação de fim das polaridades, já que rural e urbano preservam suas especificidades. (RUA, 2006, p. 86).

Em suma é isso que ocorre no espaço rural de SLP, a vila, os espaços, a natureza, os bens históricos, a história, as tradições, as festas, foram e ainda são – no plano ideal – pontos de encontro entre a população local e atores urbanos.

Mas por que ocorre esse encontro? Esse encontro é real? Como isso se relaciona ao rural que emerge? Como qualificar um rural tão peculiar como o de SLP? E ainda, porque classificar SLP como rural? Afinal, que rural é esse?

Em primeiro lugar vale salientar que os diversos olhares sobre SLP sejam dos atores urbanos, dos neorurais, dos antigos residentes, do poder público e da mídia, quase sempre acabam por sublimar o local. No entanto, o turismo, que no plano teórico acarretaria o aumento da renda, complementação da agricultura familiar, revalorização das identidades territoriais com a criação de demanda identitária e o desenvolvimento econômico local, na prática ou não existem ou passam a margem da população local, que só não sente com peso esse quadro porque vive em um momento de bem-aventurança empregatícia.

Considerando que o turismo não é o principal mantenedor da economia local e não é o maior criador de ocupações trabalhistas, se hoje os empregos não voltados para turismo diminuíssem se iniciariam problemas estruturais, o que conseqüentemente poderia levar parte da população local a ceder seus espaços para a pressão imobiliária já existente. Isso num futuro hipotético e absurdo levaria a uma troca da população local, por um novo público vindo da cidade, nessa perspectiva faria todo sentido a colocação em uma entrevista na qual uma moradora local nos disse que SLP seria a Teresópolis de Curitiba⁵⁴.

54Mesmo que isso possa parecer absurdo, as áreas litorâneas mostram o contrario. A construção de um imaginário de praias positivado levou com que grande parte dos pescadores que habitavam próximo a orla marítima cedesse a pressão imobiliária, fazendo com as áreas de “frente para o mar” não estejam mais ao alcance destes.

Gostaria de retomar alguns pontos que cooperam para nossa definição de SLP como espaço rural. Na introdução do trabalho, falamos que optamos por essa definição, devido ao fato deste fazer parte de um município de 11 mil habitantes; de ocorrer o predomínio do elemento natural; das relações serem menos fracionadas; ser caracterizado como rural pelos moradores e buscado por turistas e pela especulação imobiliária por ser rural.

Para WANDERLEY (2000, p. 88), duas características são fundamentais quando se fala de rural, a relação dos habitantes com a natureza e as relações sociais diferenciadas. A relação com a natureza foi percebida pela própria importância que liga natureza às tradições locais mais evidentes e a própria vinculação do verde com o turismo desenvolvido em espaço rural, já as relações sociais diferenciadas foram percebidas pelo menor fracionamento dessas relações, que foram observadas no dia a dia e nas histórias que nos contavam e mesmo nas indicações de quem deveríamos entrevistar. Pudemos observar uma predominância de contatos mais diretos, com um menor fracionamento da personalidade na interação entre indivíduos (SOLARI, 1979, p. 09), pois mesmo que quantitativamente os contatos sejam menores que no ambiente urbano, eles são mais densos, ou seja, enquanto as relações urbanas atingem um maior grau de impessoalidade, no campo “as pessoas se conhecem principalmente por seus nomes, sabem geralmente toda a história dos indivíduos com quem tratam” (SOLARI, 1979, p. 10). A paisagem também vai desempenhar um papel importante nessa situação, pois predominando o espaço não construído, a natureza (WANDERLEY, 2009, p. 72), por conseguinte ocasiona uma maior quantidade de espaços comuns de uso livre.

Além das observações que nos levaram a considerar SLP como espaço rural, gostaria de trazer algumas linhas acerca da opinião que os moradores têm da região. Para um neorural, proprietário de um espaço de lazer voltado ao turismo diferenciado e situado na periferia do ponto de maior concentração populacional da vila, a região central de SLP não era mais rural “ah não, lá é urbano já”, opinião possivelmente formada com forte embasamento na própria classificação – em grande parte equivocada – do IBGE, que no censo de 2010 definiu essa área como urbana. No entanto, para o público local – moradores inclusive da região central – foi comum a evocação da diferença entre cidade, enquanto espaço urbano e campo, enquanto espaço rural, mesmo assim, vale salientar que apesar da definição de SLP como espaço rural ter sido corrente, a justificativa do “porque” encontrou diferença

considerável. Para alguns a ineficiência em infraestrutura básica como saneamento era o que fazia de SLP um espaço rural, reiterando a ideia de um rural como sinônimo de atraso, onde este aparece “referido à cidade como sua periferia espacial precária, dela dependendo política, econômica e socialmente” (WANDERLEY, S/D, p.02), para outros, a própria diferença factual da paisagem urbana, e ainda para outros as relações sociais diferenciadas, a natureza, o sossego e a própria busca do turismo como espaço rural.

Uma abordagem mais densa e instrumentalizável da definição de rural, inclusive contrária a abordagem feita pelo IBGE, pode ser vista na noção de pequenos municípios rurais, discutida por autores como Maria Nazareth Wanderley, Alfio Brandenburg e Anael Ulhoa Cintra⁵⁵. As sedes municipais – e quase a totalidade das distritais – no Brasil, independente de seu tamanho, são espaços considerados urbanos e conseqüentemente é urbana a população que o compõem, isso faz com que reste para a população rural ou “permanecer periférica ou se tornar urbana, através da expansão do próprio espaço rural, ou através do êxodo para as cidades” (WANDERLEY, s/d, p. 03), ou seja, inexiste pela legislação brasileira a ideia de pequenos municípios rurais, fazendo com que “as definições adotadas pela legislação brasileira” sejam “pouco eficazes para distinguir as populações que vivem efetivamente uma experiência urbana, daquelas cujo modo de vida pode ser considerado rural” (WANDERLEY, s/d, p. 03). Isso faz com que a legislação brasileira esvazie “artificialmente o mundo rural” e o desqualifique “enquanto prioridade para as políticas públicas”, e por isso devem ser revistas para uma abordagem que privilegie a compreensão do rural como “espaço territorial e social diferenciado” (WANDERLEY, s/d, p. 05). Uma das formas de compreensão do mundo rural como “espaço territorial e social diferenciado” pode ser vista com a noção de pequenos municípios rurais dadas por Cintra e Brandenburg (2010, p. 74). Estudando os pequenos municípios paranaenses os autores afirmam que estes espaços “apresentam características sociológicas de espaços rurais distintos, espaços estes entendidos em seu sentido mais imediato, o espaço social – definido como um modo particular de utilização do espaço e da vida social, espaços ainda entendidos como local de moradia e de trabalho”.

⁵⁵Ainda nesse sentido é importante a discussão feita no livro “Cidades Imaginárias: o Brasil é Menos Urbano do Que Se Calcula” de José Eli da Veiga.

Segundo Maria Nazareth Wanderley (2000, p. 88) “o rural não se constitui como uma essência, imutável, que poderia ser encontrada em cada sociedade. É uma categoria histórica que se transforma”, nesse sentido, a própria transformação e significação do rural estará ligada a diferente percepção e importância que se dá as relações sociais e o sentido dado as práticas cotidianas. Para os jovens, estudantes universitários que habitam SLP e estudam nas cidades vizinhas e algumas vezes na capital do Estado, o sentido dado a SLP e as próprias relações sociais, diferem consideravelmente da população mais antiga, a qual chegou a conhecer e participar das práticas de ajuda mútua, como os mutirões e as trocas de dias de trabalho, assim como, é diferente a percepção do turista. Mas nesse sentido ficaríamos apenas na relatividade existente nas percepções dos atores ou grupo de atores, que inevitavelmente perceberão esse rural de forma diferenciada. Se ficarmos nisso acredito que não obteremos dados conclusivos de que rural é SLP, afinal um evento/acometimento⁵⁶ é interpretado de formas diferentes por grupos diferentes que ocupam o mesmo espaço. Ainda mais considerando o rural como espaço cada vez mais heterogêneo, onde as combinações são inúmeras e não mais restritas entre o dentro e o fora, inclusive em seus posicionamentos em relações ao território (turismo, moradores, pluriativos, técnicos), heterogeneidade essa que vai aparecer inclusive na maneira como se apropriam dos “bens materiais e simbólicos das localidades (ou territórios)” (CARNEIRO, 2008, p. 32).

Partimos então para a hipótese da sobreposição de rurais, pois isso nos parece mais concreto. O rural tradicional em SLP está menos ligado aos processos de agricultura/pecuária do que as próprias tradições gaúchas, como releitura do tropeirismo. Enquanto a agricultura/pecuária preponderante se insere de forma moderna na sociedade englobante, inclusive portando características da tecnologia de ponta, como os centros de criação e treinamento animal e as incubadoras de aves, as tradições gaúchas ainda que feitas dentro de um uso prático da tecnologia⁵⁷, não se inserem apenas como lembrança do passado, poderíamos dizer que existe um rural tradicional lido na sociedade moderna, mas no sentido de

56Como foram os rodeios e como ainda são as caminhadas da natureza, as cavalgadas, os torneios de laço, os festivais de música nativista, e outros eventos que ocorrem em espaços de pousadas.

57Um exemplo interessante ocorre com a utilização de motocicletas para as brincadeiras e competições de laço comprido, a chamada “moto vaca”, no entanto, essa prática – existem outras – não se insere em um momento específico com finalidade de lembrar os atos do passado, ele realmente existe como forma de diversão, sem a finalidade econômica e mercadológica, sendo comum, aos finais de semana grupos de pessoas reunirem-se com essa finalidade, mesmo que para muitos a prática seja buscada como forma de treinamento para competições futuras.

práticas lúdicas ligadas ao bem-estar e as diversões locais e não como simples forma de atração turística.

Possivelmente a força das tradições e mesmo de um processo tradicionante tenha sido com a gestação de um turismo redentor, o maior legado de longo alcance⁵⁸ das festas de rodeio. Esse legado que pode ser observado ainda hoje aconteceu dentro de uma relação dialógica com o outro, principalmente nas primeiras duas décadas de festa, quando era maciça a presença daqueles turistas identificados com as tradições gaúchas e que frequentavam os rodeios em SLP, essa demanda identitária criada pelo rodeio, parece ter se alterado com o turismo diferenciado que focando mais sua atenção em uma construção de um tropeiro situado em um tempo longínquo, e não nas suas releituras, faz com que não se estabeleça uma relação direta com os moradores, fazendo do tropeiro um quadro concluído e não mais em construção, paralisando aquilo que é dinâmico.

Quando consideramos as fases do turismo e sua relação com as tradições locais, percebemos que há uma grande diferença entre o turismo que o rodeio proporcionava e o turismo diferenciado. Enquanto o primeiro estava ligado a uma tentativa de reviver o passado – idealizado – o novo tipo está muito próximo daquilo que Giddens (1997, p. 93) chamou de escavação no sentido de desenterrar e estabelecer as conexões “escavar significa cavar fundo, em uma tentativa de limpar os resíduos do passado”.

Após o fim dos rodeios o ritual e os guardiões não são acionados como eram, se dividirmos em três momentos veremos que (1) se antes tínhamos uma tradição invasiva o suficiente a ponto de não ser sentida enquanto tal, e (2) depois revividos no tradicionalismo gaúcho, agora (3) temos um passado resgatado e exposto como cenário a um público externo, em um sentido de tradição sem tradicionalismo, o que seria a antítese do que o gauchismo havia alcançado, quando deu dinamismo as tradições locais conseguindo revivê-las em vez de simplesmente se referir a elas

O legado das tradições e do processo tradicionante ainda existe e a nosso ver também coopera para a manutenção da importância dada a figura do agricultor, pois apesar do decréscimo da atividade agrícola, não ocorre o desaparecimento deste e mesmo da valorização das práticas agrícolas mais rústicas, essas são características já presentes na memória e nas tradições locais, aparecendo como

⁵⁸Não ignoramos que no momento que acontecia o rodeio, era visível certo aquecimento econômico e geração de empregos, mas que não se estenderam ao longo dos anos, sumindo completamente com o fim do evento.

elemento importante no saber capinar, roçar e outras características. Durante uma das conversas com moradores locais ouvi a seguinte colocação “olha eu acho importante estudar, ai como você estuda, mas tem uma piaçada hoje em dia, que não sabe pegar numa enxada, eu não sei o que vai ser do futuro dessa piaçada daqui um tempo”.

No entanto, esse legado é fruto em grande parte das primeiras décadas de rodeio, pois nos últimos anos já se evidenciava uma separação da festa com a cultura local, na direção de um afastamento do entorno. Nesse sentido, nos últimos anos, o turismo do rodeio descaracterizaria em partes o ambiente rural, fazendo sumir os diferenciais, enquanto o turismo diferenciado pasteuriza o rural, pois a descaracterização total ou parcial do ambiente rural é prejudicial à lógica mercadológica do turismo que em certa medida vende o “autêntico”.

Vejam, o turismo diferenciado procura exaltar as diferenças ao tempo que anula o significado da diferença, ou seja, potencializa alguns diferenciais suportados dentro de uma cultura de mercado, em suma, vende-se o rótulo de rural, a embalagem, mas o conteúdo é o mesmo pelo qual o turista já está acostumado no ambiente urbano.

O distrito de SLP na atualidade se insere em uma disposição cada vez mais presente nas sociedades modernas, aquela em que contempla mais de uma ruralidade no mesmo espaço, produto de transformações exógenas e endógenas, quase sempre ligadas a globalização da economia.

Optamos por chamar esse rural – genericamente – de rural moderno, pois foi no interior desta nomenclatura que busquemos uma tipificação, ou seja, entendemos que esse rural moderno é portador de diferentes ruralidades que podem ser tipificadas no intuito de instrumentalizar as abordagens sociológicas.

Para Maria Nazareth Wanderley (2000, p. 109), “a elaboração de uma tipologia dos espaços rurais tem como objetivo identificar a dinâmica interna e a dinâmica externa de cada situação”. A dinâmica interna estaria em função de três eixos, (1) “a sua inserção em uma trama espacial” rural, (2) “os usos e funções predominantes” e (3) “a potencialidade de cada espaço rural, no sentido de assegurar o seu futuro na sociedade moderna”. Nesse sentido, podemos identificar SLP como um espaço que hoje se encontra em crescente valorização por um público urbano, que o encara como espaço de descanso, lazer e tradições – no sentido do “mundo em que perdemos”. Essa valorização ao tempo que revigora a

própria classificação de SLP como espaço rural, tem o potencial de aquecer a economia local, servindo como alavanca para o desenvolvimento. Em tempo, esse rural de SLP, mesmo apresentando algumas barreiras que o separam do mundo urbano (distância, transporte público ineficiente, praças de pedágio), consegue manter uma relação profícua com as áreas urbanas próximas, mesmo assim sem perder as características locais. Mas vale novamente salientar a desigualdade no acesso, já que o público local, não consegue transpor com a mesma facilidade que os turistas, neorurais e proprietários de segunda residência, as barreiras de acesso.

Partindo do que dissemos até aqui, rural de SLP encontra-se marcado por uma profunda ressignificação, advinda do fato de ter se tornado um atrativo para parcela de atores e grupo de atores urbanos, essa ressignificação está pouco ligado aos atores locais, mas liga-se de forma direta a sua colocação como rota turística. O turismo, e mesmo o aumento da segunda residência, aliado aos fatores de comunicação cooperaram para a criação de um maior número de esferas de interação entre atores rurais e urbanos.

Essas novas dinâmicas do rural em questão cooperaram para uma ação demográfica interessante. Mesmo que o rural de SLP acompanhe a tendência de queda da taxa de natalidade e aumento da expectativa de vida, visto na sociedade englobante, sua população – mesmo que parte dela seja flutuante – tende a se manter ou aumentar, visto que a procura por residências no local ou a busca pelo turismo, parece ter aumentado. Nessa perspectiva cabe o que Da Silva, Del Grossi e Campanhola (2002) chamaram de novas dinâmicas imobiliárias, principalmente a busca por aparelhos de lazer no campo. Segundo Maria José Carneiro, citando o PNAD, a partir dos anos 1990 houve um crescimento da população rural brasileira, no entanto essa ainda não é uma tendência uniforme, já que em alguns estados ainda ocorre o esvaziamento do rural, ainda segundo essa autora, a revitalização do mundo rural não está ligada ao aumento das ocupações agrícolas, já que essa encontra-se em declínio, enquanto cresce no rural as ocupações rurais não agrícolas. (CARNEIRO, 2008, p. 17)

Nesse sentido podemos observar que o emprego agrícola não apresenta um crescimento, mas a população rural sim, ainda mais se considerarmos os neorurais, os turistas e os proprietários de segunda residência. Esse novo quadro, criado não por um novo dinamismo da agricultura, mas em parte por um problema de hipertrofia das cidades, criou uma nova vitalidade no meio rural, principalmente naqueles rurais

como SLP, com belezas naturais características e identidade territorial ainda em evidência. A esses processos soma-se o próprio crescimento econômico brasileiro em seus desdobramentos locais, pois a criação de empregos que antes eram característicos do setor urbano esteve ligada a um quadro que ultrapassava a comunidade local, já que a concepção de indústrias, postos de combustíveis e mesmo as praças de pedágios são fatores que apesar de externos cooperaram para a manutenção e permanência dos atores no seu local de nascimento, fazendo ainda aumentar a quantidade de pessoas que buscaram morar em SLP.

Nesse sentido o processo chamado de “renascimento rural” por Bernard Kayser, ficou e ainda está em evidência em SLP, caracterizado nesse caso, principalmente em duas frentes das quais já falamos, o (1) crescimento da oferta de emprego que assegurou a permanência do ator local, e (2) a ampliação do aparelho turístico e oferta imobiliária que favoreceu a vinda de atores urbanos, seja como turistas, neorurais ou proprietários de segunda residência.

Os turistas por sua vez, não fazem parte de um agrupamento homogêneo em SLP, por exemplo, encontra-se com maior força um público de alta renda composto por adultos e aposentados (SOUZA, 2007), mas ainda ocorre a existência de um público jovem, que acampa em alguns locais ou passa o dia em atrativos como rios e cachoeiras, somados a esses temos aquele público participante das festas do gauchismo. A esse cenário somam-se os neorurais, os proprietários de segunda residência e a população local, nesse palco, como era de se esperar surgem conflitos e tensões, o que acaba visível nas falas “agora tem uma gentarada nova”, “passa carro o dia inteiro”, “tem gente que eu nem conheço”, mostrando como a comunidade local, acaba encarando o aparecimento desses novos grupos de atores.

Se por um lado esses novos atores, proporcionam pelo valor dado ao rural, um enaltecimento do local pelo próprio morador e o aumento do sentido de orgulho por possuir a terra, também vai gerar um sentimento de invasão do território. Como já falamos no início do trabalho, vai ocorrer uma diferença na atribuição de significado e função dado ao rural.

Para Maria Nazareth Wanderley (2000, p. 99), ocorre um confronto entre os objetos e funções que os discursos defendem, principalmente em algumas questões centrais como “agricultura x outras atividades; eficiência econômica x preservação ambiental; espaço produtivo x espaço de lazer; produção x consumo etc”.

Considerando que as propriedades estruturais do rural, também são possibilidades simbólicas e práticas, as ações nesses espaços por atores coletivos que lhe atribuem diferentes significados podem encontrar tensões bem reais

é nesse contexto que devem ser entendidas as novas dinâmicas da ruralidade associada as atividades de lazer e, em particular, a ampliação e transformação do significado da terra. As noções de rural como espaço de preservação ambiental e de natureza como meio de contemplação passa a ser concorrentes com o valor da terra como meio de produção agrícola, o que tem consequências diretas sobre as relações entre os atores sociais e as disputas de interesses" (CARNEIRO, 2008, p. 32)

Nesse campo de conflito, três principais posições de destinação podem ser elencadas: a ênfase em um rural como destino produtivo, a associação entre rural e qualidade de vida e o rural como "patrimônio ambiental" (WANDERLEY (2000, p.100), nessa tipificação podemos identificar o espaço de SLP entre a segunda e terceira posição, já que a própria colocação de um rural como espaço de consumo de uma melhor qualidade de vida, vem vinculada a noção e valorização do patrimônio ambiental.

Nessa perspectiva devem ser entendidos os investimentos em turismo em SLP, valendo a reflexão sobre que posições são executadas, assim como, quem as executa. São atores de origem urbana que fizeram com que políticas públicas e privadas fossem destinadas a localidade, no entanto a gestação de um rural para o turismo, ou seja, como espaço de consumo, não nasce na cidade de forma independente e daí segue ao campo, o que ocorre é uma confluência entre a criação do supracitado turismo redentor em nível local e a gestação de uma valorização de SLP como local de melhor qualidade de vida, tornando-o produto a ser consumido.

O produto dessa confluência ocasionou o crescimento da compra de imóvel principal em SLP por um público urbano de alta renda, que se desloca com facilidade até os grandes centros, principalmente porque se constituem de membros das classes mais privilegiadas, que não sentem com tanta ênfase o preço dos combustíveis e mesmos as taxas cobradas pelos pedágios. Nesse sentido uma das dinâmicas imobiliárias identificadas por Da Silva et al (2002), que se refere a um fluxo de pessoas de baixa renda em direção ao campo, onde os terrenos teriam um valor menor que na cidade, parece estar em vias de desaparecimento em SLP, mesmo que esse tipo de deslocamento tenha ocorrido, agora ele começa a perder força devido o aumento dos preços, ocasionado pela pressão imobiliária e pela

colocação de SLP como local que alia, descanso, sossego, segurança e paisagem natural.

Esse fluxo cresce a partir do momento que esses espaços passam a ser intercruzados por vias rodoviárias, o acesso ao transporte coletivo aumenta e a posse de automóveis faz com que o contato entre esses dois mundos, rural e urbano, se alargue consideravelmente. Entretanto, continua a ocorrer uma diferença no nível de retração do tempo-espaço, ou seja, como já falamos, o acesso ocorre de forma desigual, o que nos faz retomar uma velha questão da desigualdade de renda, de oportunidade e da expansão dos direitos sociais e culturais, ou seja, a mesma lógica capitalista que impede que as comunidades locais usufruam do produto decorrente das práticas turísticas, impede que esse contato com o meio urbano seja de fato eficiente. Continua sendo relativamente baixo – ainda que pareça ter aumentado – o acesso de pessoas do meio rural a infraestrutura mais presente nos grandes centros, se não por limites financeiros, por outros limites, como os informacionais e culturais, ou seja, o acesso se torna mais possível, mas não menos constrangedor.

Como vimos, SLP, deixou de ter como protagonista para o desenvolvimento local, a agricultura e mesmo a pecuária encontra-se alienada da população autóctone, no entanto, isso, há mais de uma década parecia identificado e em vias de correção com a ascensão do turismo em espaço rural, que aparentemente viria a suprir as lacunas deixadas pelas ocupações anteriores, o que de fato não ocorreu, e o que desigualmente corrigiu essas falhas foram empregos antes característicos do meio urbano, como os supracitados postos de combustíveis e praças de pedágio. Práticas mais interessantes ou que poderiam formar – junto aos empregos citados – uma dinâmica econômica eficaz e incluyente, foram inócuas ou novamente desenvolvidas fora do monopólio da população local⁵⁹.

Atualmente, o turismo ainda na busca de uma dinâmica própria encontra-se sob forte participação do poder público, do empresariado externo e de neorurais e baixa participação da população local.

A demanda de atores urbanos para o meio rural de SLP, que se concentra principalmente na busca pela natureza – no entanto o conjunto do território (cultura,

59Em SLP a população local, além de abandonar trabalhos mais característicos da condição camponesa, não se tornou polivalente no sentido de expandir suas ações enquanto camponês ou enquanto trabalhador rural, o que ocorreu foi uma troca quase que direta das ocupações trabalhistas “rurais”, para empregos mais voltados a processos econômicos da sociedade englobante.

acesso, comunicação) vai favorecer com que esse espaço torne-se mais atrativo – possibilita uma valorização de mão dupla, pois a partir da valorização do território, também pode ser observado uma valorização no sentido de “reafirmar uma identidade local” (WANDERLEY, 2000, p. 117), ainda para essa autora, o que se destaca nessa abordagem de “valorização do território” no sentido de “valorização local”, são que os recursos naturais e culturais, ou seja, a natureza e a cultura objetificada passam a ser reconhecidos como fatores que podem desencadear e promover o desenvolvimento local, nesse sentido cabe a colocação de Kayser, quando diz que a cultura pode servir como uma alavanca para o desenvolvimento local. Concordamos plenamente com essa possibilidade, no entanto vale salientar que essa dinâmica num contexto que pouco acredita na autogestão das comunidades locais e participação tênue do poder público junto a essas comunidades, pode acarretar numa apropriação pelos setores e mercados econômicos urbanos, no sentido de explorar essas localidades, o que em médio prazo pode acarretar um descolamento de práticas como o turismo em espaço rural como fator de desenvolvimento local.

Retomando algumas perguntas e buscando respondê-las, percebemos que o encontro entre turista e comunidade local, já não é tão real, e alias quase não acontece, ou pelo menos, não acontece com a mesma intensidade que acontecia com os primeiros rodeios crioulos, isso ficou visível em algumas entrevistas já citadas (p. 78) e da própria observação da falta de espaços comuns a esses grupos, restrito quase que totalmente ao mercado na avenida principal, onde porventura podem se encontrar turistas e comunidade local, presentes no mesmo espaço e sem uma diferenciação hierárquica posta⁶⁰. Isso nos leva a conceber duas ruralidades constituídas por múltiplos atores que pouco dialogam entre si, fazendo com que a utilidade/uso do espaço rural que deveria ser discutidos em conjunto – mesmo com tensões e conflitos – simplesmente não aconteça.

Dentro desse quadro poderíamos identificar o rural de SLP como um rural que em um primeiro momento se aproxima em seu contorno (sempre decorrente de processos de homogeneização e focalização) de um espaço com elementos de um rural Socioambiental, na forma descrita por Brandenburg (2010), mas também de um

⁶⁰Consideramos que as relações entre turistas e moradores que ocorrem nas pousadas se dão em uma esfera hierárquica, entre aquele que paga o serviço e aquele que presta o serviço.

rural em processo de pasteurização, no sentido de torná-lo um produto a ser consumido.

Para o bem ou para o mal, esses dois sentidos de rural, se relacionam a movimentos de ordens não restritas ao local. O próprio processo de globalização possibilita o aproveitamento dos diferenciais dos espaços rurais (natureza, tradições, identidade cultural forte, etc.), nesse sentido, o diferencial torna-se um fator importante para a inserção do lugar na economia global, inclusive com a possibilidade de a cultura exercer um papel importante no desenvolvimento local, no entanto no rural em vias de pasteurização o uso desse diferencial ocorre por um aparato exógeno e que no seu desenvolvimento se distancia cada vez mais dos interesses locais.

Nesse sentido, o rural que chamamos de pasteurizado, pode ser colocado como uma terceira via na discussão acerca do meio rural no mundo globalizado. Grosso modo a discussão esteve dividida em duas visões, uma que creditava um impacto negativo de descaracterização das particularidades locais e de outro, uma visão inversa, que concebia uma focalização das partes, onde o quadro local passa a ser mais visto, conhecido e valorizado pelas suas particularidades. Já no rural pasteurizado, as fronteiras tornam-se horizontes, e amplia-se o acesso a essas fronteiras, inclusive em sua transposição, o que facilita o conhecimento de novas particularidades, que não são nossas e por isso nos atraem. Quando partimos em valorização ao meio rural, evidenciamos o potencial mercadológico desses locais, fazendo com que uma série de investimentos exógenos e muitas vezes estranhos as comunidades sejam efetivados, fazendo com que em alguns casos essas localidades tornem-se – por um processo de objetificação da cultura – um meio para o consumo de determinadas classes urbanas.

O processo de transformação do espaço rural em produto de consumo, quase sempre exige uma série de modificações a fim de adaptação ao gosto do cliente, processo sucedido pela potencialização das particularidades. Em um primeiro momento se inclui no pacote o conforto urbano no aparelho turístico no meio rural, fazendo da ida ao rural uma viagem no seio dos mesmos conjuntos de práticas urbanas, em um segundo momento buscam-se potencializar determinados caracteres de um rural – quase sempre tradicional – como forma de atrativo que simula o autêntico para o público urbano.

A grande diferença entre o rural socioambiental e rural pasteurizado, é que o primeiro é sinérgico, enquanto o segundo é individualista e disperso, não inclinado para o mesmo ponto, seja a manutenção das práticas locais, o desenvolvimento local ou a busca do equilíbrio entre as diferentes atribuições dadas ao rural pelos diversos atores.

Notamos que muito do discurso acerca do meio ambiente tornaram-se de certa forma parte de um conjunto de valores que poderíamos chamar de cultura elitista ou alta cultura, mas também de uma cultura como consumo, que se choca com as culturas locais, nesse sentido, hibridizam-se em SLP esses três tipos de cultura, muito próximo do que Terry Eagleton (2005), chamou de excelência, ethos e economia.

5.1 À GUIA DE CONCLUSÃO

O espaço rural de SLP tornou-se ao longo do tempo um local para o consumo do conjunto rural objetificado. Mesmo que concordemos em que o turismo diferenciado teve e ainda tem a capacidade de fazer o rural de SLP tornar-se dinâmico para a população local dentro de uma economia mais ampla, não mais em simples oposição ao conjunto urbano, mas como espaços de complementaridade recíproca, também percebemos que a ascensão desse tipo de turismo trouxe novas formas de dominação da cultura urbana sobre a cultura rural, facilitando um disciplinamento do espaço como forma de atender um público externo, que procura encontrar um pacote (descanso, natureza, identidade territorial forte, valores sustentáveis, pauta ambiental, tradições, etc.) criado no nível urbano.

Entretanto não acredito num maniqueísmo onde o urbano seria o pólo negativo e o rural o pólo romântico, de moradores oprimidos por uma ou outra elite urbana. Na verdade o que ocorre é um encaminhamento no sentido de transformar SLP num espaço cada vez mais ocupado por uma lógica criada a nível urbano e restrito a grupos economicamente privilegiados, sem que isso de fato de dinamismo a economia local. Isso pode ser observado com facilidade nos detentores dos aparelhos turísticos e dos espaços que dão suporte a esse turismo, assim como, no baixo nível de participação dos moradores locais em atividades que dariam suporte a esse mercado.

Caberia fazer a pergunta “Quem vive do turismo em SLP?”, a resposta pode ser bastante ampla, mas poderíamos afirmar que não são os moradores de longa data, e sim os neorurais. Mesmo que isso não seja um problema social, visto que as estratégias de mercado estejam teoricamente ao alcance de todos e que investir no meio rural segue uma lógica não tão diferente de aplicar na bolsa de valores, o que nos chama a atenção é a possibilidade que faça do rural de SLP um gueto de investidores urbanos que atendem um público urbano.

Sabemos que o meio rural já foi produto de consumo com a expansão da fronteira agrícola. Após o desgaste deste tipo de exploração, novas formas se impõem, agora adaptados as discussões acerca de um capitalismo criativo ou do tão em voga capitalismo verde, mais delicado que isso é que o produto vendido se transforma apenas no nível de discurso, fazendo com que as facilidades (aumento salarial, flexibilidade no trabalho e vários outros benefícios trabalhistas existentes em economias capitalistas desenvolvidas), não apareçam de fato.

Creemos ainda que a falta de sinergia entre os proprietários dos aparelhos turísticos e a comunidade local, é prejudicial a ambos, o que aparece na fala dos dois grupos, inclusive percebemos empresários que gostariam de uma participação mais intensa da comunidade local. O espaço que foi construído por todos deve dar abertura a maior participação de pessoas que for possível.

Nesse sentido, hoje os representantes de SLP para a comunidade englobante raramente é feita por porta-vozes locais, mas sim por aqueles que tiveram maior capacidade de coisificar a cultura local.

Sustentamos que no quadro atual de mudanças pelas quais SLP passou e ainda passa, se faz necessário a participação do poder público, não simplesmente como aquele ator que subsidia – mesmo que isso deva ser intransferível – o avanço turístico, mas também e principalmente como mediador desse desenvolvimento que deve em sua esteira incluir todos os grupos de atores presentes, sejam neorurais, turistas, chacareiros e principalmente população autóctone.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho percebemos que o espaço rural de São Luiz do Purunã apresenta características próprias e específicas que se alteraram ao longo do tempo por distintas razões, algumas delas decorrentes das relações com as diferentes fases do turismo.

O turismo em SLP passou por uma série de momentos, podendo ser diferenciado pela lógica e pelos proponentes desse tipo de função do espaço. Nosso trabalho se concentrou de forma mais direta em dois momentos específicos, o primeiro que ocorreu a partir da década de 60, caracterizado por um turismo levado a cabo por elites locais, onde suas principais marcas foram às festas de rodeios, e o segundo momento que teve início apenas no final do século XX, quando passou a existir um turismo concebido e fomentado por um público externo.

O primeiro momento marcado pelo rodeio crioulo fez de SLP um local conhecido e identificado pela sociedade englobante. As festas de rodeio frutos de uma lógica de preservação dos costumes locais, rapidamente passaram a ter uma lógica cada vez mais mercadológica, onde a parcela do social se mostrava cada vez menos evidente.

O segundo momento veio na aba do movimento global, que priorizava uma maior valorização da natureza, provocando em SLP uma ressignificação do espaço, dando a esse uma função cada vez mais contemplativa.

Tanto o legado do rodeio crioulo com as tradições gaúchas quanto o uso do espaço como lazer e descanso pelo turismo diferenciado encontram-se atualmente presentes em SLP, e a busca da compreensão desse panorama foi o que por diversos momentos serviu de norte para o andamento do nosso trabalho.

Desdobrar o cotidiano de SLP possibilitou descobertas e conclusões que partiram de orientações teóricas, principalmente na perspectiva de que para a construção da realidade, “a teoria vem antes dos fatos, seleciona-os e interpreta-os, em suma os constrói” (PIRES, 2008:62), fazendo do que produzimos um conhecimento aproximado da realidade e não a realidade total, já que “a observação é um processo de redução” que “deve ter a qualidade de exprimir a realidade nas dimensões fundamentais” (PIRES, 2008:65).

Devido ao curto prazo estabelecido para a conclusão do texto de dissertação, gostaria de deixar mais algumas inquietações que podem servir como agenda de pesquisa para projetos futuros.

Muitas inquietações surgidas são fruto do momento pelo qual SLP passa, onde as “etnografias”⁶¹ sobre o local aumentam, os círculos de tensão entre diferentes grupos de atores estão mais expostos e ocorre toda uma movimentação na colocação de SLP como destino turístico, o que inevitavelmente nos leva a pensar que temos o quadro geral, mas existem uma enormidade de particularidades e processos que gostaríamos de nos ater, entre eles a compreensão do nível de efetividade do poder público nas tomadas de decisões acerca das políticas para o turismo, compreensão da luta pela construção do passado através da definição das escolhas memórias, compreensão das tensões entre gauchismo e tropeirismo enquanto tradições locais, compreensão do nível de autenticidade dos atuais discursos sobre o passado de SLP, compreensão da importância da agricultura e do agricultor nesse espaço, compreensão dos pontos motivadores do fenômeno de crescimento da segunda residência, compreensão do processo de disciplinamento do espaço como forma de atender um público externo e compreensão do processo – e dos atores – responsáveis pela transformação da cultura e dos espaços locais em mercadoria.

Essas inquietações surgiram na medida em que íamos obtendo as respostas aos objetivos propostos. No caminho onde constatamos que as manifestações gaúchas em SLP se ligavam a uma releitura do tropeirismo e de outras práticas locais ocasionadas em um momento onde a configuração interna passava a sofrer modificações mais contundentes, surgiram percepções acerca de uma luta pela construção do passado através da definição das escolhas memoriais, principalmente entre gauchismo e tropeirismo. Foi nessa perspectiva que compreendemos que as tradições mais evidentes, que chamemos de cultura local, foram apropriadas diferenciadamente pelo tipo de turismo que se desdobrou em cada momento. Enquanto o turismo de rodeio criou e fomentou um gaúcho que em grande parte era o tropeiro – que então se encontrava em vias de extinção –, o turismo diferenciado se concentra em um tropeiro mais longínquo, mais idealizado e teoricamente mais discutido. Isso ocasionou um descolamento visível entre tropeiro e gaúcho, que até então – até mesmo pelo passado em comum – eram quase figuras híbridas.

61No sentido genérico, indicando qualquer estudo acadêmico ou não sobre a localidade.

Dessas apropriações surgiram formas até então inexistentes de manifestações da cultura local. A criação do centro de tradições gaúchas na década de 60 proporcionou um processo tradicionante que ia além das festas do gauchismo e podia ser visto nas práticas lúdicas cotidianas. Já o turismo diferenciado, ao idealizar o passado tropeiro da vila de SLP, proporciona a construção de marcos memoriais voltados para o resgate do tropeirismo, provocando a realização de eventos em memória deste, entretanto não faz com que as práticas do tropeirismo sejam revividas, elas são apenas lembradas.

No momento que percebemos que as ocupações trabalhistas dos moradores de SLP encontram-se cada vez menos restritas as características da condição camponesa, principalmente a agricultura e se concentram cada vez mais nos postos de combustíveis e nas praças de pedágio ou ainda em empregos públicos locais e ocupações que exigem deslocamento para os centros urbanos mais próximos, também encontramos a ênfase na importância dada ao agricultor que mesmo com pouca evidência atual, apresenta-se como um personagem importante na cultura local, assim como, um (re)surgimento – ainda tímido – de pequenas hortas, algumas orgânicas e outras convencionais que já comercializam suas produções.

Os questionamentos referentes a compreensão do aumento da segunda residência, do processo de disciplinamento do espaço e da transformação da cultura e dos espaços locais em mercadoria, surgiram enquanto percebíamos que as iniciativas para o turismo em espaço rural foram efetivadas em um primeiro momento por uma elite local e em um segundo momento por um público empresarial vindo do meio urbano e que vem focando sua atenção também no meio natural e tendo mais capacidade de transformar as características locais em mercadoria. Nessa perspectiva o aumento da procura turística, dos investimentos nessa área e do crescimento da segunda residência, fez com que aumentasse o fluxo em direção a SLP, inclusive proporcionando determinados disciplinamentos do espaço para recepção desse público, mas que até o momento pouco tem cooperado para o desenvolvimento local. Como produto dessas constatações e em meio ao surgimento de outras interrogações percebemos que esse aumento do fluxo em direção a SLP era produto e também causa da emergência de uma nova ruralidade, produzida por atores que buscam ou fazem de SLP um local de fuga do ambiente urbano. Interessante notar que há uma grande diferença entre o que motivava o público dos últimos rodeios e o que motiva esse novo público. Enquanto parte dos

atores dos últimos rodeios buscavam uma festa tão agitada quanto as que ocorrem no ambiente urbano, os atores dessa ruralidade que emerge e se sobrepõe ou justapõe com uma ruralidade já presente, buscam o espaço natural como local de descanso e lazer, um rural contemplativo. Vejamos, para grande parte do público dos últimos rodeios tanto fazia se SLP era rural ou não, já para o público do turismo diferenciado, se faz necessário que SLP seja rural.

Para finalizar, gostaria de mencionar que essas inquietações surgidas no seio das respostas que obtivemos, exigem um maior grau de aprofundamento no intuito de chegar a conclusões mais efetivas, mas servem nesse momento como citação de uma possível agenda de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ALMEIDA, Fabiana Andrade Bernardes. Turismo, produção do espaço, ruralidade e gestão social. In: CORRÊA, M. L.; PIMENTA, S. M.; Arndt, J. R. L. (Org.). **Turismo, sustentabilidade e meio ambiente: Contradições e convergências**, Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 327 p., p. 49–71.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2000.

BAUMAN, Zigmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 2012.

BIAZZO, Pedro Paulo. Campo e rural, cidade e urbano. distinções necessárias para uma perspectiva crítica em geografia agrária, 2008/4, p. 132–150, 2008. Acesso em: 24 jul. 2013.

BIGG-WHITER, Thomas. **Novos Caminhos no Brasil Meridional: A Província do Paraná, Três Anos de Vida em Suas Florestas e Campos. 1872/1875**. Curitiba (PR): UFPR, 1974.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BORGES, Jorge Luis. **El libro de los seres imaginarios**. Barcelona: Bruguera, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2008.

BOUJU, Jacky. Tradition et identité. La tradition dogon entre traditionalisme rural et néotraditionalisme urbain. **Enquête**, 2/1995, p. 95–117, 1995. Disponível em: <<http://enquete.revues.org/313>>.

BRANDENBURG, Alfio. A colonização do mundo rural e a emergência de novos atores. **Ruris**, 2010/4, n. 1, p. 167–194, 2010. Acesso em: 14 mai. 2014.

BRANDEBURG, Alfio. Do rural tradicional ao rural socioambiental. In: **Ambiente & Sociedade**. 2010/XIII (2), pp. 417–428.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. 1. ed. São Paulo (SP): Contexto, 2012.

CANDIDO, A. **Os parceiros do rio bonito**: estudo sobre o caipira e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo, SP: 34, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O turismo e a produção do não lugar. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; DA CRUZ, Rita de Cássia Ariza (Org.). **Turismo**: Espaço, paisagem e cultura, São Paulo (SP): Hucitec, 1996. 1 vol. (135 (Geografia : Teoria e Realidade, 30), p. 25–37.

CARNEIRO, Maria José. "Rural" como categoria de pensamento. **ruris**, 2008/2, n. 1, p. 9–38, 2008.

CASAL, Manuel Ayres de. **Relação Histórico-Geográfica do reino do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Regia, 1917.

Centro Internacional Celso Furtado de políticas para o desenvolvimento (Org.). **Cadernos do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2006. 1).

CINTRA, Anael Pinheiro de Uilhôa; BRANDENBURG, Alfio. Vida social e trabalho no campo: um estudo sobre a diversidade do espaço rural nos pequenos municípios paranaenses. In: Rede de estudos rurais (Org.). **3º Encontro da Rede de Estudos Rurais**. Campina Grande (PB). 09 a 12 de setembro, 2008.

CORIOLOANO, Luzia Neide. Turismo e degradação ambiental no litoral do Ceará. In: LEMOS, Amália Inês Geraiges de (Org.). **Turismo: Impactos socioambientais**. 2. ed., São Paulo: Editora Hucitec, 1999. 305 p. 31), p. 93–103.

COUTO, Mia. **Estórias abensonhadas: Contos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

DA SILVA, José Graziano; DEL GROSSI, Mauro Eduardo; CAMPANHOLA, Clayton. O que há de realmente novo no rural Brasileiro. **Cadernos de ciência e tecnologia**, 2002/19, n. 1, p. 37–67, 2002.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método Sociológico**. 10. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo (SP): Unesp, 2005.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John I. **Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 2000.

FERRARA, Lucrécia d'Alessio. O turismo dos deslocamentos virtuais. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; DA CRUZ, Rita de Cássia Ariza (Org.). **Turismo: Espaço, paisagem e cultura**, São Paulo: Hucitec, 1996. 1 vol. (135 (Geografia : Teoria e Realidade, 30), p. 15–24.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. Turismo e Cultura. um estudo das modificações culturais no município de Soure em decorrência da exploração do turismo ecológico. In: LEMOS, Amália Inês Geraiges de (Org.). **Turismo: Impactos socioambientais**. 2. ed., São Paulo: Editora Hucitec, 1999. 305 p. 31), p. 207–222.

FINLEY, Moses Isaac. **Uso e abuso da História**. 1. ed. São Paulo (SP): Martins Fontes, 1989.

Fórum DRS. **Meio Rural: um lugar de vida e trabalho**. Entrevista com Maria Nazareth Baudel Wanderley.

GALEANO, Eduardo. **De Pernas pro ar a escola do mundo ao avesso**. Porto Alegre: L&pm, 1999.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. (Org.). **Modernização reflexiva política, tradição e estética na ordem social moderna**, São Paulo: Unesp, 1997. 264 p. (biblioteca basica, p. 73–134).

HALBWACHS, Maurice (Org.). **A Memória coletiva**. São Paulo: Vertice; Ed. Revista dos Tribunais, 1990. p.189. (biblioteca vertice. sociologia e politica.

HOBSBAWM, Eric. Introdução. A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**, Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 2012, p. 11–28.

HORACE. **Sermones the satires of horace**: Forgotten Books, 2013.

IAPAR. **Cartas climáticas básicas do Estado do Paraná**. Londrina, PR: Instituto Agrônômico do Paraná, 1978.

Jornal folha de Campo Largo. **Fundação do Centro de Tradições Gaúcha “São Luiz do Purunã”**. Campo Largo, 28 de abril de 1963.

Jornal folha de Campo Largo. **Cem touros distribuídos em S. Luiz do Purunã por Pimentel**. Campo Largo, capa, 02 de maio de 1965.

Jornal folha de Campo Largo. **Ônibus para S. Luiz na festa do rodeio**. Campo Largo, 01 de junho de 1969.

Jornal folha de Campo Largo. **V Rodeio Crioulo do Paraná**. Campo Largo, capa, 19 de abril de 1970.

Jornal folha de Campo Largo. **XVIII Rodeio de São Luiz do Purunã**. Campo Largo, capa, 1º quinzena de maio de 1989.

Jornal folha de Campo Largo. **Organizadores do Rodeio de São Luiz preservam o contato com a natureza**. Campo Largo, p. 07 , 2º quinzena de maio de 1989.

Jornal folha de Campo Largo. **XIX Rodeio Crioulo do Paraná**. Campo Largo, capa, 27 de abril a 03 de maio de 1990.

Jornal folha de Campo Largo. **Milhares de pessoas participam do XX Rodeio Crioulo do Paraná**. Campo Largo, p. 08, 10 a 16 de maio de 1991.

Jornal folha de Campo Largo. **Vem aí o XXI Rodeio Crioulo do Paraná**. Campo Largo, capa, 20 a 26 de março de 1992.

Jornal folha de Campo Largo. **Rodeio esta chegando prepare-se**. Campo Largo, 22 a 28 de abril de 1994.

Jornal folha de Campo Largo. **XXIII Rodeio Crioulo do Paraná acontece neste final de semana**. Campo Largo, p. 11, 29 de abril a 05 de maio de 1994.

Jornal folha de Campo Largo. **Vai até domingo o XXIII Rodeio Crioulo do Paraná**. Campo Largo, capa, 06 a 12 de maio de 1994.

Jornal folha de Campo Largo. **Sucesso na realização do XXIII Rodeio Crioulo**. Campo Largo, p. 08, 06 a 12 de maio de 1994.

Jornal folha de Campo Largo. **Rodeio Crioulo de São Luiz registra público recorde**. Campo Largo, capa, 11 a 17 de maio de 1990.

KAYSER, Bernard. **A cultura**: uma alavanca para o desenvolvimento local. Disponível em: <<http://ec.europa.eu/agriculture/rur/leader2/rural-pt/biblio/culture/art03.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2013.

KAYSER, Jakzam. **Ordem e progresso**: O Brasil dos gaúchos : etnografia sobre a diáspora gaúcha. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil: Editora Insular, 1999.

KOPP, Rudinei. Genoma Gaúcho. **Revista Famecos**, 2001/1, n. 14, p. 110–118, 2001.

LEÃO, Ermelino Agostinho de. **Contribuições históricas e geográficas para o dicionário do Paraná** (v.5). Curitiba, PR: Empresa graphica paranaense Plácido e Silva, 1929.

LENCLUD, Gérard. A tradição não é mais o que era... sobre as noções de tradição e de sociedade tradicional em etnologia. **história, histórias**, 2013/1, n. 1, p. 148–163, 2013.

LESSA, Luís Carlos Barbosa. **Nativismo**: Um fenômeno social gaúcho. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: L&PM Editores, 1985.

LOPES, José Carlos Veiga. Pioneiros dos campos da Lapa. In: PEREIRA, Claudio Nunes (Org.). **Genealogia tropeira (v. 1)**: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (séculos XVII, XVIII e XIX). Coletânea de material histórico e genealógico, 2006. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B889hv13qUwYcEJJWVFWYVZIN2c/edit>

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo (SP): EDUNESP; cultura acadêmica, 2010.

MAACK, Reinhard. **Geografia Física do Estado do Paraná**. Curitiba (PR): Banco de desenvolvimento do Paraná, 1968.

MACIEL, Maria Eunice. A memória tradicionalista. os fundadores. In: ANPOCS (Org.). **XXIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**. XXIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Caxambu (MG). 19 a 23 de outubro, 1999.

MARTINEZ-ALIER, Verena. As mulheres do caminhão de turma. in: PINSKY, Jaime (org). **Capital e trabalho no campo**. São Paulo: Hucitec, 1977.

MENASCHE, Renata. Gauchismo. tradição inventada. **Estudos sociedade e agricultura**, 1993/1, n. 1, p. 22–30, 1993.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Os "usos culturais" da cultura. contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; DA CRUZ, Rita de Cássia Ariza (Org.). **Turismo: Espaço, paisagem e cultura**, São Paulo: Hucitec, 1996. 1 vol. (135 (Geografia : Teoria e Realidade, 30).

MIRANDA, J.M.D; MORO-RIOS, R.F.; SILVA-PEREIRA, J.E.; PASSOS, F.C.; **Mamíferos da Serra de São Luiz do Purunã, Paraná, Brasil**. Pelotas, RS: USEB, 2009.

NETO, Guilherme Howes. **De bota e bombacha**: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo, 12/2009. Orientador(a): Ceres Karan Brum. Dissertação de mestrado (. Porto Alegre) - Centro de ciências sociais e humanas. Universidade Federal de Santa Maria.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: A diversidade cultural no Brasil-nação. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

ORWELL, George. **Como morrem os pobres e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jathay. A invenção da sociedade gaúcha. **Ensaio FEE**, 1993/14, n. 2, p. 383–396, 1993.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de Queiroz. Do rural e do urbano no Brasil. In: SZMRECSÁNYI, T.; QUEDA, O. (Org.). **Vida rural e mudança social**. 3. ed., São Paulo (SP): Companhia Editora Nacional, 1979 (Ciências Sociais, 46), p. 160–176.

REVEL, Jacques. **História e Historiografia**: Exercícios críticos. 1. ed. Curitiba: UFPR, 2010.

ROCA, Zoran; OLIVEIRA, José António. A paisagem como elemento da identidade e recurso para o desenvolvimento. **Actas**. X colóquio ibérico de geografia. Évora, Portugal. 22 a 24 de setembro, 2005, p. 2–16.

ROCHA, Betty Nogueira. **“Em qualquer chão: sempre gaúcho!”**: A Multiterritorialidade do migrante “gaúcho” no Mato Grosso, 2006. Orientador(a): Maria José Teixeira Carneiro. Dissertação de mestrado (Seropédica (RJ)). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

RODRIGUES, Arlete Moysés. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; DA CRUZ, Rita de Cássia Ariza (Org.). **Turismo**: Espaço, paisagem e cultura, São Paulo: Hucitec, 1996. 1 vol. (135 (Geografia : Teoria e Realidade, 30), p. 55–62.

RUA, João. Urbanidades no Rural. o devir de novas territorialidades. **Campo -Território: Revista de Geografia Agrária**, 2006/1, n. 1, p. 82–106, 2006.

RUSCHMANN, Doris van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente.** Campinas, SP: Papirus Editora, 1997.

SAINT-HILAIRE, August. **Viagem pela comarca de Curitiba.** Curitiba (PR): Fundação Cultural, 1995.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA (ORG.). **Tropeirismo: um modo de vida.** Curitiba: Governo do estado do Paraná, 1989. 1989).

SECRETARIA DE OBRAS PÚBLICAS, VIAÇÃO E AGRICULTURA (ORG.). **Guia turístico e rodoviário do estado do Paraná.** Curitiba (PR): Departamento de obras e viação, 1942.

SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE (SEMA). **Lista Vermelha de plantas ameaçadas de extinção no estado do Paraná.** Curitiba, PR: SEMA/GTZ, 1995.

STRAUBE, Kelly Von Knoblauch. **A estruturação sócio-espacial do sistema tropeiro: o caso do caminho das tropas entre Palmas e União da Vitória/PR, 2007.** Orientador: SAHR, Wolf Dietrich Gustav Johannes. Dissertação. Universidade Federal do Paraná.

PIRES, Á. P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: VVAA. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Londrina (PR): Eduel, 2013.

SOLARI, Aldo. O objeto da sociologia rural. In: SZMRECSÁNYI, T.; QUEDA, O. **Vida rural e mudança social.** São Paulo, SP: Editora Nacional, 1979.

SOUZA, Dirceu Luiz de. **Estudo exploratório das buscas de informação dos usuários dos serviços oferecidos pelas pousadas rurais da região de São Luis do Purunã na cidade de Balsa Nova - Pr, 2007.** Orientadora: Edmeire C. Pereira Monografia de conclusão de curso (Curitiba (PR)). Universidade Federal do Paraná.

THOMPSON, Edward Plumer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2012.

TOURAINÉ, Alain. **Pensar outramente**: O discurso interpretativo dominante. Petrópolis: Vozes, 2009.

TOURINHO, Luiz Carlos Pereira. **Toiro passante**: II - tempo de província. Curitiba (PR): Litero-técnica, 1986.

VASCONCELOS, João. Estéticas e políticas do folclore. **Análise Social**, 2001/36, 158-159, p. 399–433, 2001.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 7. ed. Curitiba (PR): Gráfica Vicentina, 1995.

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas. o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos sociedade e agricultura**, v. 15, p. 87–145, 2000.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A ruralidade no Brasil Moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACCA, N. (Org.). **Una nueva ruralidad en América Latina?** 1. ed., Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001. 382 p. (Colección Grupos de trabajo de CLACSO).

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural brasileiro. acesso a bens e serviços e integração campo-cidade. **Estudos sociais agrícolas**, 2009/17, n. 1, p. 60–85, 2009.

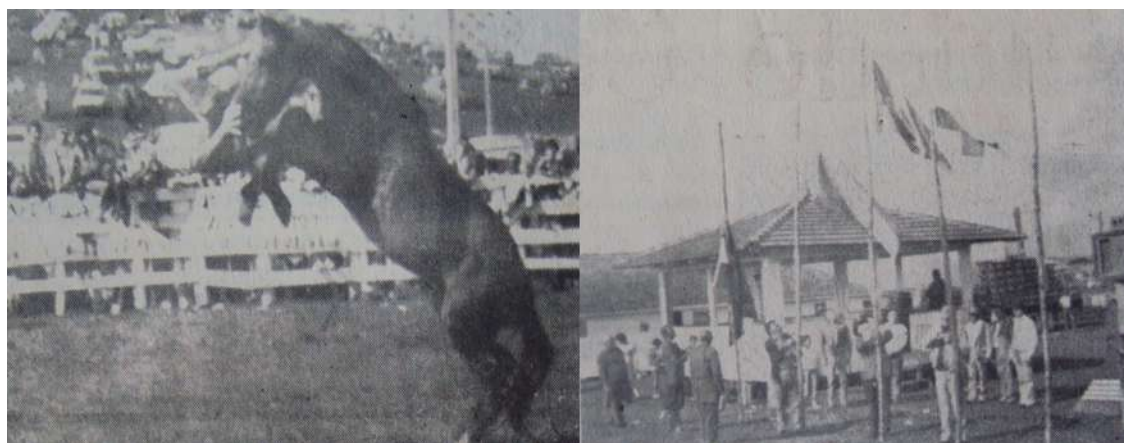
WESTPHALEN, Cecília Maria. **O barão dos Campos Gerais e o comércio de tropas**. Curitiba: CD editora, 1995.

YÁZIGI, Eduardo. Introdução. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; DA CRUZ, Rita de Cássia Ariza (Org.). **Turismo**: Espaço, paisagem e cultura, São Paulo: Hucitec, 1996. 1 vol. (135 (Geografia : Teoria e Realidade, 30), p. 9–12.

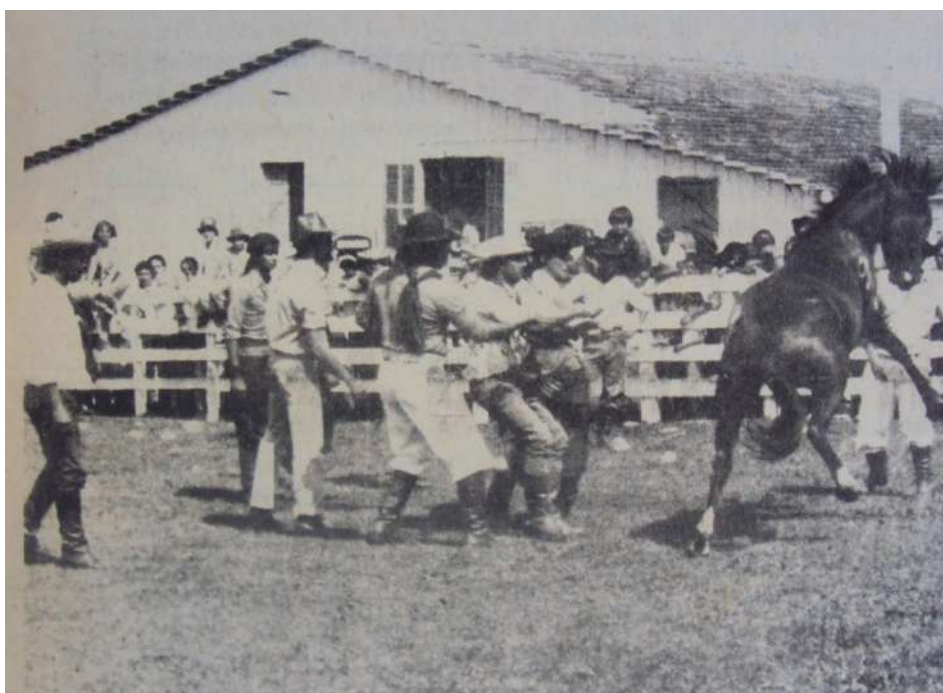
ZAOUAL, Hassan. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições? **Caderno Virtual de Turismo**, 2008/8, n. 2, p. 1–14, 2008.

ANEXO 1 – FOTOS DOS RODEIOS CRIoulos DE SÃO LUIZ DO PURUNÃ

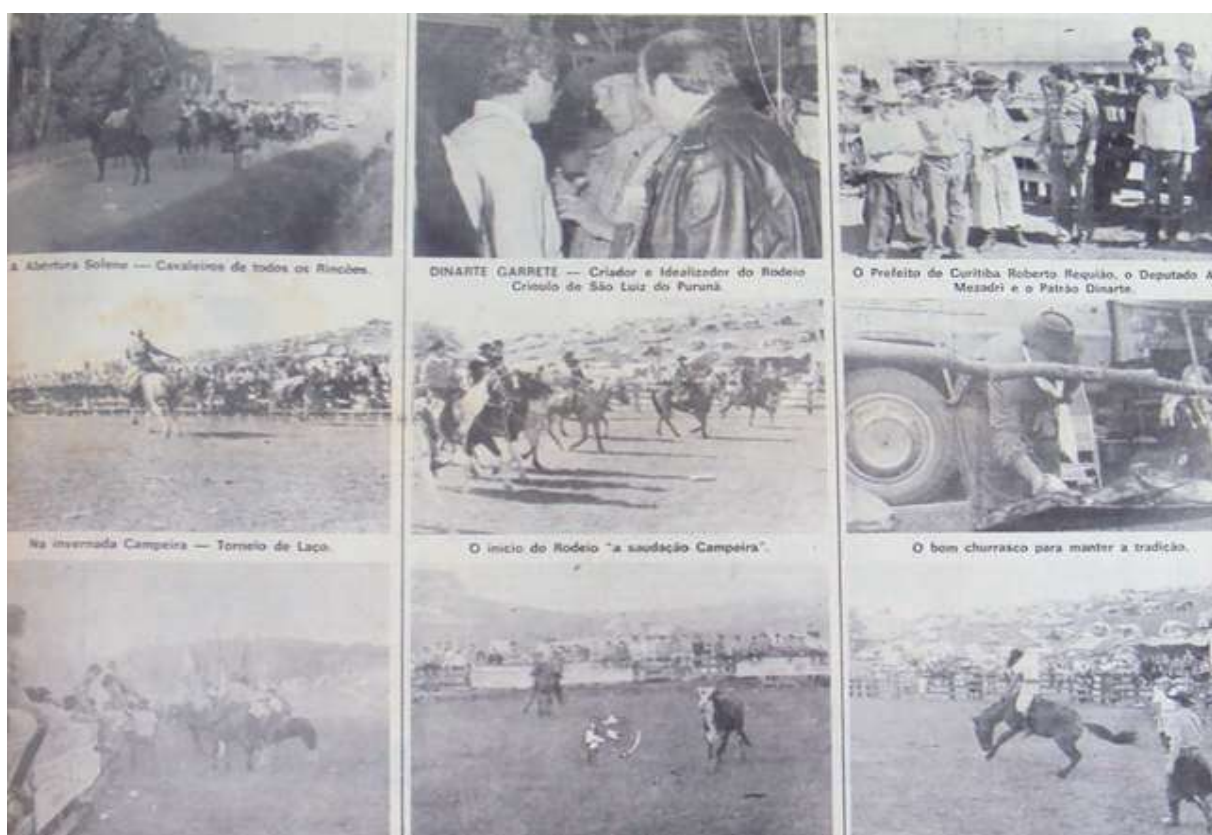
Fonte: Jornal GAZETA DO POVO, 01 de junho de 1969, p. 8.



Fonte: Jornal O METROPOLITANO, 2º quinzena de maio de 1985.



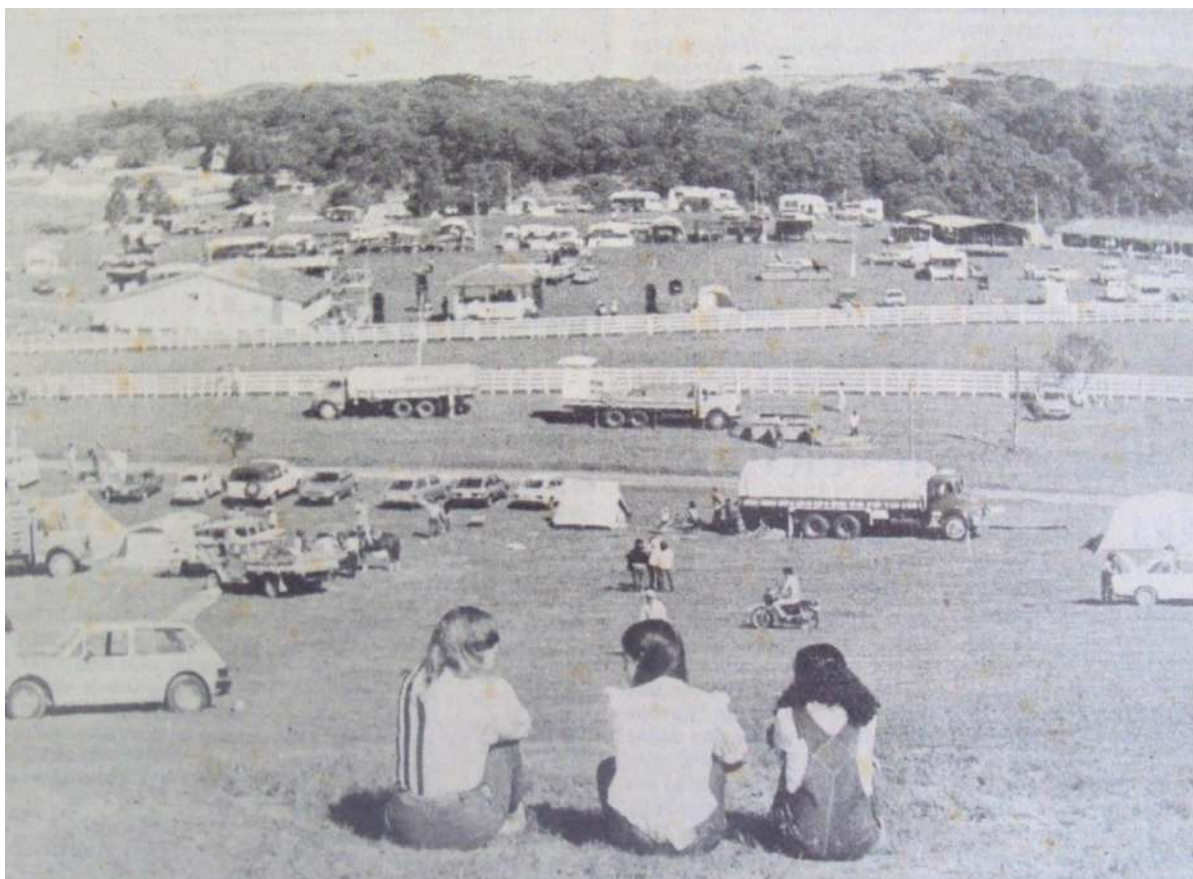
Fonte: Jornal O METROPOLITANO, 1º quinzena de maio de 1986.



Fonte: Jornal O METROPOLITANO, 2º quinzena de maio de 1987, p. 5.



Fonte: Jornal O METROPOLITANO, 2º quinzena de maio de 1987, p. 6.



Fonte: Jornal FOLHA DE CAMPO LARGO, 1º quinzena de maio de 1989, capa.



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Silva.



Fonte: Jornal FOLHA DE CAMPO LARGO, 27 de abril a 03 de maio de 1990, capa.



Fonte: Jornal FOLHA DE CAMPO LARGO, 11 a 17 de maio de 1990, capa.



Fonte: Jornal FOLHA DE CAMPO LARGO, 10 a 16 de maio de 1991, p. 8.



Fonte: Jornal O METROPOLITANO, 4 a 8 de maio de 1992, p. 8.



Fonte: Jornal O METROPOLITANO, 7 A 13 de maio de 1993, p. 9.



Fonte: Jornal GAZETA DO POVO, 02 de maio de 1993.



O rodeio do Purunã, um dos mais tradicionais realizados no Paraná.

Fonte: Jornal GAZETA DO POVO, 27 de abril de 1994, p. 05.

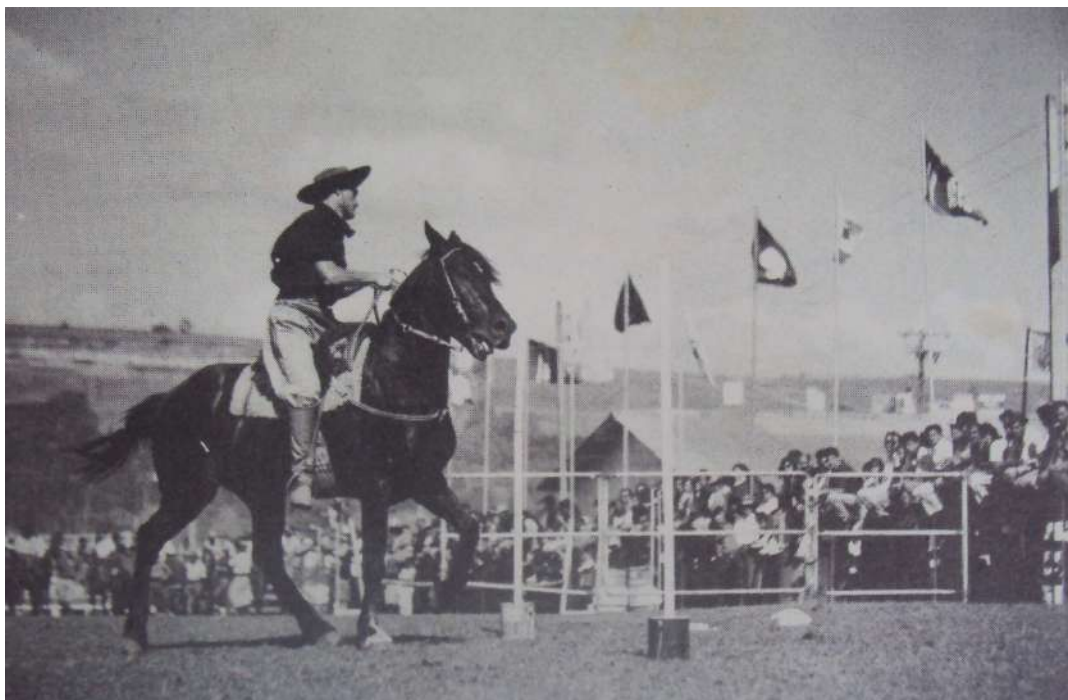


O mais tradicional rodeio do Paraná foi aberto ontem no Purunã.

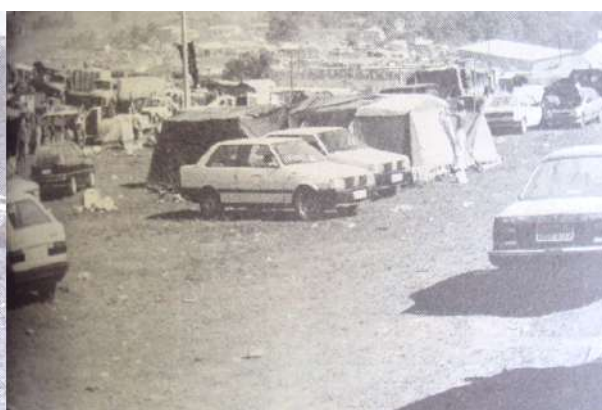
Fonte: Jornal GAZETA DO POVO, 30 de abril de 1994, p. 4.



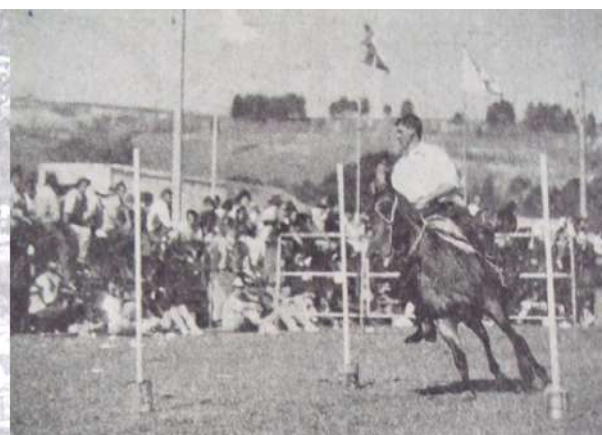
Fonte: Jornal FOLHA DE CAMPO LARGO, 06 a 12 de maio de 1994, p. 8.



Fonte: Jornal O METROPOLITANO, 04 a 06 de maio de 1994, p. 9.



Fonte: Jornal O METROPOLITANO, 04 a 06 de maio de 1994, p. 9.



Fonte: Jornal O METROPOLITANO, 28/04 a 04/05 de 1995.

Rodeio reúne cerca de 80 mil pessoas



O Rodeio de São Luiz do Purunã, que aconteceu neste último final de semana, conseguiu reunir cerca de 80 mil pessoas. Durante os quatro dias do evento, a organização foi o ponto alto. Todos os que foram à Serra de São Luiz voltaram satisfeitos com as atrações promovidas. Balsa Nova e os organizadores estão de parabéns.

O peão demonstra suas habilidades

Página 3

Fonte: Jornal O METROPOLITANO, 05 a 11 de maio de 1995, capa.



Fonte: Jornal GAZETA DO POVO, 05 de maio de 1996.

ANEXO 2 – FOTO DE GEO SÍMBOLOS DE SÃO LUIZ DO PURUNÃ

Fonte: Arquivo pessoal de Josefa Bertoja

ANEXO 3 – FOTO DE TORNEIO DE LAÇO EM SÃO LUIZ DO PURUNÃ

Torneio de laço, 2013. Fonte: arquivo pessoal.

ANEXO 4 – FOTO TURISMO EM ESPAÇO RURAL



Sinaliz

ação turística em SLP. Fonte: Arquivo pessoal.

ANEXO 5 – MAPA DE CONCENTRAÇÃO DO TURISMO EM DIFERENTES ÉPOCAS

